Urbanidade em espaços públicos e a arquitetura do equipamento urbano comunitário




HISTÓRIAS DAS MULHERES

urbanidade em espaços públicos e

A ARQUITETURA DO EQUIPAMENTO URBANO COMUNITÁRIO

trabalho final de graduação

arquitetura e urbanismo

centro universitário

ribeirão preto

GABRIELA CHINARELLI CARDOSO

Anteprojeto do Trabalho Final de Curso apresentado ao Centro Universitário Barão de Mauá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Onésimo Carvalho de Lima.

barão de mauá

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

C262u

Cardoso, Gabriela Chinarelli
Urbanidade em espaços públicos e a Arquitetura do equipamento urbano comunitário/ Gabriela Chinarelli Cardoso - Ribeirão Preto, 2022.

180p.il

Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Onésimo Carvalho de Lima

1. Arquitetura 2. Espaços públicos 3. Feminismo I. Lima, Onésimo Carvalho de II. Título

CDU 72

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB[8] 9878


RES, HISTÓRIAS FEMINISTAS
MARIELLE
PRESENTE

dedicatória

Dedico meu trabalho à todas aquelas pessoas que necessitam do auxílio de instituições governamentais, e que por vezes, tem seus direitos negados ou inferiorizados.

Dedico também à todas instituições não governamentais que dentro do possível, tentam suprir o que o governo não oferece.

À todas as lutas e causas sociais, que por vezes, tem suas vozes caladas perante a sociedade.

À todas as mulheres, que na história tiveram suas vitórias ofuscadas e direitos negados, que possam exercer seu papel social conforme quiserem, sendo valorizadas e respeitadas, assim como qualquer outra pessoa.


MARIELLE
PRESENTE
MARCHA DAS VADIAS
PELA IGUALDADE
DE DIREITOS

agradecimentos

Sou grata à todas as pessoas que fizeram parte da minha vida durante esse período de formação, cada amigo, cada familiar, cada professor e orientador, contribuíram pra formarem a pessoa que eu sou hoje.

Agradeço a todos vocês que acreditam em mim e me permitem ser a minha melhor versão.

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e da sabedoria.


A ARTE DE EDUCAR É UM ATO REVOLUCIONÁRIO.
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA.
APP
(APP-FOZ)
FEMINISMO É A IDEIA RADICAL DE QUE MULHERES SÃO GENTE!

resumo

Este trabalho visa abordar a temática da arquitetura enquanto espaço público, buscando compreender as possibilidades que se estabelecem entre o meio urbano, arquitetônico e a relação que estes meios estabelecem com os corpos que os vivenciam, atuando assim, como organismos integrados.

A aplicação desta temática se dá através de um projeto de arquitetura para um equipamento urbano comunitário de educação e socialização, que visa a capacitação de pessoas de baixa e média renda para inserção no mercado de trabalho, institucionalizado pelo município de Ribeirão Preto como ‘’Centro de Qualificação Social e Profissional”.

O projeto de arquitetura propõe a implantação de um novo equipamento na cidade, sendo pensado a partir do conceito da arquitetura como uma ‘’extensão da rua”, apresentando as características de um espaço que seja público, diverso, pertencente às pessoas, de maneira com que estas possam se apropriar destes espaços e usá-los de inúmeras maneiras.

Uma arquitetura que pense nos corpos que habitam a cidade, debruçando o olhar especialmente para a questão dos corpos femininos e à todas situações as quais são sujeitas quando inseridas em espaços públicos.

Um espaço gerador de urbanidade, uma arquitetura gentil, no qual as pessoas se sintam acolhidas e seguras. Um equipamento que permita encontros, diálogos, caminhos, eliminando qualquer tipo de barreira, física ou social.

Meu trabalho é um voto de esperança e transformação, no que se refere àquilo que puder fazer com a arquitetura enquanto favoreça uma sociedade melhor.

Que a qualidade dos espaços públicos permita.

r

io

01

A CIDADE

corpografias
urbanidade arquitetônica e social
os espaços públicos
os equipamentos urbanos

03

O LUGAR

intro.
origens do bairro ipiranga
levantamento de dados
aspectos locais

05

CONCLUSÃO

consideração final
bibliografia

sumário

02 **URBANIDADES**
intro.
Centro Cultural São Paulo (CCSP)
Biblioteca Parque Belén
A Fábrica| Instituto SEB

04 **A ARQUITETURA**
o equipamento
o projeto
programa
colagens

‘‘Maria, Maria,
É um dom,
Uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria,
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que rí
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida...’’

MARIA, MARIA
composição: Milton Nascimento, 1978.
voz de Elis Regina, álbum Saudades do Brasil, 1980.

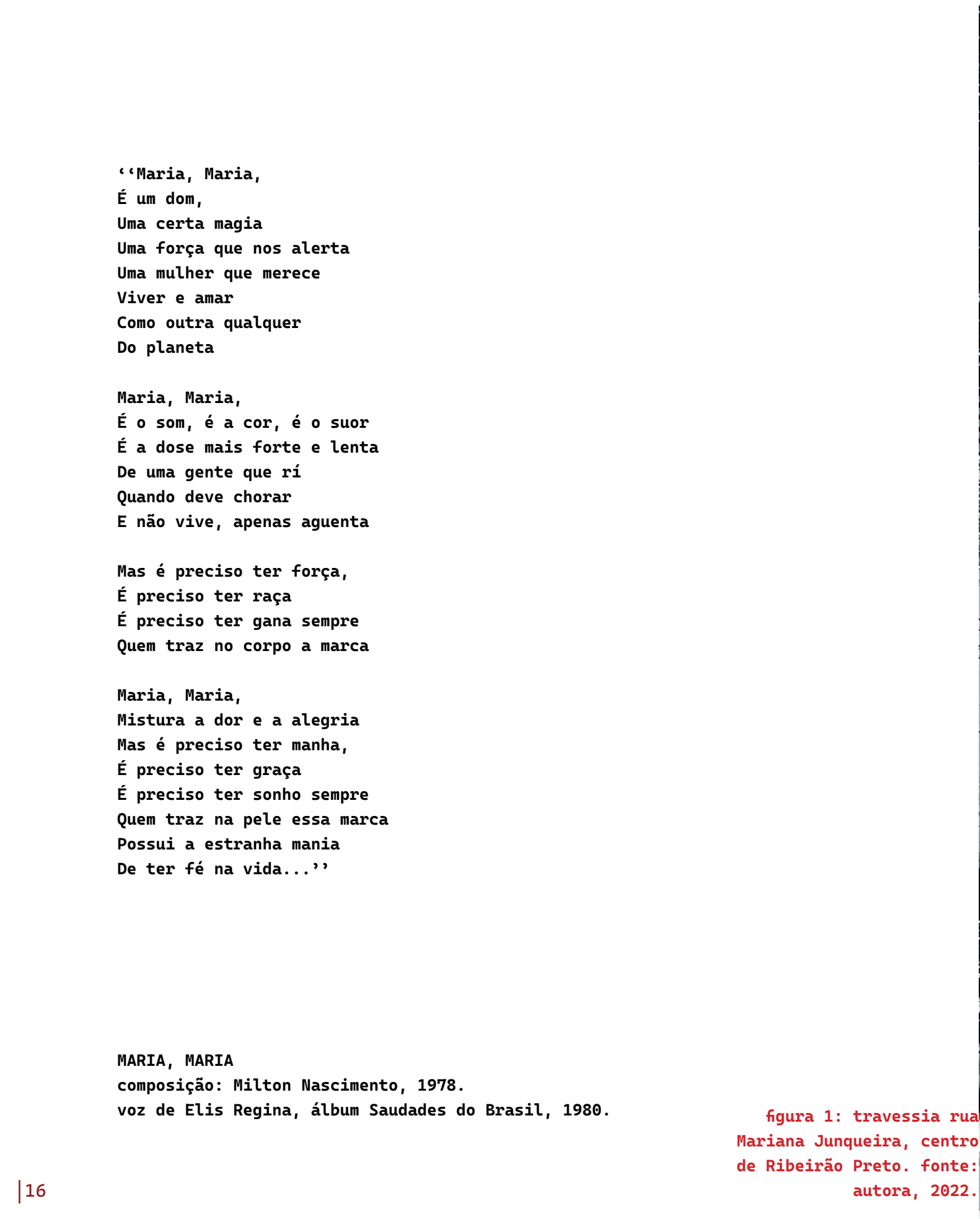


figura 1: travessia rua Mariana Junqueira, centro de Ribeirão Preto. fonte: autora, 2022.


Mariana Junqueira
Rua Mariana Junqueira
Central
276-321
@joysmarrison
Linda
FLORES

apresentação

Explorar a relação do equipamento arquitetônico com o contexto urbano no qual se insere, refletir sobre como os espaços e os edifícios públicos podem ser mais acolhedores, verificar as situações de integração entre arquitetura, espaço urbano e a população, visando a urbanidade, são características que definem o este trabalho.

A relação entre arquitetura e o espaço urbano requer estratégias de integração, conexões e criação de identidade com as pessoas que caminham pela cidade, a fim de convidá-las a usufruir dos espaços e utilizá-los de inúmeras formas.

Ocorre, então, a questão dos equipamentos urbanos comunitários, visto a sua articulação com o meio urbano, com os corpos e como este incorpora características de um espaço público em sua arquitetura. Segundo Neves (2015) é intrínseco aos equipamentos comunitários a promoção de interação social, e para tanto, estes equipamentos devem explorar principalmente as questões qualitativas do espaço, não se restringindo apenas à considerações técnicas e quantitativas.

Considerando os aspectos de uma arquitetura que correlacione as característica de um espaço público integrado ao meio social no qual se insere, este trabalho propõe um projeto de arquitetura para um equipamento comunitário, atuando como um Centro de Qualificação Profissional e Social, com estudos de implantação no bairro Ipiranga, zona norte de Ribeirão Preto, tendo em vista a investigação de possibilidades de integração entre as pessoas, a arquitetura e o espaço urbano.



figura 2: mulher caminhando pela calçada. Vista interna centro de qualificação social e profissional Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.



O Centro de Qualificação Social e Profissional (CQSP) faz parte de um programa da Secretaria de Assistência Social Municipal (SEMAS), destinado em primeira instância à pessoas inscritas nos programas da Secretaria, havendo a possibilidade de abertura para pessoas que não estejam necessariamente inscritas, quando há remanescente de vagas. Atualmente, o CQSP oferece cursos em sete áreas de atuação, sendo: gastronomia, corte e costura, artesanato, jardinagem e paisagismo, beleza, hotelaria/prestação de serviço e informática, (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO (SP), 2004).

A cidade de Ribeirão Preto possui apenas um equipamento voltado para este programa, que atende a demanda de toda a cidade, localizado na Av. Dom Pedro I, nº 45, com frente à Via Norte. Devido a alta procura pelos cursos oferecidos, o equipamento não possui a infraestrutura necessária para suprir a demanda, e assim, conta com o auxílio de alguns Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) para oferecer determinados cursos, sendo: o CRAS III (localizado no Ipiranga), CRAS VI (localizado no Ribeirão Verde) e CRAS VII (localizado no Cristo Redentor), localizados na zona Norte e Leste da cidade.

A fim de conhecer o funcionamento deste equipamento, foi realizado uma visita ao equipamento e uma entrevista com o coordenador do CQSP, Carlos César G. Sturari. Durante a entrevista, foi mencionado que a maioria dos alunos que frequentam o local são da zona Norte e

Oeste de Ribeirão Preto, e desses, 90% são mulheres, com maioria na faixa etária entre 35 a 50 anos. Muitas, deixam de frequentar o curso por três razões principais: I- Gastos com deslocamento; II- Não terem com quem deixar os filhos; III- Não conseguirem conciliar o curso com os chamados ''bicos" que fazem para gerar alguma renda.

César mencionou também sobre a necessidade de ampliação de áreas e programa do Centro, porém que o atual edifício não comporta. Disse ele: '' Temos parceria com o SEBRAE para realizar palestras sobre organização financeira e empreendedorismo, só que não temos espaço pra essas palestras. Então, colocamos cadeiras ali na varanda, que é o local mais espaçoso pra ter essa atividade."

O prédio onde está instalado hoje o Centro de Qualificação atual foi concebido originalmente para ser um edifício do CEASA. Seu uso passou a ser voltado para o CQSP em meados dos anos 2000. Como seu programa original não foi pensado para um local de realização de cursos, hoje o prédio se mostra deficitário quanto às instalações elétricas e hidráulicas, acessibilidade e salas para ministrar as aulas.

O coordenador também informou que a maioria dos alunos são da Zona Norte e Oeste de Ribeirão Preto,tendo que ocorrer deslocamentos consideráveis, e consequentemente gastos com esses deslocamentos, para chegar até o local, sendo a maior parte feita por meio do transporte público.

Além disso, o Centro de Qualificação não apresenta sua entrada principal acessível, sendo voltada para o que seria a elevação traseira do prédio, com calçadas estreitas e irregulares. Também não se mostra como um espaço seguro para pessoas que vão a pé, visto a ausência de sinalização e as travessias perigosas a serem feitas na avenida, e muito menos para pessoas que vão de ônibus, já que é necessário um pequeno trajeto por essa via para chegar ao equipamento, onde a circulação de pessoas é reduzida, predominando carros, com as vias mal iluminadas.

Visto a situação apresentada, despertou o interesse de projetar um novo equipamento que atenda a demanda da população da zona norte, a fim de suprir as necessidades mostradas hoje no Centro de Qualificação, ampliando seu programa, e gerando novas relações socio-espaciais no âmbito de atuação do equipamento.





figura 3: vista externa do centro de qualificação social e profissional em Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.


AIS

O objetivo desse trabalho, portanto, é o desenvolvimento de um anteprojeto para o equipamento de um Centro de Qualificação Social e Profissional no bairro Ipiranga, Ribeirão Preto- SP, em que define-se como objetivos específicos:

I- Projetar um novo equipamento para o Centro de Qualificação Social e Profissional em Ribeirão Preto, estrategicamente localizado na Zona Norte, para atender a demanda da região e facilitar deslocamentos;

II- Expandir o programa e oferecer novas atividades que não possuem espaço necessário no prédio atual;

III- Desenvolver soluções arquitetônicas que promovam a permeabilidade físico e visual entre a arquitetura e o lugar.

Como métodos adotados para realização desta pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos para obter informações necessárias e suficientes para a realização do projeto, sendo :

1. Levantamentos Físicos- Visita à área a fim de entender o entorno na qual está inserida. Realização de leituras dos aspectos morfológicos e levantamento fotográfico da área de estudo e de locais que promovam a urbanidade na cidade de Ribeirão Preto.

2. Pesquisas documentais- Realização de levantamento bibliográfico a cerca das temáticas: urbanidade, arquitetura de equipamentos comunitários, cidade sob uma perspectiva de gênero, legislações e normas, com o intuito de obter embasamento teórico para o trabalho; Levantamento histórico a cerca do bairro, a fim de entender suas origens e processo de formação; Pesquisa demográfica segundo relatórios gerados pela prefeitura municipal de Ribeirão Preto e censo IBGE; Levantamento de imagens aéreas e mapas da área.

3. Pesquisas tecnológicas- Pesquisas acerca do sistema construtivo em madeira laminada colada (MLC), bem como conversas com empresas do setor (Rewood), a fim de compreender o funcionamento deste material tecnológico e inovador, tanto para a estética quanto para as técnicas construtivas. Pesquisas sobre outros materiais a serem aplicados em conjunto à MLC, como sistemas construtivos à seco (drywall) para fechamentos, e também tradicionais, como o bloco de concreto.

4. Pesquisas empíricas: Coleta de dados e informações com responsáveis do equipamento do CQSP para entender seu funcionamento. Realização de conversas com mulheres acerca de suas impressões em espaços públicos. Leituras projetuais que tenham coerência com o tema abordado neste trabalho.

5. Análise de dados: Análise de todas as informações levantadas, identificando potenciais a serem explorados, a fim de desenvolver estratégias para conquistar os objetivos estabelecidos.

figura 4: vista interna do acesso centro de qualificação social e profissional.
fonte: autora, 2022.

Um dos principais motivadores deste trabalho foi entender a relação dos espaços da cidade com a arquitetura , através de uma perspectiva de gênero: entender as necessidades das mulheres que habitam a cidade, principalmente aquelas de baixa renda, seus deslocamentos e motivadores destes, os locais que se encontram e que são atrativos para elas, como utilizam e como se sentem nos espaços públicos.

A pesquisa realizada para este trabalho, por sua vez, acabou por identificar essa questão socioeconômica em um aspecto mais amplo, através de um equipamento público que não é voltado exclusivamente para mulheres, mas em que estas são suas principais usuárias. Com a aproximação à esse público, verifica-se então o interesse destas para sua inserção no mercado de trabalho, gerando sua própria renda, e até mesmo, sua independência.

O equipamento, por sua vez, visa qualificar profissionalmente pessoas de todas idades e gêneros, a fim de permitir que sejam capazes de ter oportunidades de um trabalho digno, bem como promover o desenvolvimento social e cultural, chamado de '' Centro de Qualificação". O espectro final do programa é gerar a melhoria da qualidade de vida. Para isso, assim como já consta no próprio nome do equipamento ''qualificação"- levando essa interpretação para um âmbito além do eduacional - este deve ser propulsor inicial da melhoria das qualidades locais, espaciais e sociais como um todo, usando da arquitetura para isso.

Surge então a inquietação de estudar possibilidades de espaços e arquiteturas em que, a permeabilidade espacial, a sensação de pertencimento e identidade social sejam força motriz para despertar o interesse das pessoas usufruírem do que o equipamento oferece. Uma arquitetura acolhedora , oferecendo "espaços de gentileza" para com o entorno, e que promova a segurança dos corpos que por ali caminharem, que seja convidativa (e não inibidora, ou, restrita em locais fechados), aberta à toda a população, sendo vista não como um objeto isolado mas sim pertencente à todos.



figura 5: vista escada e aluna. centro de qualificação social e profissional.
fonte: autora, 2022.



Este trabalho foi organizado em cinco capítulos, segundo a seguinte distribuição:

O primeiro capítulo apresenta a temática da urbanidade na escala dos corpos, da cidade e da arquitetura, explorando questões sobre como essas três escalas se relacionam e influenciam uma nas outras. Também é abordada a relação acerca do equipamento urbano comunitário atuando como a extensão do um espaço público, absorvendo naquele características deste.

Após a temática apresentada, o segundo capítulo traz as leituras projetuais de três projetos arquitetônicos, os quais demonstram na prática o que fora apresentado na teoria do capítulo anterior, com qualidades espaciais e sociais relacionadas à essa temática.

O terceiro capítulo faz a apresentação do lugar onde foi pensada a implantação do equipamento proposto neste trabalho, com leituras acerca do contexto urbano, aspectos sociais e econômicos desta localidade.

O quarto capítulo apresenta o anteprojeto arquitetônico proposto para o equipamento urbano comunitário, aplicando como as estrategias projetuais verificadas em teoria e nos projetos de referência apresentados. Nesse capítulo, equipamento pode ser lido e interpretado através de seus desenhos técnicos, perspectivas, esquemas, programa e memorial.

Por fim, o capítulo cinco traz algumas considerações finais e reflexões acerca do que foi abordado ao longo do trabalho, indicando as referencias bibliográficas que fizeram o embasamento teórico do que foi apresentado.

figura 6: alunos em ateliê. Sesc Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.


Mundo mundo vasto mundo
vasto é o meu coração
Carlos Drummond DE Andrade

figura 7: pessoas no centro de Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.


TIM
3GB
BANCAS AMERICANAS



101



cidade



01.1

corpografias

O olhar sobre a arquitetura de equipamentos comunitários é pautado a partir das escalas do corpo, cidade e edifício, e como elas se correlacionam. Esse olhar se debruça sobre a atuação dos espaços públicos nos corpos, compreendendo como as características e qualidades do público podem ser incorporados pela arquitetura, formando espaços ‘‘gentis” para quem passa ou quem deles utiliza, demonstrando a capacidade da promoção de urbanidade nesses espaços.

A discussão acerca da cidade pode ser pensada a partir dos corpos que a habitam: é por causa destes corpos, que a cidade se constitui. Assim, segundo Berestein (2008), cada corpo possui uma experiência urbana, uma interpretação individual do espaço, resultante de uma experiência corporal da cidade que, para cada vivência, forma-se um significado. Essa experiência corporal é uma troca realizada entre corpo e cidade, que consiste no conceito de corpografia urbana.

Para Paola Berestein Jaques (2008), corpografias urbanas seriam:

> “ Um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta.”
> (BERENSTEIN, 2008, p.1)

Entende-se então as corpografias como a impressão da experiência urbana deixada nos corpos que a vivenciam.

Um mesmo lugar com as mesmas pessoas pode gerar impressões e sensações diferentes em cada um. Fatores relacionados ao próprio indivíduo, como raça, etnia, posição social, gênero, e fatores relacionados ao espaço, como fluxos e movimentação, localização, períodos do dia, acabam por influenciar em como é dada essas impressões, segundo os levantamentos realizados pelo Think Olga (2020).

figura 8: pessoas usando os espaços do centro de Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

Um mesmo espaço frequentado por um homem e uma mulher, por exemplo, pode se fazer hostil em um número maior de variáveis apenas à segunda, isso porquê, os espaços públicos muitas vezes são dados como um fator de insegurança feminina (THINK OLGA, 2020). Nesses espaços, as mulheres estão expostas à um risco maior de violência e assédio, causando sensação de medo ao frequentarem determinados lugares, em determinados períodos do dia (THINK OLGA, 2020).

Discutir sobre o espaço público a partir da perspectiva feminina coloca em pauta principalmente a questão da segurança nestes espaços. A pesquisa "Meu Ponto Seguro", realizada pela organização não governamental Think Olga (2020), recolheu dados a respeito da relação da mulher coma cidade, apontando que:

86% das mulheres tem medo de sair às ruas (ActitonAid, 2016) ;

97% das mulheres já sofreram assédio no transporte público (Instituto locomotiva e Instituto Patrícia Galvão, 2021);

50% das viagens são feitas caminhando quando falamos de mulheres mais pobres (Secretaria de Desenvolvimento Urbano de SP).

figura 9: mulheres no terminal de ônibus. Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.


LOJAS

Segundo o Instituto locomotiva e Instituto Patrícia Galvão, com a pesquisa "Segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade", realizada à nível nacional de forma online em 2021, foi testado uma amostragem de 2017 pessoas, a respeito da questão da segurança em deslocamentos e espaços públicos, formado por grupos de pessoas com deficiência, LGBTQIA+, baixa renda, pessoas negras e mulheres. O grupo percebido com maior vulnerabilidade à violência em seus deslocamentos pela cidade são as mulheres, correspondendo à 75% quando comparado com o sexo masculino (3%), e outros grupos (22%), segundo dados da pesquisa.

A pesquisa também aponta que, os deslocamentos da mulher pela cidade são feitos a partir de carro particular (33%), a pé (22%), ônibus (18%), carro de transporte por aplicativo (11%) e outros (16%), sendo que, a maioria costuma estar acompanhadas por seus filhos e carregando itens, como bolsas, sacolas, carrinhos de bebê, etc., na qual a motivação desses deslocamentos é feito sobretudo para cuidados com a casa, família, cuidados pessoais e à trabalho.

A questão da insegurança nos deslocamentos aumenta conforme avança o dia, sendo que no período da manhã e da tarde 30% das mulheres se sentem inseguras, e no período da noite e madrugada esse número aumenta para 73%. O meio de transporte utilizado também reflete esse fator de insegurança através da locomoção nos modais de ônibus (45%), a pé (42%), sentindo-se mais seguras no





transporte por carro particular.

De acordo com a pesquisa "Meu Ponto Seguro" (THINK OLGA, 2020), não apenas no modal de transporte, mas também o trajeto até estes gera o fator de insegurança. A pesquisa aponta que 76% se sentem inseguras no ponto de ônibus e 68% inseguras no trajeto até estes. Também aponta que:

> "Ao circular pelas ruas, elas precisam pensar nos trajetos mais seguros, mais iluminados, com maior circulação de pessoas, com menos terrenos baldios, além de pensar na roupa que vão escolher ao sair de casa"
>
> (THINK OLGA, 2020).

O fator insegurança é reduzido quando os espaços públicos são pensados de acordo com as necessidades de quem o utiliza, considerando as variáveis as quais os corpos são submetidos nesses espaços.

A discussão acerca da qualidade dos espaços públicos no campo da arquitetura e urbanismo, pensando a partir do fator segurança, é desde o início de meados de 1960, sendo colocado pela pela jornalista Jane Jacobs (2001) em sua primeira publicação '' Morte e Vida de Grandes Cidades" (1961, crítica ao planejamento urbano e processo de reurbanização).

Jacobs discorre sobre como a qualidade das ruas e calçadas são importantes para manter a segurança da cidade, refletindo acerca da atuação do espaço público sobre os corpos. Para ela, "Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas" (JACOBS, 1961, p. 29).

Jacobs (2001) diz que: "uma rua com infraestrutura para receber desconhecidos e ter a segurança como um trunfo à presença deles" (JACOBS, 1961, p. 35) precisa ter como características principais a existência do que a autora chama como "olhos para a rua", na qual os moradores e proprietários de estabelecimentos são a ferramenta de vigilância, em que usuários transitando a todo momento aumentam o número de olhos atentos, e associada à esta, a questão da iluminação pública.

Proporcionar atividades que gerem fluxos e movimentações em todos os períodos do dia e promover a qualidade da via pública, com calçadas largas, bem iluminadas, é um caminho para solucionar o problema da insegurança nos espaços públicos.

A figura dos estabelecimentos comerciais, locais de prestação de serviço, entre outros, que proporcionem uma fachada ativa, são motivadores para que as pessoas utilizem das calçadas, como uma extensão do estabelecimento ou apenas para passagem, e a sua presença, inclusive, pode influenciar que os pedestres alterem suas rotas cotidianas, sendo feitas por ali.

Tais estabelecimentos são capazes de gerar uma movimentação de pessoas que aumenta a sensação de segurança para as pessoas.

figura 10: corpos no transporte público. fonte: autora, 2022.

figura 11: ponto de ônibus a noite. Av. 13 de maio fonte: autora, 2022.

Para Jacobs (2001):

> " Deve haver entre eles sobretudo estabelecimentos e espaços públicos que sejam utilizados a noite. Lojas, bares e restaurantes (...) atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a segurança nas calçadas."
> (JACOBS, 2001, p.37)

Como forma de qualificar o meio urbano, associado às questões de utilização da calçada, a iluminação pública é importante, visto que:

> "O valor da iluminação forte nas ruas de áreas apagadas e desvitalizadas vem do reconforto que ela proporciona às pessoas que precisam andar nas calçacadas, ou gostariam de andar, as quais não o fariam se não houvesse boa iluminação."
> (JACOBS, 2001, p.37)

É a qualidade das calçadas e iluminação pública, os estabelecimentos comerciais e prestação de serviços, que tornam as fachadas ativas, que viabilizam usos que promovem a atratividade de pessoas e geram maior segurança para quem passa e para quem permanece. Os pontos de ônibus são favorecidos quando locados em lugares com essas características, tornando-se também mais seguros.

A instalação de equipamentos urbanos e arquiteturas de caráter acessível ao público também age como forma de apoio à estas necessidades, podendo alterar as relações sociais e modos de convívio do local onde está sento implantado. Corpos que sentem medo de sofrer algum tipo de violência ao caminhar pela cidade, se sentirão acolhidos em espaços que apresentem as qualidades mencionadas.

Entender a cidade pelas lentes de gênero permite criar espaços que pensem em soluções que façam elas se sentirem mais seguras para ocupá-los, afinal, um espaço público deve proporcionar segurança e acolhimento a todos os corpos, sejam eles femininos, masculinos, brancos, negros, pardos, transseuxais, homosseuxais, crianças, jovens, idosos, etc., cujo em seus papeis de cidadãs e cidadãos, todos tem o direito de exercer sua cidadania, em qualquer espaço que seja. Assim, as questões de um espaço igualitário, para qualquer que seja o gênero, devem estar imbuídas também nestes espaços, Think Olga (2020).

figura 12: pessoas no centro da cidade. Ribeirão Preto. fonte: autora, 2022.


WORLD
TENNIS
Humanitarian
Espedinha



figura 13: mulher caminhando pela ‘‘feira hippie’’.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.


FAÇO TERERÊ



02.2

banidade

ARQUITETÔNICA E SOCIAL

Para compreender as relações possíveis de serem estabelecidas entre corpo, cidade e edifício é importante resgatar a questão da urbanidade arquitetônica e social, considerando os seguintes atributos: '' Espaço público bem definido, forte contiguidade entre edifícios, frágeis fronteiras entre espaço interno e externo, continuidade e alta densidade do tecido urbano" (HOLANDA, 2010).

O conceito de urbanidade é algo "inerente à arquitetura do espaço público" (AGUIAR, 2012), em que, segundo Aguiar (2012), suas diversas escalas apresenta ideias relativas aos modos de convívio, à configuração dos lugares e como os corpos que utilizam deste o modificam, a depender de suas necessidades. Aguiar (2012) também diz que:

> ''[...] A urbanidade é composta portanto por algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, pelo corpo, individual e coletivo. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse modo de apropriação da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade. [...]" (AGUIAR, 2012).

A urbanidade então, refere-se à maneira como os espaços são acolhedores com os corpos: a hospitalidade que apresentam em detrimento à hostilidade, que por vezes, configura-se o meio urbano, buscando integrar os corpos ao espaço. Seu significado está relacionado, no sentido figurado, "à cortesia entre pessoas, edifícios, ruas e cidades(...) Edifícios dotados de cortesia, gentis com o corpo" (AGUIAR, 2012).

A escala da urbanidade é entendida como "normalmente afeita à escala da cidade. Todavia, é adaptável a outras escalas, para mais e para menos" (HOLANDA, 2010), seja essa a escala da arquitetura- "na qual a urbanidade pode estar relacionada aos elementos- meio da arquitetura: os cheios, os volumes; ou aos elementos- fim: os espaços, os vazios" (HOLANDA, 2010) - das relações de convívio, do indivíduo e do comportamento.

figura 14: roda de conversa e espaços permanência.
Biblioteca Sinhá Junqueira.Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

A urbanidade é um "sistema sócio arquitetônico" (HOLANDA, 2010), o qual refere-se à configuração de diferentes tipos de arquitetura e diferentes sociedades, buscando integrar os corpos ao espaço, ao invés de segregá-los.

> "Depois de descritos o lugar e as pessoas nele – portanto, por definição, uma situação arquitetônica – podemos sobrepor valores em função dos quais será possível avaliar positiva ou negativamente a situação"
> (HOLANDA, 2010, p. 3)

É através dos arranjos espaciais que a situação arquitetônica visa priorizar a interação do coletivo, por meio da adequação da forma ao corpo. "A urbanidade é por definição uma qualidade da forma ou das formas; trata-se de algo essencialmente material, ainda que repercuta diretamente no comportamento e no bem estar das pessoas no espaço público" (AGUIAR, 2012), e cuja a atratividade de seus espaços fazem com que as pessoas queiram dele se apropriar e criar identidade.

Revela-se então, a importância dos arranjos espaciais, como o "modo em que os espaços da cidade se articulam, configurando o que conhecemos como espaço público" (AGUIAR, 2012). São nesses espaços que o espectro arquitetônico converge para com o espectro social, em que segundo Holanda (2010):

> "podemos falar em urbanidade social – quando os atributos estiverem relacionados a modos de interação social – e urbanidade arquitetônica– quando os atributos estiverem relacionados ao lugar"
> (HOLANDA, 2010, p. 4)

No âmbito arquitetônico, esses arranjos são capazes de "promover a interação informal não- programada e não- controlada" (CAPILLE, 2017), ou seja, expandir o uso do edifício para além do seu programa pré- estabelecido, onde não apenas as atividades oferecidas naquele local sejam realizadas, mas que também os espaços possam ser utilizados de maneira livre. O espaço arquitetônico adquire características do espaço urbano, segundo parâmetros da continuidade deste em seu interior.



figura 15: encontros, diálogos e leitura.
Biblioteca Sinhá Junqueira. Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.



figura 17: espaço público usado como extensão dos bares.
Bafo da Prainha. Rio de Janeiro.
fonte: autora, 2022.

Para Aguiar (2012), em meio as caraterísticas do urbano que vivenciamos, resgatar o sentido de urbanidade é entender os espaços como:

> “ lócus de uma cultura urbana compartida, fundada em valores coletivos, uma cultura que envolve o convívio com os opostos, envolve diversidade, troca e, mais que tudo, o desfrute de uma cidade que tenha o espaço urbano como fundo ativo. “
> (AGUIAR, 2012).



No Âmbito social, a questão dos valores coletivos ‘’estrutura as relações espaciais e sociais em edifícios públicos ‘’ (CAPILLE, 2017), onde o indivíduo deixa de ser apenas um usuário, transformando-se em agente participante, que integra e é responsável pelo funcionamento do equipamento. Este, relaciona-se com pessoas de diferentes etnias, gêneros, faixa etárias, fazendo com que seja um espaço que represente a diversidade de usos e de pessoas, de ambiências e de atividades, de troca de ideias e experiências.

A urbanidade então, deve ser entendida no âmbito qualitativo, onde prevalecem as características que geram qualidades positivas para as questões urbanas, arquitetônicas, sociais, etc., e como estas tornam o espaço acolhedor. O conceito de urbanidade, não está necessariamente vinculado à quantidade de pessoas que usufruem daquele espaço, mas sim em como estes acolhem os corpos.

> ‘’Urbanidade não é sinônimo de vitalidade, no sentido de presença de pessoas, embora possa incluí-la. Nesse contexto o corpo naturalmente é o parâmetro (...) a urbanidade está no modo como essa relação espaço/corpo se materializa ’’ .
> (AGUIAR, 2012).

Lugares que apresentam urbanidade acabam atraindo pessoas, e por conseguinte, acabam gerando novos fluxos e movimentações, possibilidades de encontros, diferentes densidades de ocupação ao longo dos períodos. A questão da quantidade de pessoas no espaço acaba sendo um dos produtos gerados pela questão qualitativa, que é a urbanidade: ‘’uma característica própria da cidade, da forma, e não das pessoas; é um tipo de espacialidade, uma relação, entre espaço e pessoas” (AGUIAR, 2012).



02.3

públicos

espaços

Formar espaços gentis para as pessoas é explorar as mais variadas situações arquitetônicas que possam promover a apropriação de forma livre e espontânea destes, com possibilidades de percursos, de encontros e de permanência, causando uma sensação de conforto e segurança para quem deles utiliza. É "criar ambientes nos quais as pessoas possam deixar suas marcas e identificações pessoais, que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que realmente lhes pertença", (HERTZBERGER,1999, p. 47). Estes espaços, por sua vez, devem apresentar qualidades propícias para que essas diversas atividades ocorram.

Segundo o professor Guilherme Wisnik (2022), em sua publicação "Arquitetura e Cidade no Brasil", verifica-se que a arquitetura moderna no Brasil é a primeira vertente responsável pela formulação do ideal do espaço público no interior dos edifícios, como sendo "Não um espaço público tradicional de parques e praças em espaço aberto, mas um espaço público construído pelos edifícios, afirmando a ideia de vazio" (WISNIK, 2022, p.29).

Wisnik analisa as produções de arquitetos modernos e o uso de situações arquitetônicas que reforçam essas características, como os pilotis de Le Corbusier, elevando o volume e garantindo o "andar térreo como um potencial espaço público, ou semi-público: uma espécie de praça edificada", (WISNIK, 2022) ; os vãos livres da Lina Bo Bardi no MASP (Museu de Arte de São Paulo) e do Affonso Eduardo Reidy no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), configurando: "os espaços abertos e cobertos, isto é, bem ventilados, porém protegidos das intempéries" (WISNIK, 2022) e que atuam como um prolongamento da calçada; bem como a urbanidade aplicada no interior dos edifícios, como no caso do Salão Caramelo, da FAU-USP de Villa Nova Artigas, como sendo um "espaço de liberdade para manifestações as mais diversas, o Salão Caramelo é uma espécie de praça cívica" (WISNIK, 2022) .

Cada gesto arquitetônico mencionado, entre outros possíveis de serem explorados, favorecem a escala humana em relação ao edifício, pensando a arquitetura para as pessoas e suas diversas possibilidades de atividades a serem realizadas, configurando assim o "edifício gentil", que seria uma arquitetura que "lança mão de um repertório que torna sua interface agradável a quem passa, voltando-se para as pessoas, em sua experiência local e cotidiana" (TENORIO, 2022).

Segundo arquiteta e urbanista Gabriela Tenório (2022), um edifício gentil busca ter fachadas ativas no térreo, preocupa-se com questões de mobilidade, "convida e recebe o pedestre e o ciclista antes que o automóvel e considera a localização de paradas de ônibus, ciclovias, faixas de pedestre, etc." (TENORIO, 2022).

Conforme diz Gabriela Tenório, esse edifício preocupa-se com a caminhabilidade das calçadas e dá continuidade à elas, sem nenhum tipo de bloqueio, excluindo

figura 18: corpos dançando II. reflexo no espelho. MAM Rio de Janeiro.
fonte: autora, 2022.

qualquer tipo de barreira física ou elementos opacos como os muros; abre-se para o meio urbano através de portas, janelas e passagens, que interligam o espaço público externo ao interno.

Todos esses aspectos arquitetônicos formam atributos que se tornam atrativos para quem circula por determinada região e instigam a utilização do espaço.

De acordo com Jahn Gehl (2014) , soma-se à estes, outros meios de promover a atratividade, como por exemplo, através de mobiliário urbano confortável e que permita possibilidades de diálogos e permanências, o uso de elementos da arquitetura como marquises, que se projetam à frente do edifício como forma de proteção a quem por ali passar e a iluminação pública, voltada para os pedestres, não apenas para o leito carroçável.

Vale ressaltar que a atratividade não se resume apenas a utilização de elementos construídos, mas também à ausência destes em espaços vazios desde que sejam qualificados, criando uma multiplicidade de possibilidades de usos e ocupações; de percursos e caminhabilidade por entre o espaço urbano e o edifício, propiciando então, liberdade aos corpos.

Segundo Wisnik (2022):

> Numa cidade em que a maioria dos edifícios são colados lateralmente uns aos outros, formando grandes paredões ao longo dos quarteirões, de repente se abre um vazio, um espaço público permeável em um lote privado, que permite que as pessoas atravessem a quadra de forma franca, protegidos do sol e dachuva por lajes, mas sem paredes. cidade aberta ao encontro de todos.O edifício moderno, dessa forma, constrói uma cidade mais generosa, permeável e menos estanque. Uma cidade aberta ao encontro de todos.”
>
> (WISNIK, 2022, p. 30)

Um local de passagem pode tornar-se de permanência ao apresentar essas qualidades, funcionando como uma interface entre o meio urbano externo, e o meio arquitetônico interno, sendo nomeado por Jan Gehl (2014) como “zonas de transição”, “às quais os usuários têm fácil acesso e podem mobiliar e compor, são usadas mais intensamente do que todas as outras opções da



figura 19: mobiliário sesc. Pessoas em circulação e permanência. Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

cidade " (GEHL, 2014, p. 137).

As zonas de transição funcionam como a soleira da cidade, um espaço intermediário, que elimina as demarcações territoriais, onde as concepções de dentro e fora se misturam e integram.

Segundo Hertzberger (1999), a concepção de Soleira seria que: "na qualidade de um lugar por direito próprio, constitui, essencialmente, a condição especial para o encontro e o diálogo entre áreas de ordens diferentes" (HERTZBERGER 1999), entendendo a soleira como um intervalo, "criando um espaço de boas-vindas e despedidas, por tanto, é a tradução em termos arquitetônicos de hospitalidade" (HERTZBERGER 1999, p.32), estabelecendo condições para manter o contato social.

A criação de identidade com o local é atributo essencial para que os corpos queiram utilizar e se apropriar destes, pensando a arquitetura capaz de gerar possibilidades de encontro e de permanência. Segundo Hertzberger (1999):

> "O segredo é dar aos espaços públicos uma forma tal que a comunidade se sinta pessoalmente responsável por eles, fazendo com que cada membro da comunidade contribua à sua maneira para um ambiente com o qual possa se relacionar e se identificar".
> (HERTZBERGER 1999, p.32)



figura 20: apropriação espaço coberto Teatro Pedro II.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.



urbanos

Os equipamentos urbanos comunitários quando instalados em certas localidades da cidade, acabam por gerar novos fluxos e novos modos de convívio para os moradores e frequentadores da região- a depender das características e graus de acessibilidade do equipamento- refletindo suas relações de uso no entorno que se inserem, segundo Neves (2015).

Há equipamentos urbanos que se complementam com outros no entorno, ou então, que são capazes de atrair novos tipos de relações e serviços, ou não, a depender de suas relações com as demandas da região, conforme exposto por Neves (2015). Um mesmo equipamento pode surtir diferentes impactos a depender do local onde será instalado, podendo gerar movimentações que antes não eram existentes.

Dessa forma "é fundamental a avaliação do ambiente urbano, explorando, além do caráter técnico da infraestrutura urbana, suas possibilidades de interações sociais" (NEVES, 2015, p. 504). Assim, estabelecer uma relação entre a vizinhança e o equipamento é fundamental para a qualificação de bairros, a fim de propiciar que os equipamentos comunitários funcionem, de fato, como um local de socialização.

Segundo Neves (2015), a instalação de equipamentos de caráter educacional, cultural e social em bairros residenciais é desejável, visto a proximidade para com os moradores e sua articulação com o entorno, fazendo parte da vida cotidiana destes.

Tais equipamentos são capazes de promover algo que poderíamos chamar de "encontros urbanos no interior do edifício" (HERTZBERGER, 1999, p. 15), devido às suas características de edifício público, acessível, permeável, entendendo-o como "um espaço de rua no sentido territorial, com graus diferenciados de acesso ao público nestes espaços" (HERTZBERGER,1999, p. 15).

Assim, possibilita que a dinamicidade da vida urbana seja levada para dentro do edifício, fazendo com que dentro e fora sejam integrados, com gradações referentes ao acesso, a depender de usos mais privativos ou não, delimitados por nuances das demarcações territoriais.

figura 21: Centro Cultural Campos Elíseos.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

Entende-se aqui como demarcação territorial os diferentes graus que definem o espaço público versus o espaço privado. Segundo Hertzberger (1999) é verificar o quão permeável e acessível é cada espaço, demonstrados pelos elementos utilizados na arquitetura, como gradações do acesso público às áreas do edifício.

Hertzberger (1999) também diz que a distinção entre público e privado é uma "série de qualidades espaciais que, diferindo gradualmente, referem-se ao acesso, à responsabilidade, à relação entre propriedade privada e supervisão de unidades espaciais específicas" (HERTZBERGER, 1999, p. 13). Essas nuances nas gradações são demonstradas onde quer que a coletividade tenha a oportunidade de utilizar os espaços.

Um mesmo espaço pode ser modificado e adquirir novas qualidades, a depender do uso que as pessoas que dali se apropriam destinam à ele. A arquitetura deve refletir essas características e possibilidades, à maneira que oferece "espaços flexíveis" e "espaços polivalentes".

Segundo Hertzberger (1999), o ''espaço flexível" seria um espaço passível de se adaptar a cada mudança que surja, devido a neutralidade que apresenta, podendo fornecer uma solução a qualquer momento à maneira em que os corpos o manipulam. O uso flexível atribui uma expressão ao espaço, porém ele não tem identidade própria.

De acordo com o autor: ''O plano flexível tem seu ponto de partida na certeza de que a solução correta não existe, já que o problema que requer solução está num estado permanente de fluxo'' (HERTZBERGER, 1999, p. 146).

Já o ''espaço polivalente" é definido por Hertzberger (1999) como: '' uma forma que se preste a diversos usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, de maneira que uma flexibilidade mínima possa produzir uma solução ótima" (HERTZBERGER, 1999, p. 147).

Seria, então, "um espaço que parta da própria mudança como um fator permanente. Uma forma que se preste a diversos usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, em que o potencial para a interpretação individual é inerente à sua maior polivalência, com uma determinada qualidade que permanece"(HERTZBERGER, 1999, p. 147), formando, então, a identidade do objeto arquitetônico. Esse espaço convida o usuário a se manifestar e imprimir sua interpretação do espaço.

Arquiteturas de equipamentos urbanos que apresentem essas qualidades, ou então, uma tensão entre essas qualidades, mostram-se como um corpo ativo e favorável à adaptações que possam ocorrer durante seu uso, podendo incorporar novos programas sem prejuízo à forma e eficiência dos espaços.



figura 22: Usos no interior do sesc.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.



Hertzberger (1999) diz que:

> ''O essencial, portanto, é chegar a uma arquitetura que, quando os usuários decidirem em dar-lhe uso diferente do que foi originalmente concebido pelo arquiteto, não seja perturbado a ponto de perder sua identidade.'' (...) A arquitetura deveria oferecer um incentivo para que os usuários a influenciassem sempre que possível, não apenas para reforçar sua identidade, mas especialmente para realçar e afirmar a identidade de seus usuários.''
>
> (HERTZBERGER, 1999 p. 148)

O equipamento passa a ser entendido à maneira em que se relaciona com o entorno e incorpora as características destes, trazendo as conexões do meio externo para o meio interno.

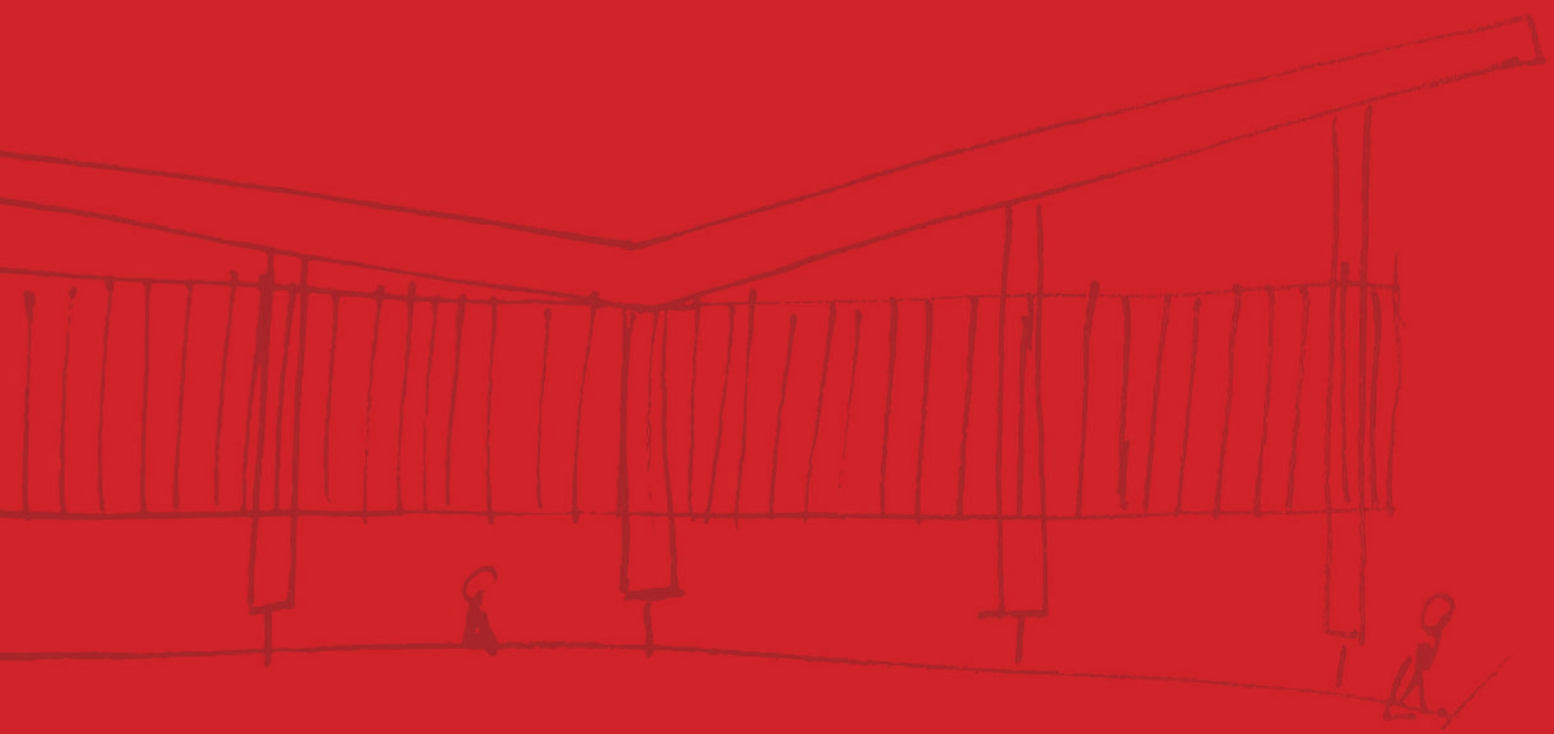
A arquitetura além de se conectar com a cidade, possibilita que ela própria tenha seus espaços integrados, à medida que os corpos utilizem e o manipulem.

figura 23:percursos e permanências.
Biblioteca Sinhá Junqueira. Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.



urba

02



nidades

intro.

A escolha dos projetos de referência para este trabalho foi pautada na temática da urbanidade: mesmo que cada leitura projetual apresente equipamentos destinados à programas diferentes, o que os une são as características de uma arquitetura enquanto equipamento público, que contenha a qualidade do ser público em seu cerne, capaz de se integrar com o meio urbano e que se preocupe em estabelecer uma relação sócio arquitetônica entre os corpos, a arquitetura e o meio urbano.

A partir dessas características, foram verificados equipamentos capazes de demonstrá-las, sendo eles: o Centro Cultural São Paulo (São Paulo- SP), Biblioteca Parque Belén (Medellin- Colômbia) e " A Fábrica"(Ribeirão Preto- SP).

O intuito é que, a cada leitura projetual, sejam identificados as seguintes questões:

- Analisar a arquitetura enquanto espaço público e o contexto que o equipamento está inserido;

- Verificar as gradações entre os espaços, e a existência ou não dos espaços de transição;

- Gestos arquitetônicos, por mais sutis que sejam, que se façam como uma "gentileza" do edifício, para com os corpos;

- Estratégias de conectar edifício com a cidade;

- Mobilidade e acessibilidade ao equipamento;

- Possibilidades de percurso e possibilidades de permanência.

Cada leitura busca identificar as soluções projetuais desenhadas por cada arquiteto a fim de ressaltar essa característica do edifício em seu caráter de espaço público, de apropriação pelos corpos, e estratégias de integração e conexão entre a arquitetura e a cidade.

Assim, é de caráter essencial para tais leituras o modo como o projeto foi solucionado perante às questões qualitativas do espaço.

Cada projeto possui sua especifidade, de acordo com o local em





que foi implantado e a cultura social que se insere, mas em que todos mantém o mesmo conceito: os projetos resgatam os valores de urbanidade, priorizando a relação entre corpo e espaço em primeiro plano, promovendo a interação social e provocando os sentidos, para que o público possa se apropriar dos espaços internos e externos do edifício.

figura 24: menina lendo livro. reflexos interno e externo.
Biblioteca Sinhá Junqueira. Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

Centro Cu
(CCSP)

Arquitetura: Eurico Prado Lopes e Luiz Telles
Ano: 1979
Área: 46.500,00 m²



figura 25: rampas CCSP. ARCHDAILY. Disponível em: < https://www.archdaily.com/875030/a-curated-paulo/595a6da1b22e38ed0d000255-a-curated-guide-to-the-modern-architecture-of-sao-paulo-image>.

ultural São Paulo



-guide-to-the-modern-architecture-of-sao-
Acesso em: 01 de abril de 2022.

O Centro Cultural São Paulo (CCSP) é um exemplo promovedor das qualidades de urbanidade: a forma como o edifício se integra à paisagem urbana, tornando-se cada vez mais permeável à medida que o observador se aproxima e instiga quem caminha por ali a adentrar e usufruir do edifício. Este, cria em seu interior um espaço democrático e multidisciplinar, possibilitando conexões dentro e fora, provocando a sensação de que o edifício se torna uma extensão do meio urbano, ''levando a rua" para seu interior.

A implantação do centro cultural no terreno se situa entre as ruas 23 de maio e R. Vergueiro, no bairro Paraíso, São Paulo- SP. A diferença de cota entre essas ruas é de aproximadamente de 15 metros de altura, fazendo com que seus acessos sejam voltados para a R. Vergueiro, em nível com o pedestre.

A fachada da R. Vergueiro mostra-se permeável no sentido físico e visual, visto as possibilidades de adentrar ao edifício, a materialidade e soluções utilizadas. Ao invés de possuir 1 entrada principal, o centro cultural possui 4 entradas, cada uma com características e desenhos próprios. Essa variedade nos

acessos são propositais para criar diversas possibilidades de percurso, convidando o pedestre a adentrar ao edifício a qualquer ponto que esteja da calçada, levando o fluxo do meio urbano para o meio interno, conectando a cidade ao edifício.

A passagem em nível entre a calçada e o edifício causa a sensação de continuidade, confundindo assim os sentidos territoriais, de que o que está fora continua dentro do centro cultural. Essa sensação também é possível graças ao uso da materialidade de vidro aplicada na fachada, permitindo a visualização da vida urbana de dentro do edifício, e por meio da interrupção do volume da arquitetura, dando lugar ao terraço jardim, com vistas para ambas vias que o circunda.

No quarteirão em que o equipamento está instalado, há a existência de entrada e saída do metrô Vergueiro, e conta pontos de ônibus localizados nas duas avenidas que o cerca, facilitando o deslocamento até o equipamento por meio do transporte público. Além disso, há também um bicicletário na sua parte interna, possibilitando meios alternativos ao transporte particular.

O centro cultural tem como principal característica a horizontalidade do edifício, visto sua grande extensão que "caminha" ao lado do pedestre pelo quarteirão. Neste caminhar do edifício, a arquitetura se projeta sobre a calçada, através de marquises, protegendo quem passa por ali contra insolação, chuva, ventos, etc. A sombra gerada propicia conforto para circular e permanecer sob a marquise, funcionando até mesmo como local de espera para o ponto de ônibus.

O limiar entre o edifício e a cidade, criado pela marquise, pode ser entendido como um espaço de transição, a ''soleira da cidade" (HERTEZBERGER, 1999), que convida as pessoas a utilizarem de alguma forma aquele espaço.

Além da conexão com o externo, a arquitetura traduz em seu corpo maneiras de promover a integração entre pessoas e

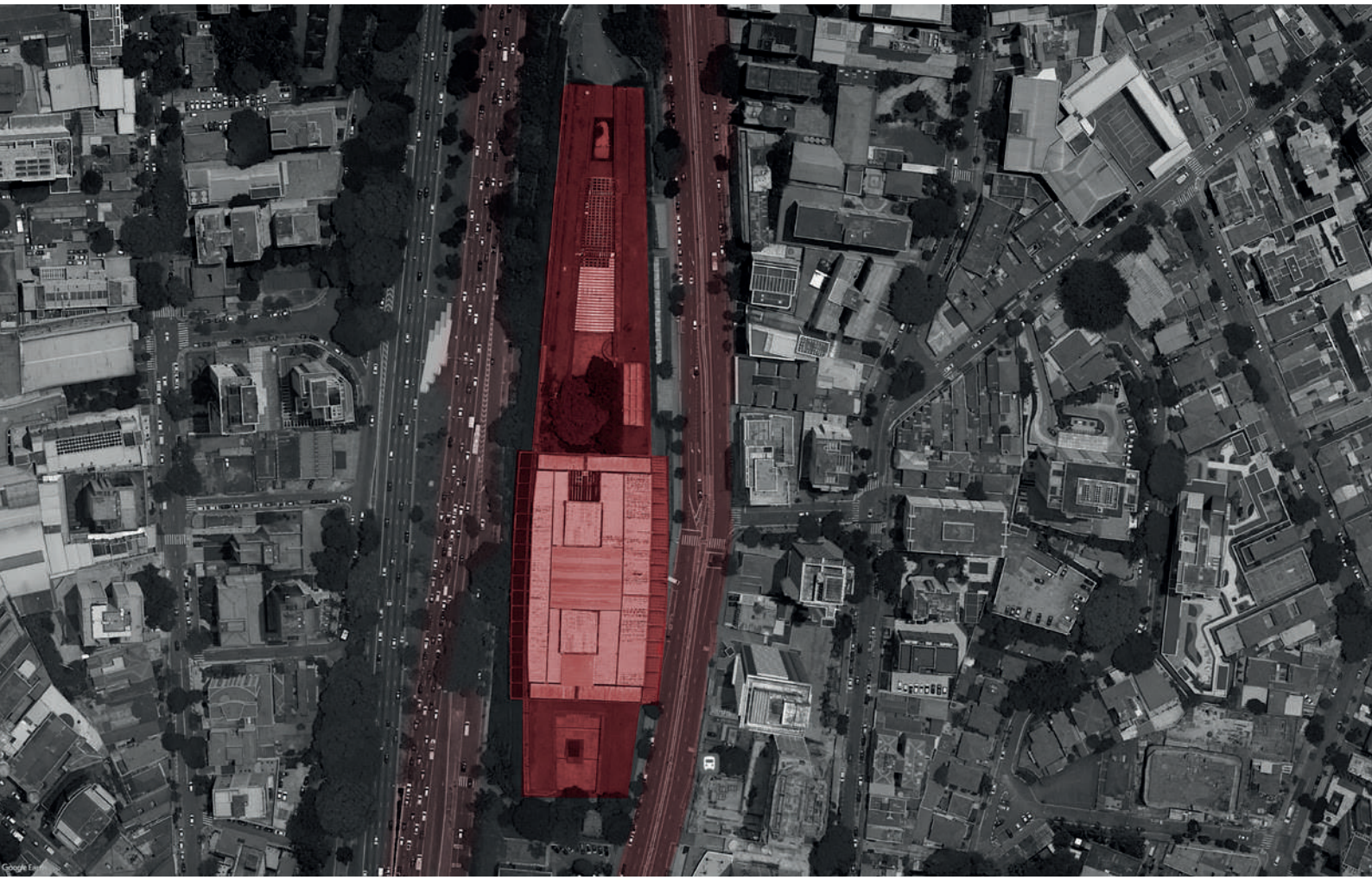
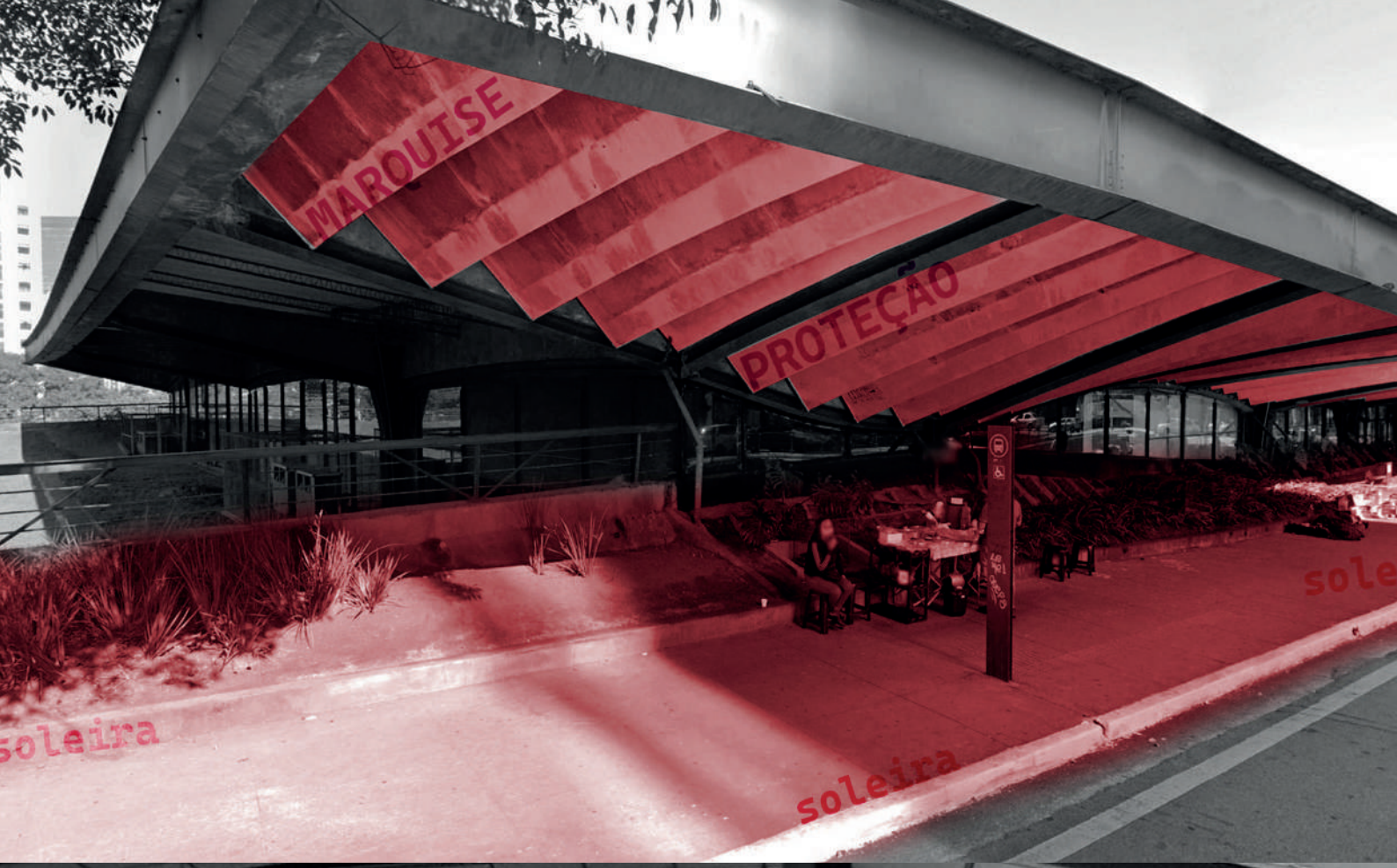


figura 28: situação CCSP com intervenção autora. GOOGLE EARTH. Acesso em: 01 de set de 2022.


MARQUISE
PROTEÇÃO
soleira
soleira
sole


conexões
caminhar
ercorrer
espaços
livres
APROPRIAR





entre espaços. Para isso, os arquitetos utilizaram de planos horizontais que ganham movimentação através de rampas, percorrendo e conectando todo o edifício e integrando os pavimentos. Com essa disposição, os arranjos espaciais internos se dão de maneira linear.

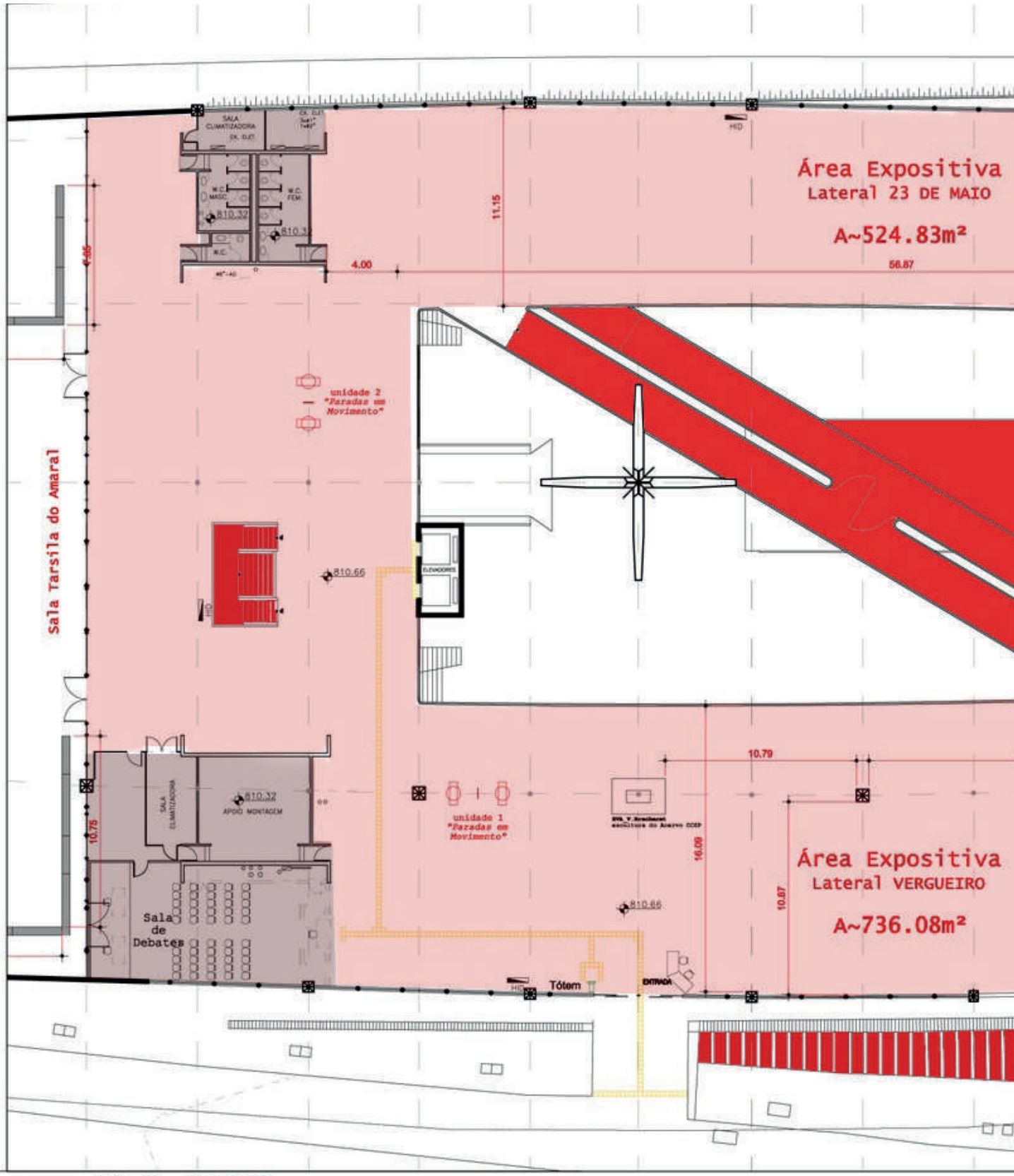
Em conjunto às rampas, foi adotada uma solução com um grande pé direito central, permitindo a continuidade das relações espaciais, onde quer que o usuário esteja, e fazendo com que as atividades realizadas no conjunto possam ser vistas de qualquer pavimento. A técnica construtiva em estrutura metálica, associado aos arcos de vigas e pilares, permite que os grandes vãos livres e pé direito generoso do edifício.

Internamente o vazio predomina e qualifica: através dos espaços livres, os usuários podem se apropriar para realizar as mais diversas atividades, dando liberdade aos corpos quanto a maneira a se utilizar do espaço.

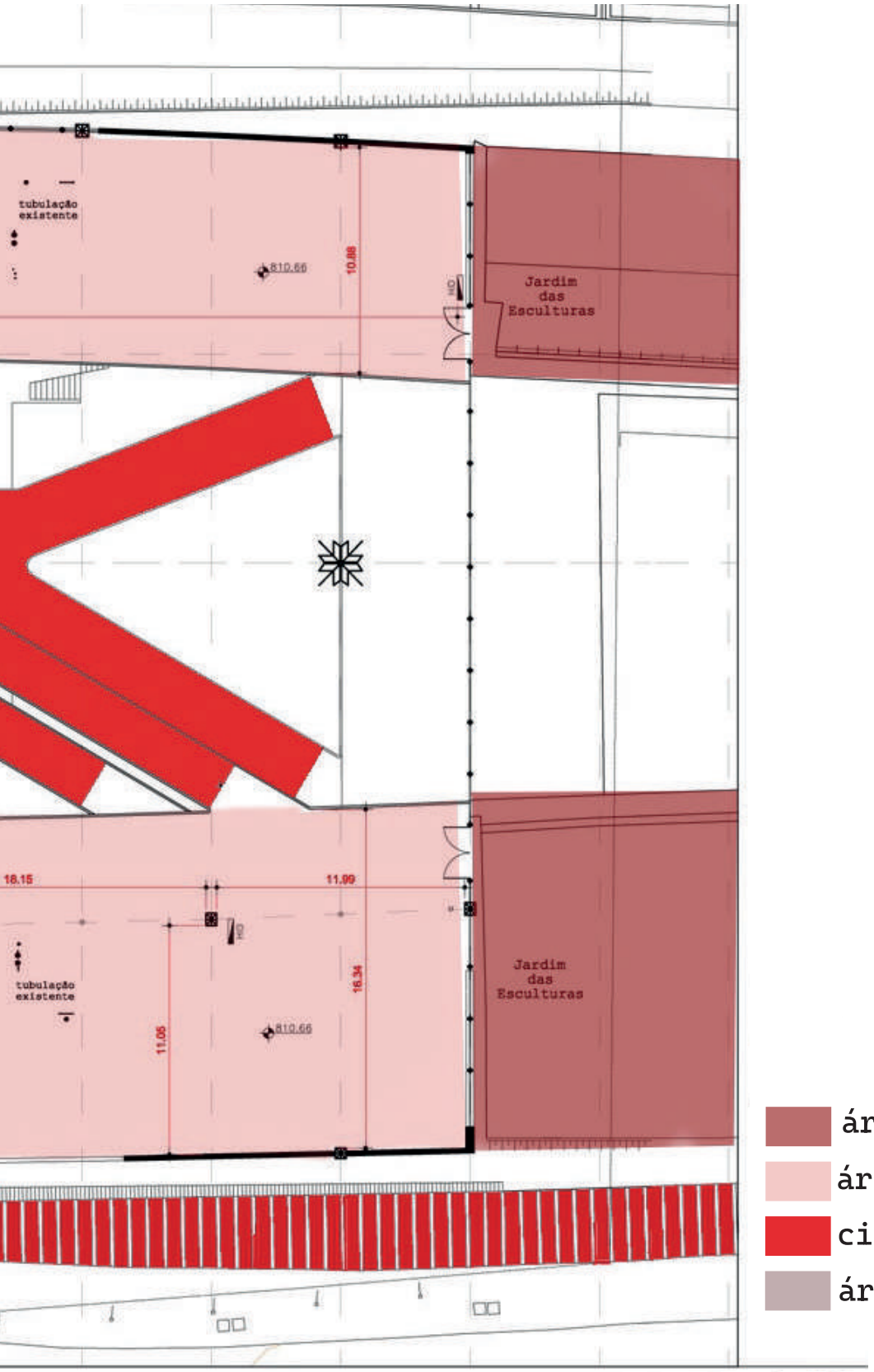
A intenção é de contextualizar a arquitetura com o urbano, estabelecendo relação mútua entre ambos. O centro cultural compartilha de grandes espaços que podem ser apropriados para dança, leituras, recreação e áreas expositivas. Usos mais específicos ganham espaços demarcados, mas que ainda assim possam se integrar com os demais, como o caso de auditórios e sala de bibliotecas.

O projeto tem como conceito fundamental propiciar e facilitar o encontro do público com as atividades oferecidas no centro cultural, a fim de tornar seu espaço multidisciplinar e com grande diversidade.

figura 29: planos horizontais CCSP com intervenção autora. colagem. GOOGLE EARTH. Acesso em: 01 de set de 2022.



CCSP-Piso 810- **CAIO GRACO**
PLANTA



sem escala

figura 30: planta piso caio graco com intervenção da autora. Fonte: Archdaily. Acesso em: 01 de set de 2022.





figura 31: fachada CCSP, vista lateral com pessoas circulando. GOOGLE EARTH. Acesso em: 01 de set de 2022.

Bibliot

Arquitetura: Hiroishi Naito
Ano: 2008
Área: 14. 991,00 m²



figura 32: Conjunto edifícios Biblioteca Parque Belén.
Fonte: ARCHELLO. Disponível em: https://archello.com/project/parque-biblioteca-belen>
Acesso em: 25 de mar. 2022

teca Parque Belén



O projeto da Biblioteca Parque Belén integra o plano ''Parques Municipal Parques Biblioteca de Medellin", na Colômbia, que visa a renovação nas relações urbanas e sociais do entorno. O plano visa "promover práticas educativas, culturais e sociais para os bairros circundantes, funcionando como pontos de transformação e fortalecimento das comunidades e culturas locais" (CAPILLÉ, 2017, p. 6).

Ao todo são 9 projetos de parques bibliotecas, cujo um dos critérios de escolha do local de implantação do equipamento está vinculado a áreas com altos índices de violência: a intenção é de alterar esta situação e promover novas qualidades sócio- espaciais para a população que ali habita e convive.

O Parque Biblioteca Belén tem uma área total de 14.991 m², dos quais 5.223 m² são de a área construída e 9.768 m² de espaço ao ar livre, ocupando todo o quarteirão onde está implantado. O equipamento atua como um espaço de conexão entre as Avenidas Carrera e Av. 80 que o delimitam, fazendo com que as pessoas possam atravessas o quarteirão passando pelo equipamento, sem necessariamente o intuito de usá-lo.

A sua localização apresenta facilidades quanto à questão de deslocamento por meio do transporte público, tendo pontos de ônibus localizados nas vias que o delimitam.

Arquitetura da biblioteca parque é organizada em três espaços: O espaço central, ou ''Plaza del Agua" (Praça da água) que pretende ser um lugar de meditação e contemplação; ''La Plaza de las Personas" (Praça do Povo), localizada próxima à Avenida 76, onde há atividades de atendimento e apoio à comunidade; e ''La Plaza Verde" (Praça Verde) com espaços de o descanso e o desenvolvimento das atividades propostas pela Escola de Música, a qual está integrada.



figura 33: situação Biblioteca Parque Belén com intervenção autora. GOOGLE EARTH. Acesso em: 01 de set de 2022.

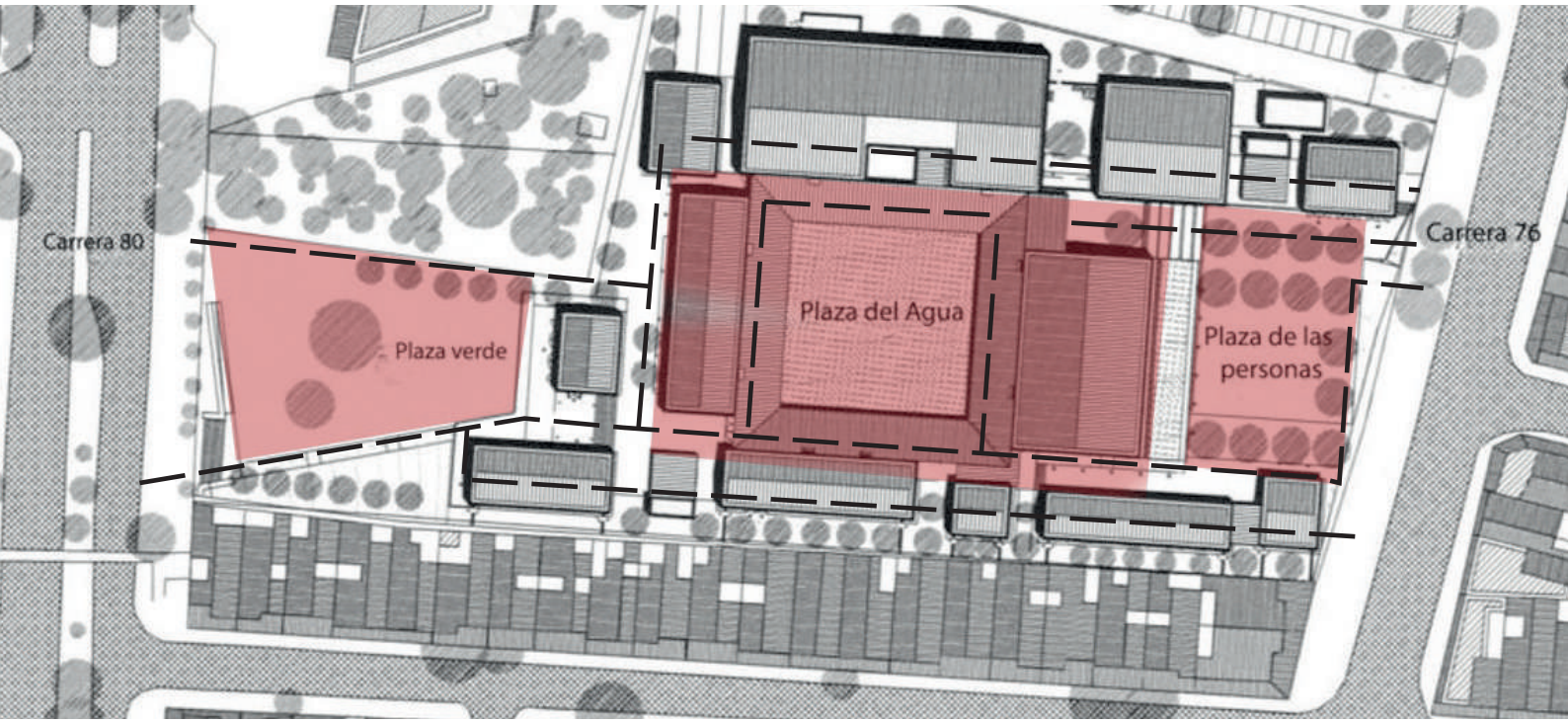


figura 34: Implantação Biblioteca Parque Belén. Fonte: ARCHELLO. Disponível em: https://archello.com/project/parque-biblioteca-belen> Acesso em 25 mar 2022.

O espaço aberto estabelece a relação entre a arquitetura e o urbano, e organiza espacialmente o conjunto no qual se dispõe 15 edifícios onde são realizados as atividades do equipamento. Assim, a arquitetura e espaço público se fundem e integram um corpo único, o grande parque formado equipamento acaba por se constituir como uma zona de transição dele próprio, criando possibilidades de percurso e possibilidades de permanência.

O nome adotado "biblioteca parque" traz alguns conceitos que contribuem para definição de seu espaço físico. Entende-se aqui a palavra "parque" a fim de ressaltar o caráter público do edifício em primeiro lugar, sendo interpretado como " tão público como um parque" (CAPILLE, 2017, p.13) .

Já "biblioteca" por sua vez, deve ser interpretada como o acesso ao conteúdo informativo e à valores coletivos, estruturando as relações espaciais e sociais, visando atuar como " centros de encontros das comunidades" (CAPILLE, 2017, p.9), indo além do sentido tradicional de um lugar dedicado apenas à leitura de livros, mas que também ofereça uma diversidade de atividades.

A Biblitoteca Parque Belén oferece programas educacionais, como cursos de idiomas, informática, administração, música, artes etc., com a preocupação de inserir a comunidade no mercado de trabalho e às novas tecnologias, associado à lazer e práticas culturais, como brinquedoteca, teatro, sala de exposições, espaços comunitários, espaços comerciais, escola de música e cafeteria.

O equipamento tem como conceito fundamental ter seu funcionamento voltado para a vida coletiva (CAPILLE, 2017), como extensões do espaço público urbano, em que o público e privado convergem para um mesmo espaço. Segundo Capillé (2017):

> "os Parques Biblioteca foram construídos para além desses programas educativos, funcionando principalmente "para a vida coletiva, como extensões de espaço público urbano" (...) **"Em outras palavras, os espaços dessas bibliotecas são liberados para outros tipos de programas e usos que não fazem parte da noção tradicional de biblioteca."** **(CAPILLÉ, 2017, p.7)**



Distribuição das atividades do Parque Biblioteca.
Fonte: MONTEIRO, M.L. Trabalho final de graduação, 2021.

figura 35 e 36: Parques Biblioteca Belén.
Fonte: https://archello.com/project/parque-biblioteca-belen.





A Fábrica

Arquitetura: Triptyque
Ano: 2018
Área: 9.130,00 m²



– instituto seb

Nomeado como " A Fábrica", o equipamento cultural, educacional e social do Instituto SEB em Ribeirão Preto se consolida. Localizado na baixada do centro da cidade, este equipamento surge a partir de um projeto do instituto visando a revitalização da área através da restauração do prédio histórico que abrigou a Cia. Cervejaria Paulista em 1914 (INSTITUTO SEB, 2020) uma das maiores indústrias existentes na cidade na época, e que hoje abriga em suas instalações o Instituto SEB.

O equipamento ocupa todo o quarteirão, tendo sua elevação principal com o acesso para pedestres na R. Mariana Junqueira, as elevações laterais para a Av. Jerônimo Gonçalves e R. José Bonifácio, e a elevação posterior para a R. Visconde do Rio Branco. Todas as fachadas são opacas, fazendo com que o limite entre rua e edifício seja separada por muros altos, como resultado da preservação do prédio histórico.

Por estar localizado no centro da cidade, o equipamento se mostra como um facilitador em relação à mobilidade para chegar até ele, tendo em sua proximidade vários pontos de ônibus e o terminal urbano e rodoviário da cidade.

A área é bastante movimentada durante o dia devido a dinamicidade do centro comercial da cidade. Porém, à medida que o dia cai, as ruas se tornam mal iluminadas e pouco movimentadas, podendo gerar insegurança às pessoas que circulam sozinhas por ali.

A conexão do edifício com a cidade se mostra através da sua imponência na paisagem, tendo sua arquitetura como um ponto de referência e de fácil localização, principalmente pelo destaque da caixa d'água e chaminé da antiga fábrica, que se tornaram marcos arquitetônicos na paisagem, e são elementos tombados como patrimônio histórico.

figura 37: pátio central da Fábrica.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

A cada face do edifício, verifica-se que suas aberturas se dão principalmente através de janelas, que permitem a visualização de quem está dentro do edifício para fora. Quem circula pela rua por vezes não identifica o que é o equipamento, sendo possível uma pequena permeabilidade visual para dentro do edifício através do portão de entrada de carros. Essa característica se deve à preservação das elevações em respeito a arquitetura original do prédio, ocorrendo intervenções mínimas nestas, apenas no que diz respeito à elementos de comunicação visual.

Externamente, o edifício se constitui no meio urbano como um equipamento fechado e opaco, com uma pequena marquise para sombreamento, mas sem elementos que permitam à permanência de pessoas em suas proximidades, tendo assim uma ausência de zonas de transição. No entanto, o inverso ocorre em seu interior.

Após adentrar por uma pequena passagem, a sensação é que o "edifício se abre para o público", através de um grande pátio interno que conecta e leva os corpos à um caminho pelo equipamento. A figura arquitetônica se altera totalmente, mostrando espaços internos integrados e conectados, dando uma sensação de liberdade aos corpos para circular e utilizar.

Agora, os espaços convidam à permanência, contando com um mobiliário distribuído por todo o pátio, em conjunto à espaços vazios sombreados, que convidam a utilizá-lo de inúmeras formas. Por todo o pátio

figuras 38: situação da Fábrica com intervenção autora. GOOGLE EARTH. Acesso em: 01 de set de 2022.

figuras 39 e 40: fachada principal e acesso da Fábrica. Ribeirão Preto. fonte: autora, 2022.




FÁBRICA
PROTEÇÃO
FACHADA OPACA
CONTROLE DO ACESSO
FACHADA OPACA
CONCRETO INTERNO E EXTERNO


FÁBRICA



há uma composição de pergolados em estrutura metálica, que cria caminhos e sombreamento, guiando as pessoas no percurso interno e fazendo a conexão entre o grande pátio interno e as atividades do equipamento.

O equipamento abrange em seu programa um caráter educacional, através do oferecimento de cursos educacionais preparatórios para vestibular, atrelado à questões culturais e de socialização.

Possui galerias de exposição, salas de reunião, cafeteria, espaço cultural e tecnológico, além de permitir que eventos e feiras ocorram em suas instalações, apropriando da área do pátio. Essa dinamicidade em seus programa faz com que o equipamento tenha atividades nos três períodos do dia, e funcione todos os dias da semana.

As atividades fixas do equipamento utilizam das instalações da antiga fábrica, setorizadas por salas que não permitem visualizar o seu interior devido o fechamento opaco, enquanto o espaço do pátio, totalmente aberto, é usado para os eventos esporádicos, recebendo desde rodas de conversa até a realização de shows.

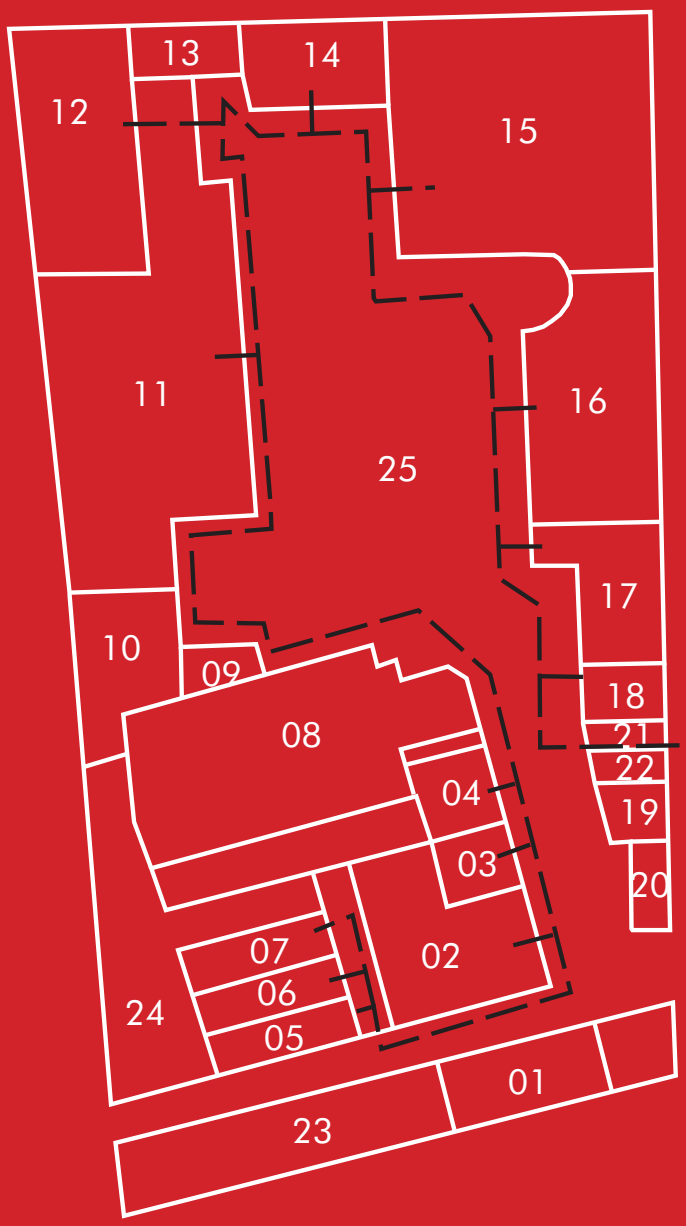
Todos os espaços do térreo são permeáveis e acessíveis às pessoas, localizando usos mais restritos, como a parte administrativa do prédio, no pavimento superior.

A "Fábrica" se dá como um equipamento fechado para o contexto urbano, podendo isso ser um fator que auxilie no controle da segurança interna, e mesmo assim, é capaz de promover a urbanidade em seu interior.

As atividades múltiplas e espaços diversos que oferece atrai pessoas de diferentes localidades e com diferentes finalidades, para utilizar do mesmo espaço. O equipamento consegue, promover a revitalização desejada para a área que se insere, trazendo novas qualidades e novas maneiras de ver e utilizar o equipamento.

figura 41: pergolado metálico. conexão dos espaços internos.
Ribeirão Preto.
fonte: autora, 2022.

Figura 42: Planta térreo da Fábrica, indicando a distribuição das atividades no prédio. Fonte: Autora,2022.



N

Planta esquemática térreo
A Fábrica
sem escala

A FÁBRICA

permeabilidade interna

01 grupo thati
02 memorial
03 galeria 1
04 galeria 2
05 galeria 3
06 galeria 4
07 galeria 5
08 NAU
09 banheiros
10 garage
11 pluris
12 espaço maker
13 banheiros
14 espaço cultural
15 auditório
16 espaço criança
17 recafé
18 sala de reunião
19 mentoria social (2° andar)
20 sala de reunião 2
21 acesso pedestres
22 acesso veículos
23 estacionamento
24 depósito
25 pátio interno






POER







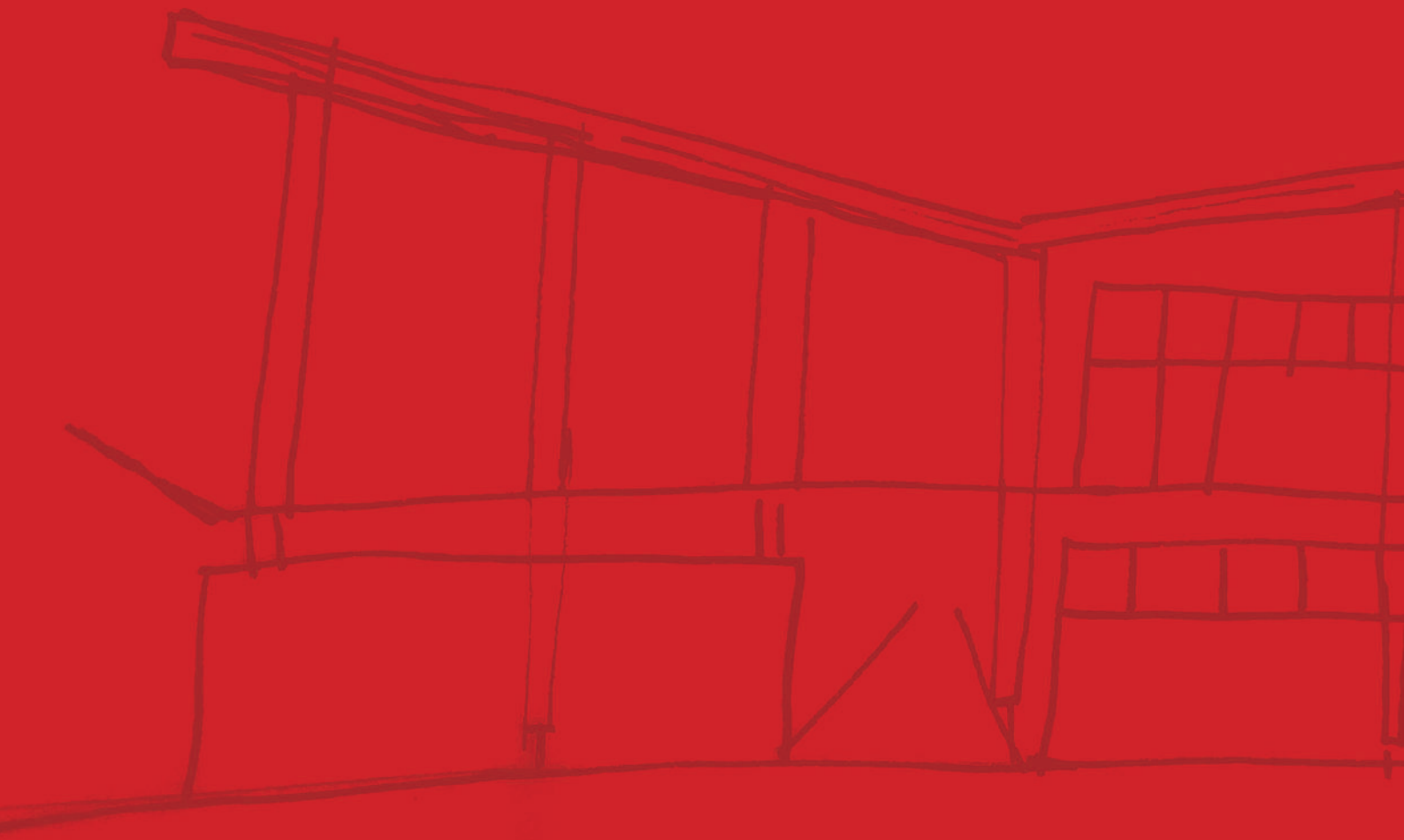








Figura 43: coletânea de fotos da Fábrica.
Fonte: Autora,2022.



O

03



lugar

INTRO.



A área onde está sendo realizado o estudo de implantação do Centro de Qualificação Social e Profissional fica localizada no bairro Ipiranga, Zona Norte, subsetor N-2, do município de Ribeirão Preto- SP.

O Subsetor N-2, se encontra delimitado pela Av. Dom Pedro I e à Via expressa Norte, principais vias do bairro. Mais próximo à área de estudo, mostra-se como vias de caráter expressivo a Rua São Francisco e Rua Tapajós, vias coletoras de intenso fluxo de pessoas e automóveis, e um pouco mais à frente, também a Av. Rio Pardo com características similares.

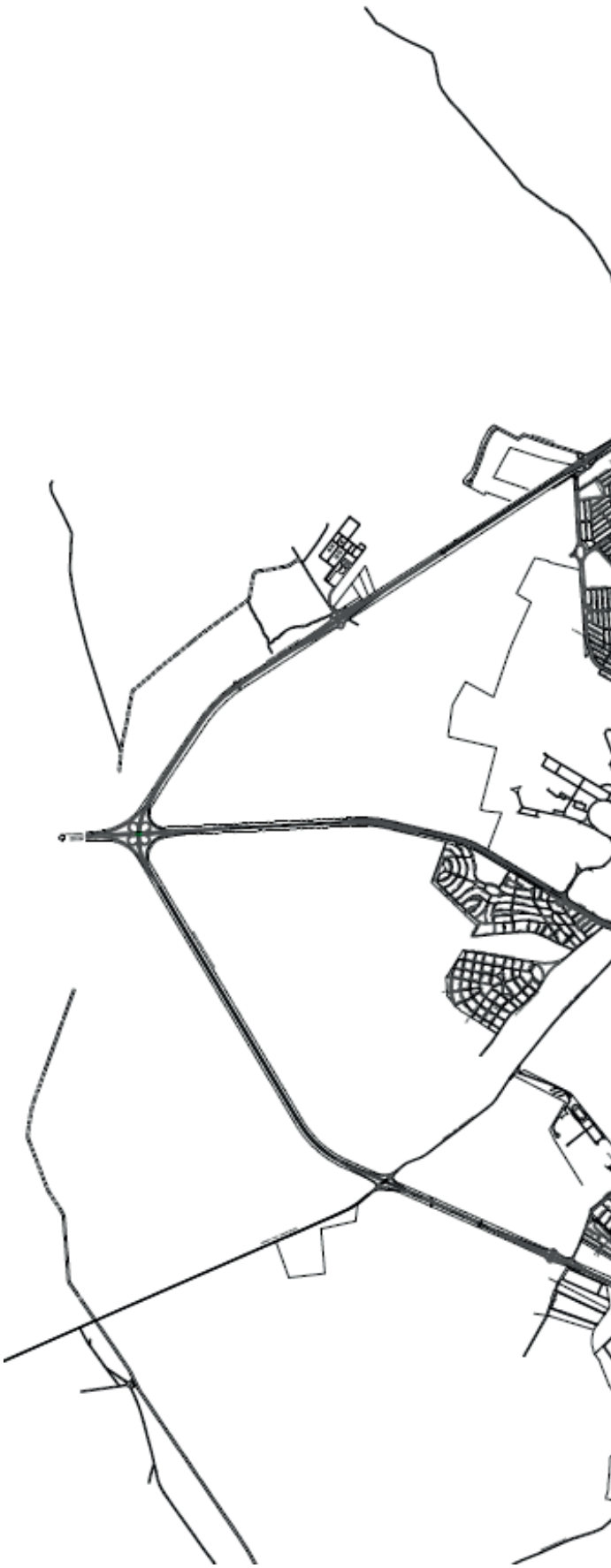


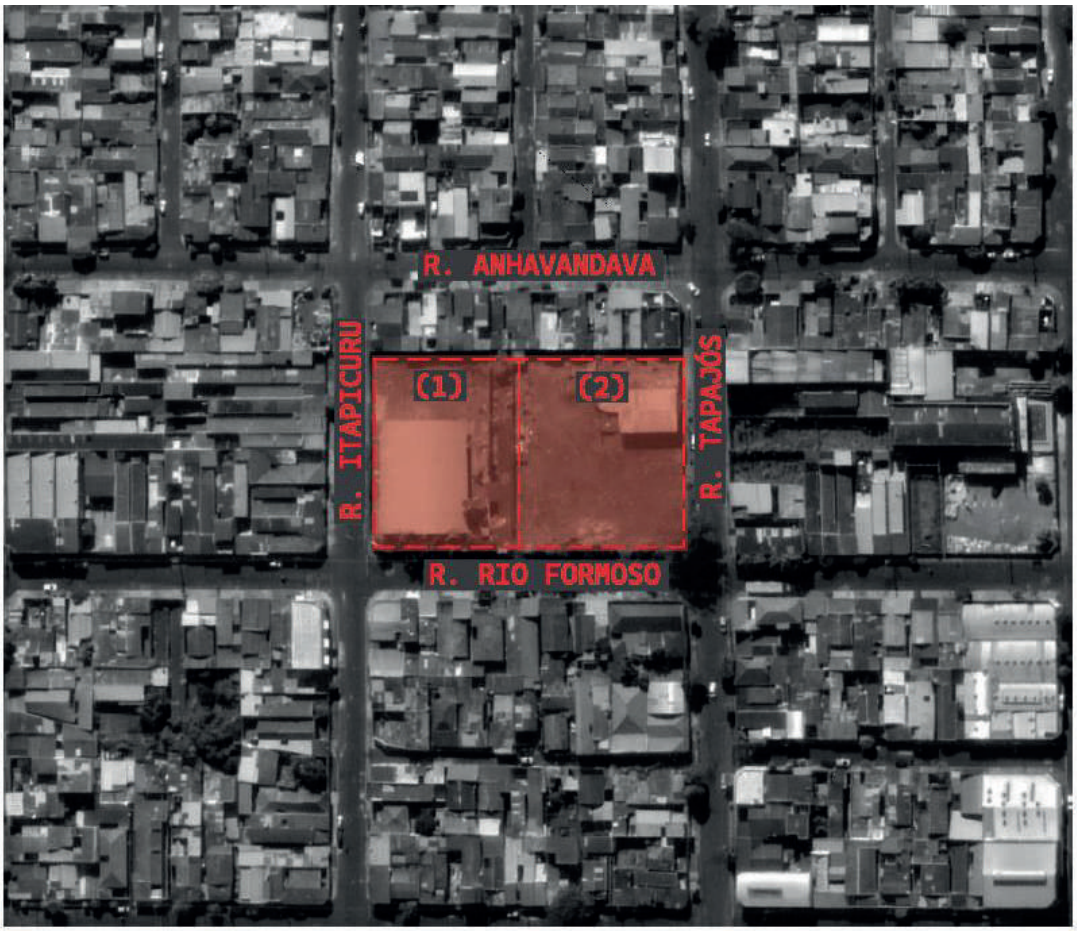
Figura 44: Recorte mapa de Ribeirão Preto- SP, com indicação subsetor N-2. Fonte: Autora,2022.


IPIRANGA
CENTRO



Figura 45: Subsetor N-2 e Principais vias delimitantes e de conexão à área.
Fonte: Autora,2022.

Figura 46: Mapa Situação- Área de estudo.
Fonte: Autora,2022.



A área de estudo está situada no quarteirão delimitado pelas Ruas Itapicuru, Tapajós, Rio Formoso e Avanhandava, tendo conexão direta com as três primeiras mencionadas.

Hoje a área escolhida é ocupada por dois lotes: no primeiro, há o galpão de uma quadra poliesportiva desativada (1), pertencente ao município, onde anteriormente tinha seu uso voltado para a Escola de Samba Tradição, do bairro Ipiranga. Já o segundo, configura-se como um vazio urbano (2), subutilizado, o qual se tornou local de acúmulo e venda de sucata.

Assim sendo, a área escolhida poderá ser objeto de unificação de dois lotes: o primeiro, com 2.515,45m², onde há a quadra desativada (1), e o segundo com 2.891,10 m², usado hoje para o depósito de sucata (2).

Somadas, resultam em um terreno de 5.406,55 m². No mesmo quarteirão, junto à esta área, há a existência de lotes residenciais unifamiliares, de gabarito baixo, voltados para a Rua Avanhandava, quem fazem divisa na parte dos fundos com o lote de intervenção.

ORIGENS DO BAIRRO

O bairro Ipiranga tem suas origens no ''Núcleo Colonial Senador Antônio Prado'', formado em 1886, a partir da divisão da ''Fazenda Ribeirão Preto'' (fundada em 1856), com aproximadamente 1.500 hectares de terras (SILVA, 2006). Inicialmente, o Núcleo foi dividido em 200 lotes , dispostos em 4 seções e 1 sede (Sumarezinho, Ipiranga- sede, Ipiranga, Campos Elíseos e Jd. Paulistano), delimitadas segundo condicionantes físicas e naturais do terreno.

O Ipiranga e Sumarezinho ficavam situados na área conhecida como ''barracão de cima'', e Campos Elíseos, Jardim Paulistando e Jardim Novo Mundo, na área conhecida por '' barracão de baixo'' por estarem localizados na parte ''de cima'' e ''de baixo'', respecitvamente, da antiga estação barracão da linha férrea mogiana (SILVA, 2006), principal condicionante física territorial .

Os lotes foram ocupados principalmente por imigrantes italianos, orientados na própria estação (onde podiam ficar hospedados por alguns dias) a requerer um Título de Propriedade para obtenção de terras no núcleo. Os lotes, por sua vez, possuíam um valor baixo devido a área estar localizada próximo à várzea do Ribeirão Preto e o córrego do Retiro, sendo considerados ''loteamentos para a classe trabalhadora '' (SILVA, 2006).

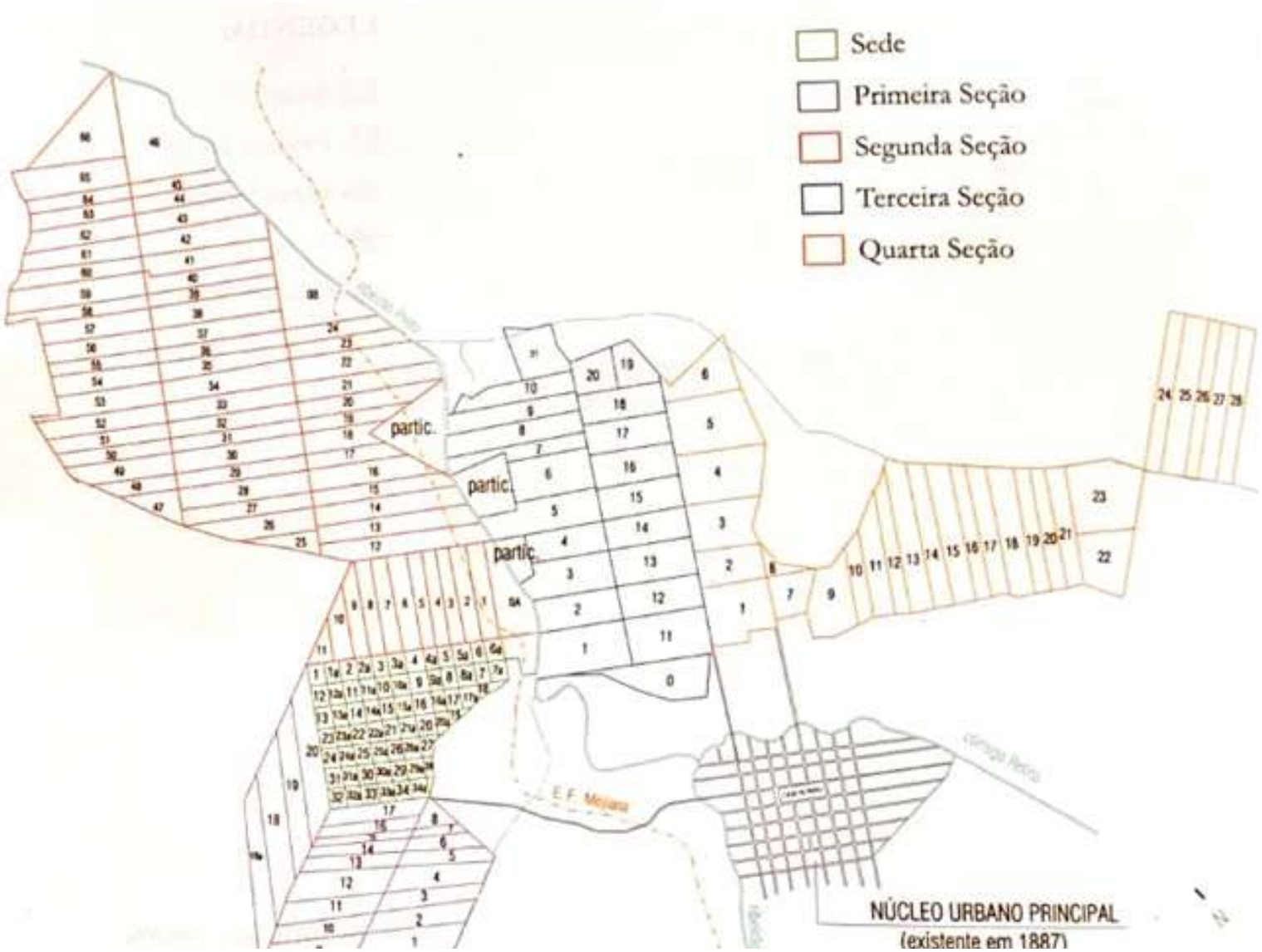
Assim que obtido o lote, os colonos construíam as próprias residências, com uma tipologia comum entre as casas, e organização das plantas, sendo: Sala no centro, fazendo a distribuição dos quartos, que são voltados para a frente e fundos da casa, e o fogão de lenha do lado de fora, também nos fundos (SILVA, 2006).

O Núcleo foi totalmente ocupado em até 1892, e apenas em 1960 passa a ser nomeado como Ipiranga. Desde então, o bairro apresentou seu crescimento voltado para habitações populares de classe média e baixa, e através do estudo de Silva, verificamos que esse tipo de ocupação tem raízes no passado histórico de originação do bairro, no qual a linha férrea da Mogiana além do caráter de divisão física do espaço, acabou também sendo responsável de certa forma pela estratificação social de ocupação dentro da malha urbana e que persistem de direta ou indidretamente, até os dias atuais. Observa-se também que, no bairro, há a existência de algumas casas da época, ou então, com configuração similar às que eram construídas.

Figura 47: Núcleo Colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto. Fonte: SILVA, A.C.B. da. Campos Elíseos e Ipiranga: Memórias do Antigo Barracão. Ribeirão Preto. Editora COC, 2006.

ipiranga

Y • Pyrang – Rio Vermelho



levantamento de

Para propor um equipamento comunitário condizente com as características do local, é necessário entender a dinâmica da vizinhança e como se dá as relações no lugar. Portanto, foram realizados levantamentos de dados da área, através de visita ao local com registros fotográficos e elaboração de mapas de estudo morfológico, como mapas de uso do solo, figura-fundo, hirarquia viária e locação de pontos de ônibus, nas proximidades eminentes que interessam para o estudo do objeto e compreensão da relação destes com o equipamento proposto.

Em visita realizada à área de estudo, verificou-se uma situação de abandono neste, com vegetação alta e lixo, dentro e fora do lote onde há o ponto de sucata; calçadas quebradas pelo crescimento das raízes das árvores, impossibilitando o caminhar em determinados pontos, com ausência de acessibilidade. No lote da quadra de esportes, essa totalmente vedada por seus muros impossibilita um olhar para o que ocorre em seu interior, não sendo possível também autorização para entrar no imóvel.

Por meio da análise e levantamento de usos e tipologia de ocupação do solo, foram elaborados os mapas seguintes, a fim de identificar as características morfológicas do local.

DADOS

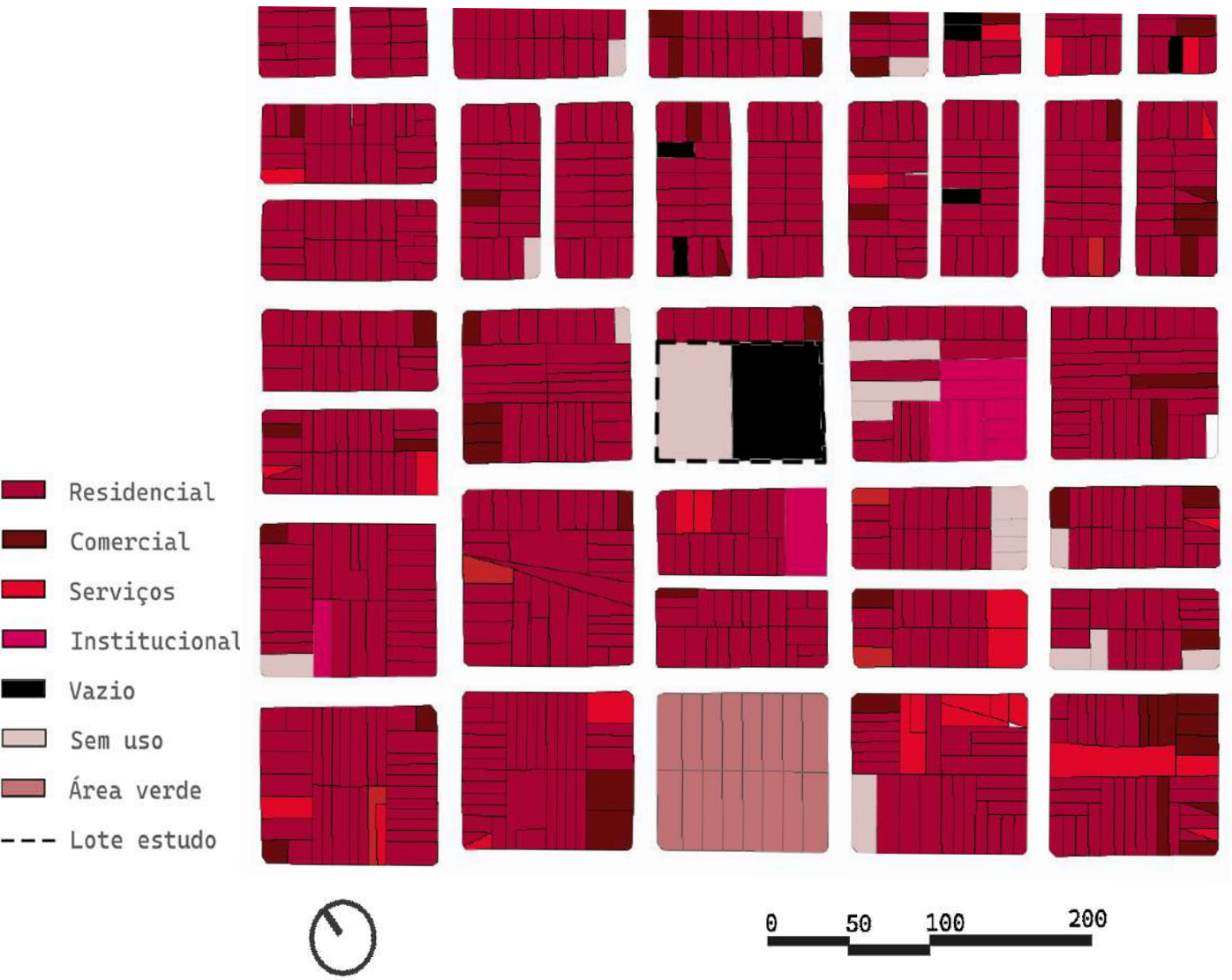
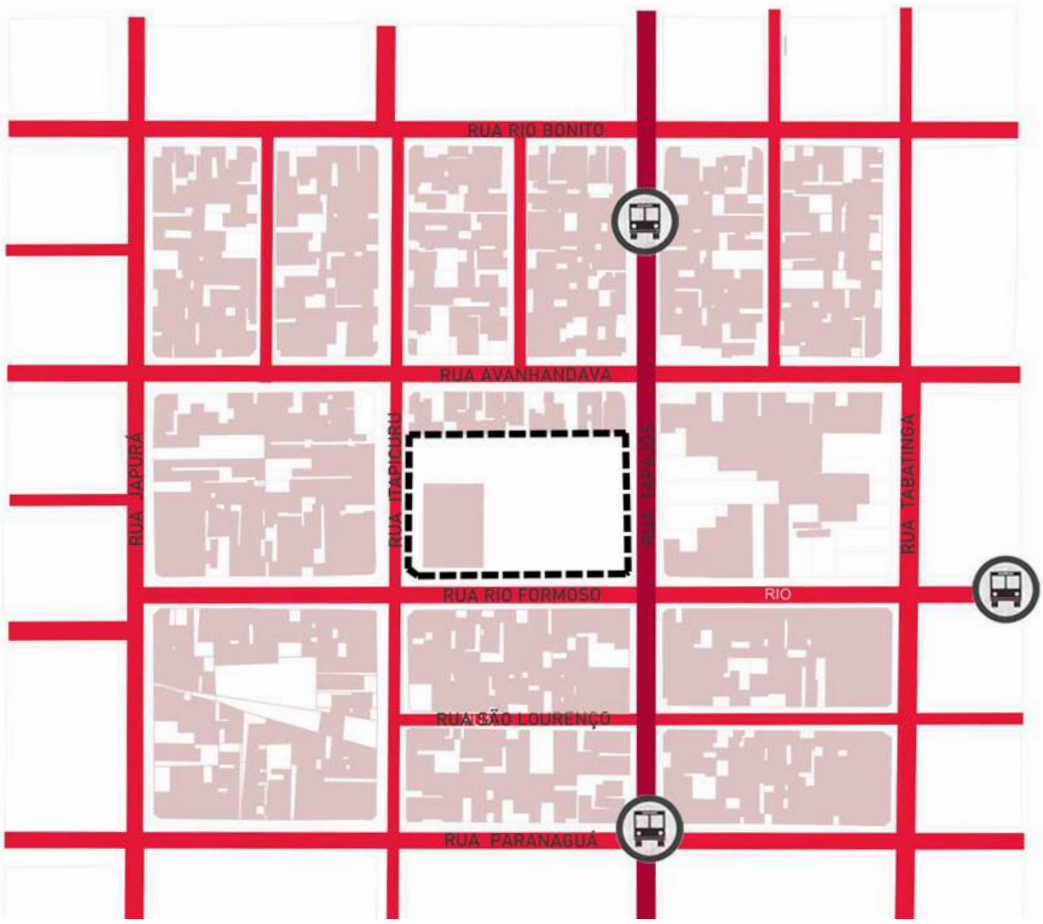


Figura 48: Mapa Uso do Solo.
Fonte: autora, 2022.

O levantamento nos mostrou que na região é predominante o uso do solo voltado para residencias, ocorrendo usos comerciais e de prestação de serviços a partir de uma distância aproximada de 200 metros da área de estudo. Há usos comerciais e de serviço espalhados pela região, e poucos usos institucionais. A maioria dos usos se dão em edificações térreas, havendo algumas de 2 pavimentos em menor quantidade.



A hierarquia viária se mostra com maioria de ruas locais, havendo expressividade hierárquica na Rua Tapajós, à direita do lote. Essa rua possui uma longa extensão, que conecta cinco bairros no sentido Norte- Oeste, sendo: Vila Maria Luiza, Alto do Ipiranga, Ipiranga, Vila Recreio e Jardim Jandaia. A área mostra-se também bem localizada quanto à distância de pontos de ônibus, com linhas urbanas que conectam entre os bairros da zona norte, oeste e centro, facilitando o acesso à área por meio do transporte coletivo.

As edificações tem sua projeção ocupando o máximo permitido dentro do lote, algumas outras ocupando-o quase por inteiro, principalmente quando identificado uma tipologia mínima de lote. Verifica-se também a presença de lotes vazios, sem nenhum uso, e que normalmente acabam se tornando local de acúmulo de lixo.

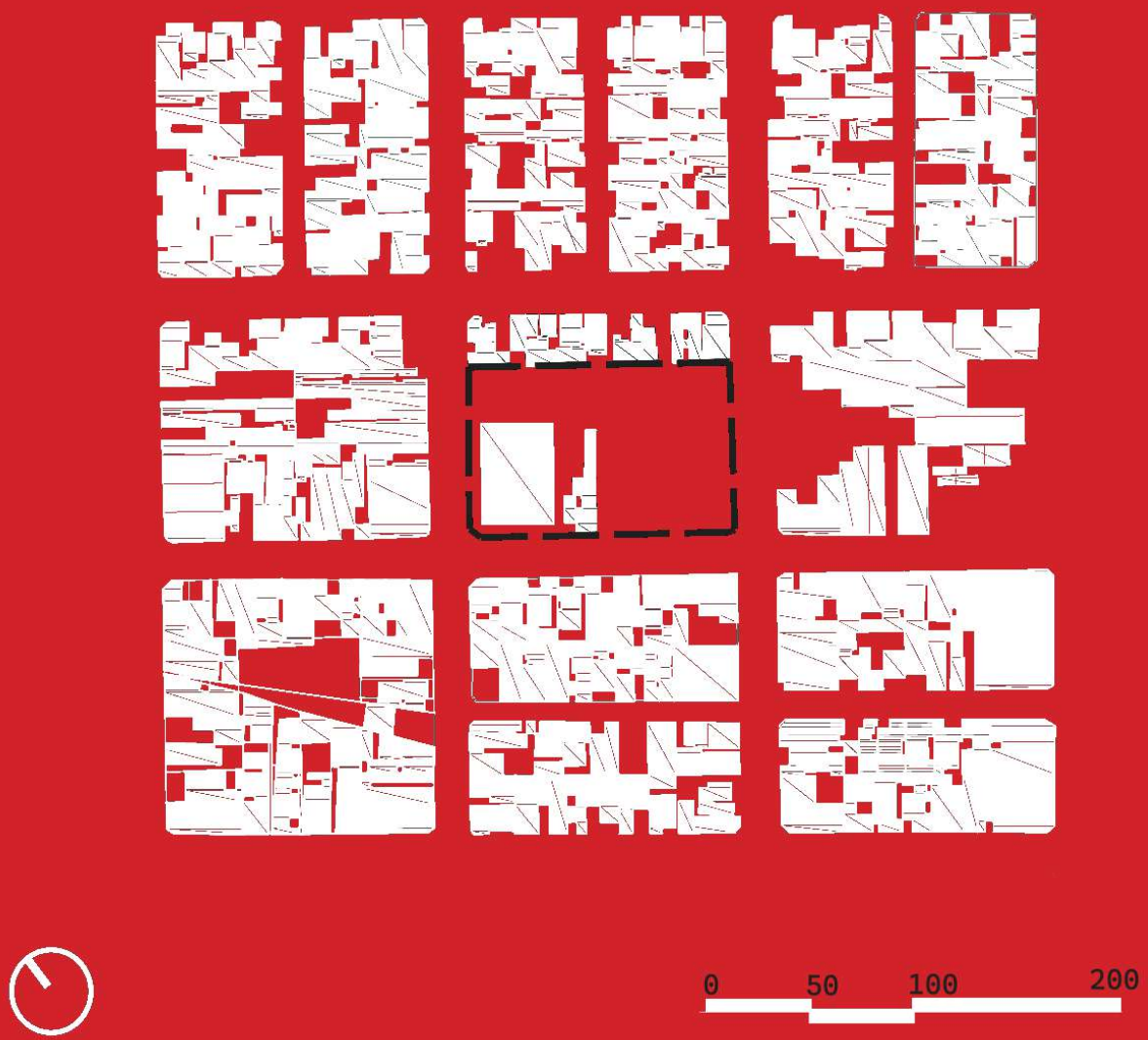


Figura 49: hirarquia viária.
Fonte: Autora,2022.

Figura 50: figura fundo.
Fonte: Autora,2022.





Figura 51: Elevação Rua Itapicuru. Muro de fechamento da quadra.
Fonte: Autora,2022.


1446



Figura 52: Elevação da quadra na Rua Rio Formoso.
Fonte: Autora,2022.





Figura 53: Calçadas obstruídas, Rua Rio Formoso.
Fonte: Autora,2022.





Figura 54: Elevação lateral lote vazio Rua Tapajós.
Fonte: Autora,2022.

aspectos POPULACIONAIS

A fim de compreender o contexto urbano no qual o equipamento será inserido, é importante analisar os aspectos populacionais e econômicos da região, através dos seguintes dados: pirâmide populacional, quantidade de assentamentos precários, rendimento domiciliar médio e mobilidade.

Segundo dados do censo IBGE 2021, em relação à pirâmide populacional de Ribeirão Preto, a ditribuição entre sexos é de 48,33% do sexo masculino e 51,67% do sexo feminino, com predomínio da população masculina na faixa etária de 0 a 34 anos e da população feminina a partir da faixa etária de 35 a 80 anos ou mais.

A Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Pública (SMPGP) de Ribeirão Preto indica que, na localidade do Ipiranga, a média do rendimento domiciliar é de 2 a 4 salários mínimos, estando entre os mais baixos do panorama geral da cidade (Figuras 6 e 7). Relaciona-se à esses dados a questão da cidade apresentar uma taxa de ocupação em empregos formais de 39%, quando feita a relação entre pessoas ocupadas versus população total, indicando assim uma certa ineficácia na qualificação profissional da maior parte de sua população.

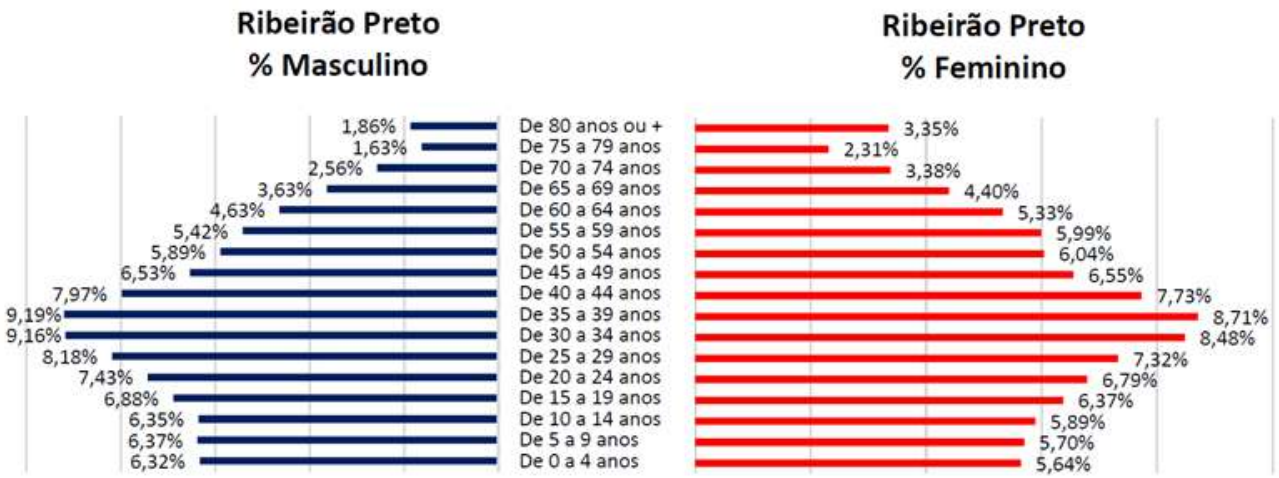


Figura 54: Pirâmide Etária Ribeirão Preto– SP. Fonte: Ministério da Saúde/ SVS/DASNT/CGIAE, Estimativas Preliminares, 2000 a 2020.

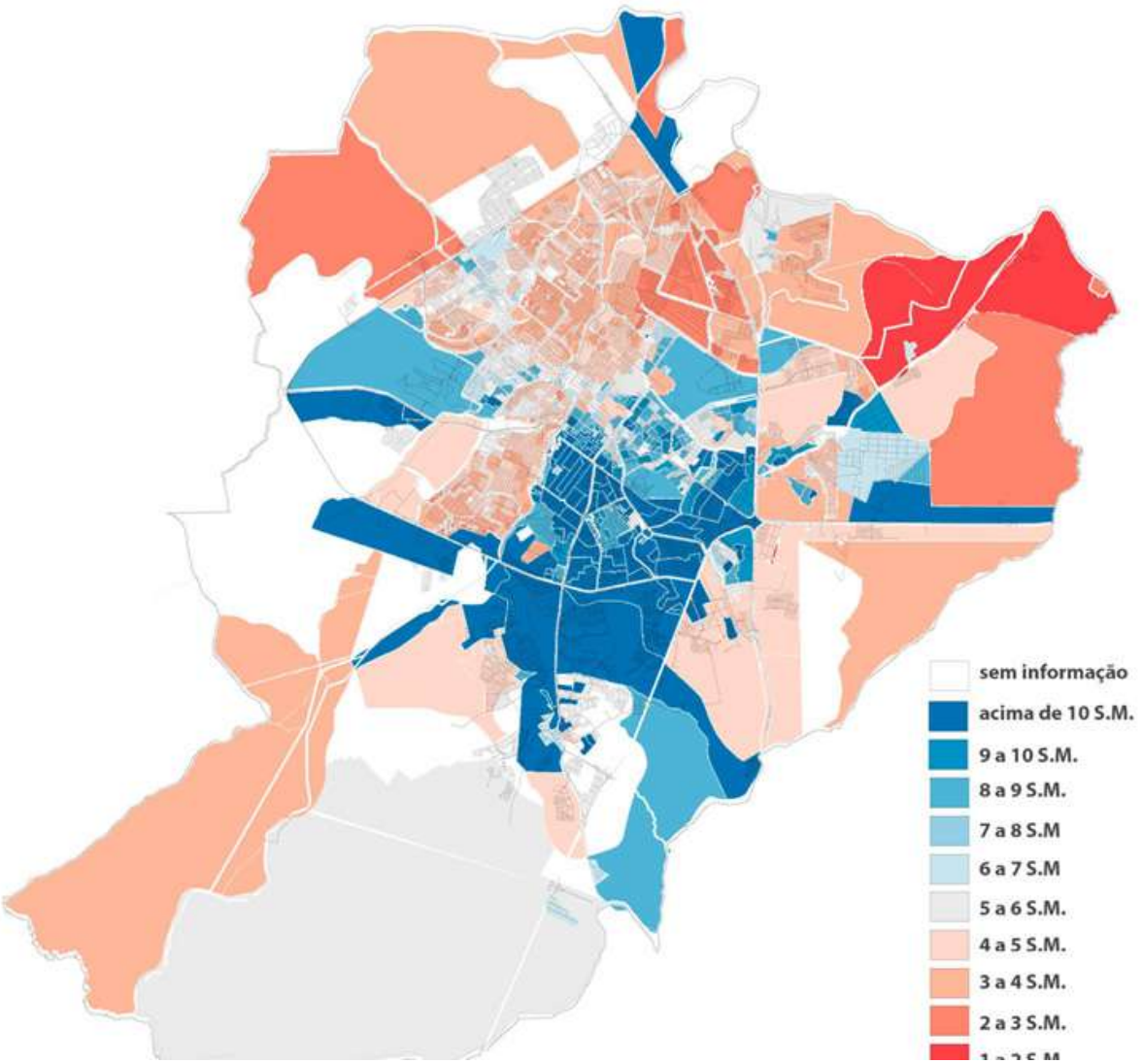


Figura 55: Rendimento Domiciliar Médio por Setor Censitário, 2021.
Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Pública, 2020.



Já em relação aos assentamentos precários, no ano de 2020, a zona norte apresentava o maior número de domicílios nesta situação, com um número total de 5.539, seguido pelos distritos sul (1.831) e oeste (1.644). No mapa de assentamentos provisórios, verifica-se a existência do Assentamento Itapicuru (nº 37 no mapa) próxima à área do lote em estudo para desenvolvimento do projeto do centro de qualificação.

Na mesma região, dados da SGP indicam que cerca de 5 a 17% dos responsáveis por domicilio em geral são analfabetos (enquanto a maior parte da cidade apresenta uma taxa em torno de 0 a 2%). De acordo com o levantamento demográfico, a região Oeste e Norte apresentam um inídice elevado de pessoas em situação de vulnerabilidade, situação agravada pela maior presença de assentamentos precários nessa região.

A Secretaria da Saúde de Ribeirão Preto, descreve no Plano Municipal da Saúde (2022- 2025) que '' a vulnerabilidade social diz respeito a um conjunto de fatores sociais que determinam o acesso às informações, serviços, bens culturais, restrições ao exercício da cidadania, exposição à violência, (...) condições de moradia, educação e trabalho". Tais parâmetros infelizmente acabam por ser reforçados pelas situações de baixo nível de escolaridade e baixa renda, verificados anteriormente.

Por fim, a respeito da mobilidade, verifica-se que grande parte dos deslocamentos são realizados por transporte público coletivo, com passagem atual no valor de R$5,00, que gera um gasto de R$10,00 por dia (ida e volta), somando R$50,00 na semana. Quantia essa considerável, visto que quem frequenta os cursos está a procura de uma forma de profissionalização para geração de renda, e até então, não possuem uma renda fixa de garantia.Sendo assim, vê-se a importância de ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida desta população, em que a profissionalização é um caminho para mudar a realidade.

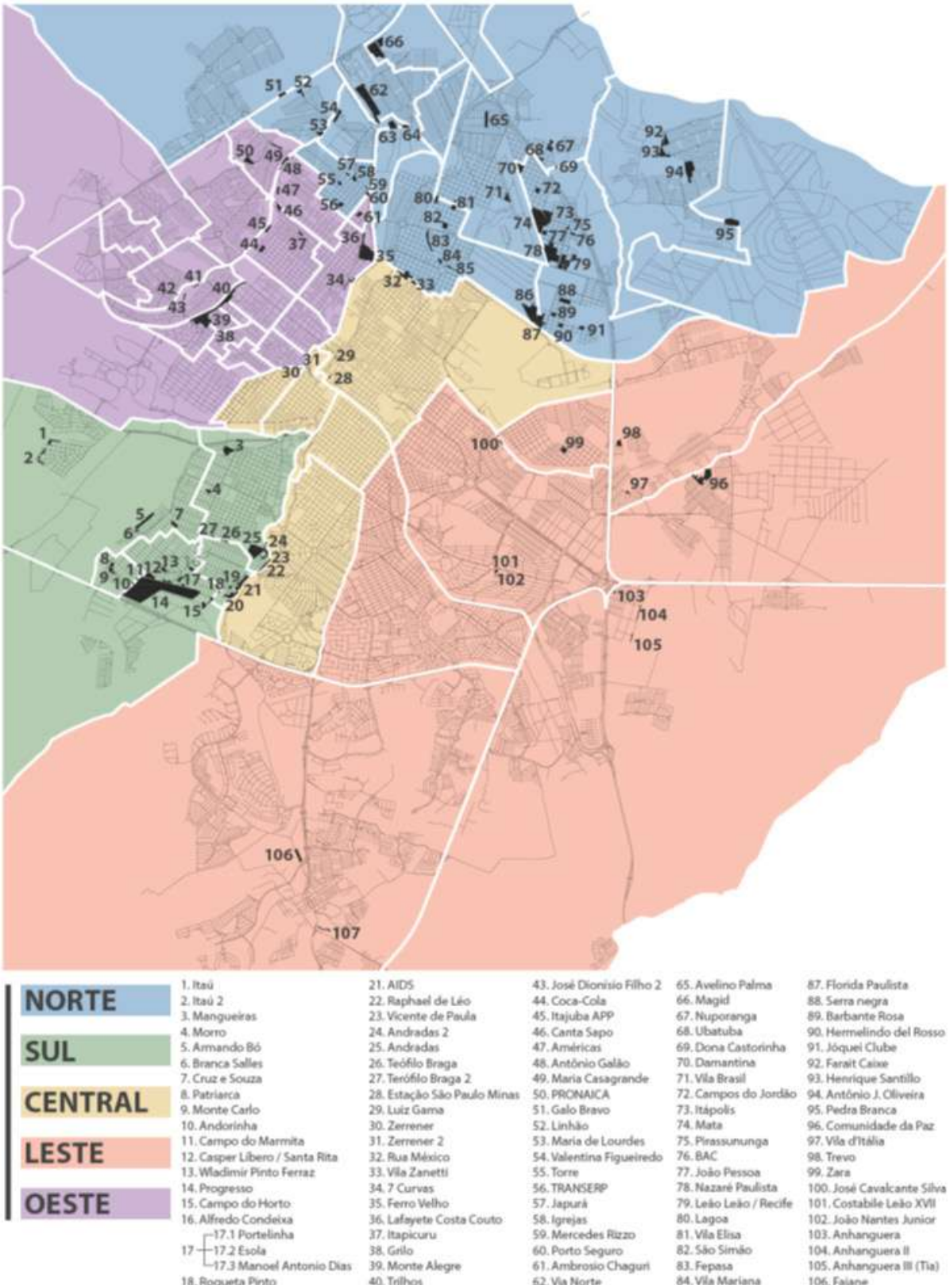
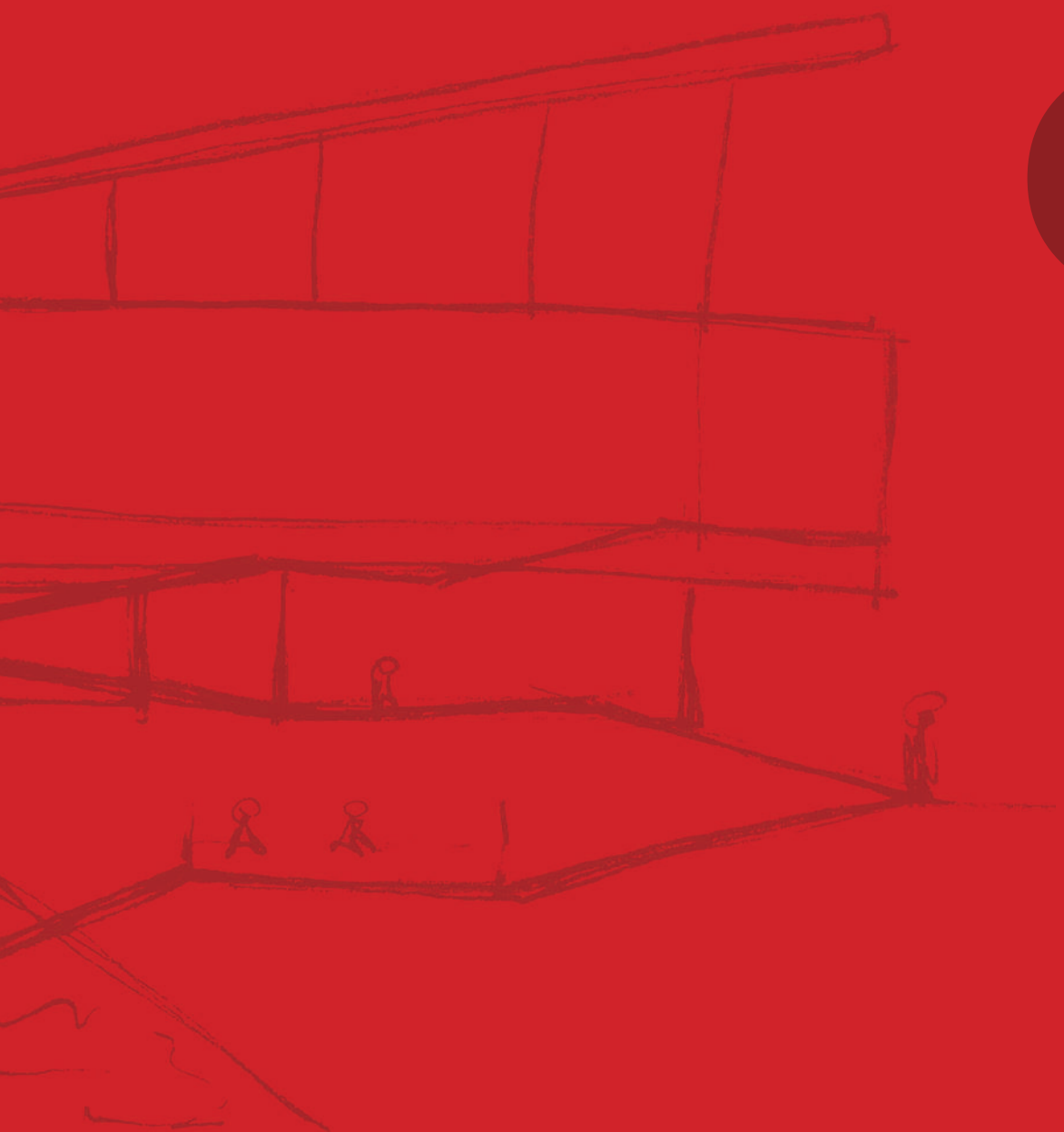


Figura 56: Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Pública, 2020.



a arqui

04



tetura


425 CEH



Figura 57: perspectiva do equipamento Centro de Qualificação Social e Profissional do Ipiranga.

O Centro de Qualificação Social e Profissional foi criado pela Lei Municipal de Ribeirão Preto nº 1.629/2004 como um orgão vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), cujo objetivo é "a qualificação de pessoas inseridas em programas sociais de benefícios da Administração Pública", segundo o artigo 1º da lei nº 1.629/2004 (RIBEIRÃO PRETO (SP), 2004). Assim, é importante compreender sua regulamentação, visto características específicas deste objeto. Segundo o artigo 2º, incisos V e VII, a finalidade do Centro de Qualificação Social e Profissional é:

> "V - aumentar a probabilidade de obtenção de emprego decente e da participação em processos de geração de oportunidade de trabalho e renda, visando à redução do desemprego e do subemprego;
>
> VII - construir procedimentos técnicos para atendimento das demandas de qualificação existentes no município, mediante metodologia de rede articulada com os recursos existentes."
> (RIBEIRÃO PRETO (SP), 2004).

A lei menciona apenas questões do objetivo do Centro e operacionais, não especificando questões de programa ou especificações projetuais de implantação do mesmo.

Ainda sob um olhar técnico, o Centro de Qualificação se enquadra como um equipamento urbano comunitário, visto o que dispõe a lei federal nº 6.766/ 1979, artigo 4º, parágrafo 2º: "Consideram-se comunitários os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares" (Brasil, 1979).

Entende-se que o Centro de Qualificação possui um caráter educativo e social, visando atendimento à pessoas de baixa renda. É essencial que esse tipo de equipamento ofereça toda a infraestrutura necessária e dê o devido suporte à quem frequentar este espaço. A arquitetura do espaço público deve ser qualificado tão quão a de um espaço particular, de maneira que as pessoas realmente possam se sentir acolhidas, em um espaço feito para elas utilizarem.

O equipamento se torna um meio de fomentar a inserção populacional no mercado de trabalho, visando a emancipação financeira de muitas famílias, ao mesmo tempo que atua como local de socialização e troca de experiências.

Assim, é de extrema importância veicular a existência do centro de qualificação e o programa que oferece, seja através de cartazes fixados em espaços públicos e transporte coletivo; mídia digital; em outros equipamentos públicos, que podem direcionar as pessoas à aquele. Ações como estas que tem como finalidade atingir a maior parte da população a qual esse equipamento se destina, despertando interesse e curiosidade das pessoas para o frequentarem.

O equipamento



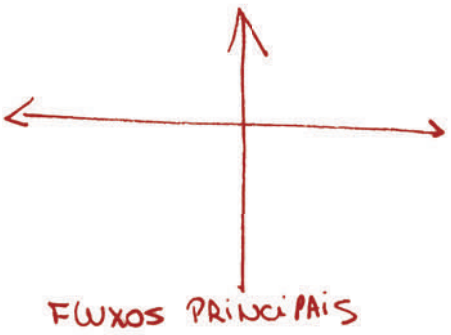
Figura 58: Cartaz fixado em ônibus urbano, indicando cursos de qualificação.
Fonte: Autora,2022.

O projeto



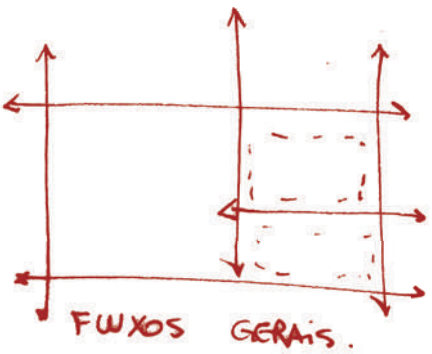
Para a realização do projeto do Centro de Qualificação Social e Profissional, a condicionante principal foi o estabelecimento de conexões entre arquitetura e o entorno, a fim de permitir que a arquitetura se integre à paisagem urbana, qualificando a região com as características que possui e qualidades que oferece.

O bairro Ipiranga foi o escolhido para a implantação do equipamento, visto suas características de um bairro com potencial urbanidade, formado por uma população de maioria de baixa e média renda, principal público para qual o equipamento está voltado.



No bairro, o lote escolhido chama a atenção visto a grande área que ocupa, ao mesmo tempo que se encontra subutilizada, não cumprindo sua função social de uso, sendo praticamente invisível no contexto urbano.

Cercada por muros, no caso da quadra, ou então por alambrados, no caso da sucata, este grande lote gera um bloqueio visual e físico, e se torna elemento que diminui a segurança para quem circula na região.

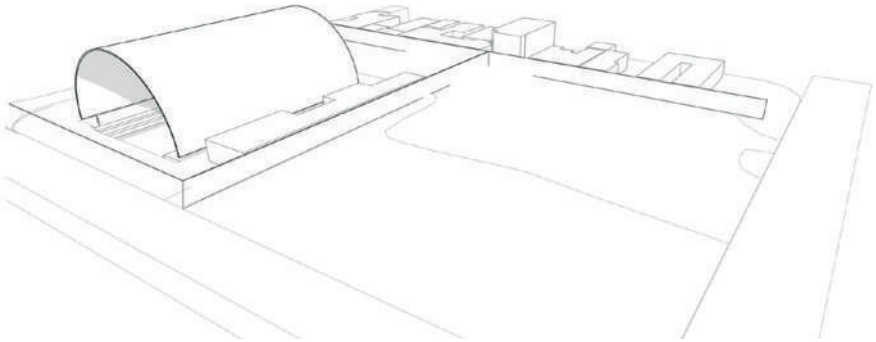


O projeto tem como ponto de partida, então, a permeabilidade físico- visual, a fim de garantir as conexões entre os espaços, revertendo a situação a qual se encontra o terreno originalmente.

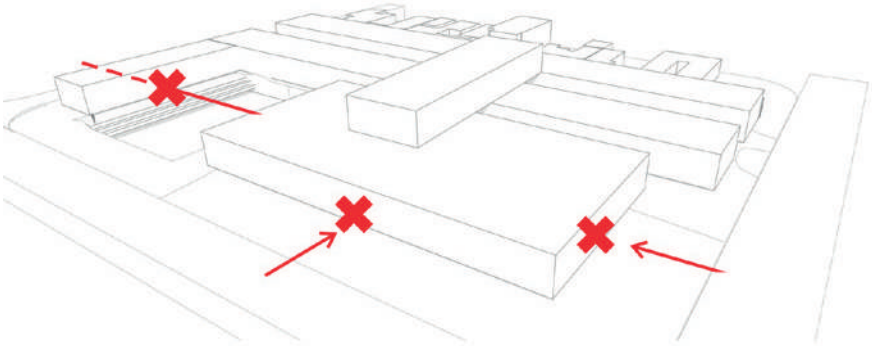
Deseja-se que a arquitetura instigue as pessoas à adentrá-la de forma natural, e vivenciá-la de diversas maneiras. Para isso, o objeto arquitetônico deve se inserir integrado ao meio urbano, com estratégias que promovam percursos e usos, levando a rua para o interior do edifício.

A permeabilidade física é alcançada através dos caminhos criados e possibilidades de permanência, desenhados de maneira a se conectarem com o meio urbano, criando possibilidades de caminhar, permanecer ou apenas passar pelo edifício. Assim, são estabelecidos um eixo principal transversal e outro longitudinal, ordenadores dos fluxos no equipamento.

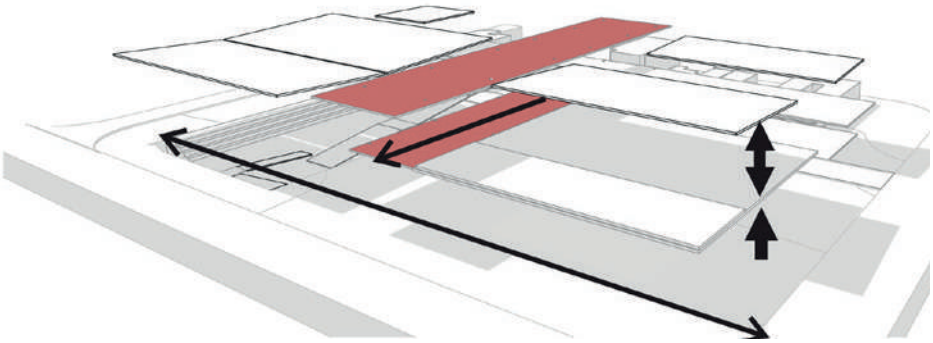




Ocupação existente no terreno.



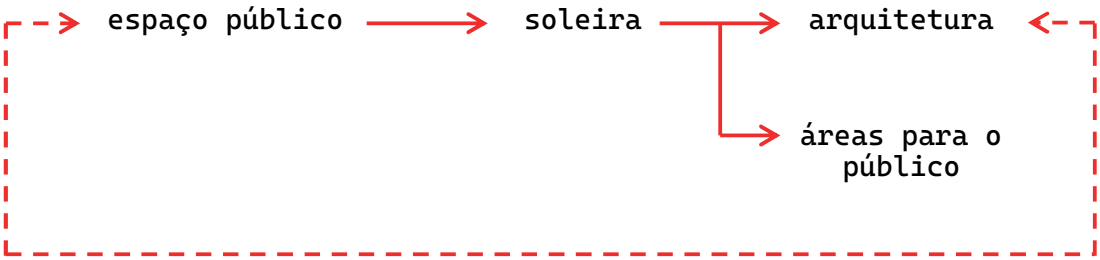
disposição por volumes formam barreiras físicas e visuais no terreno.

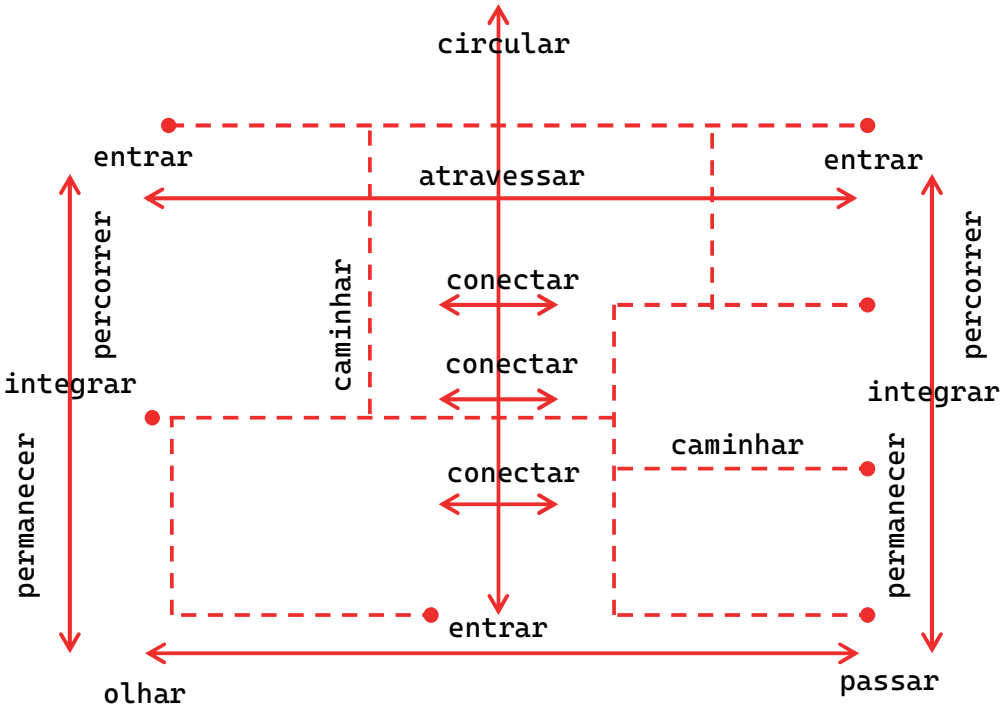


volumes compactados e organizados conforme eixos principais de fluxo. Estudos sobre a disposição da cobertura.

figuras 62, 63, 64, 65 59, 60 e 61: Croquis fluxos e ocupação.

figuras 62, 63, 64, 65: Diagramas estudo de implantação do objeto arquitetônico.





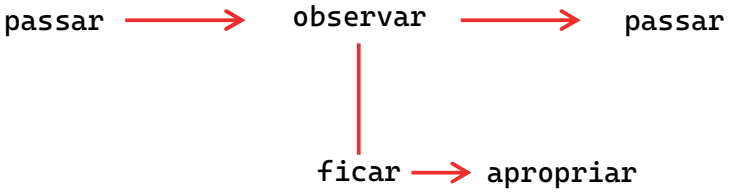
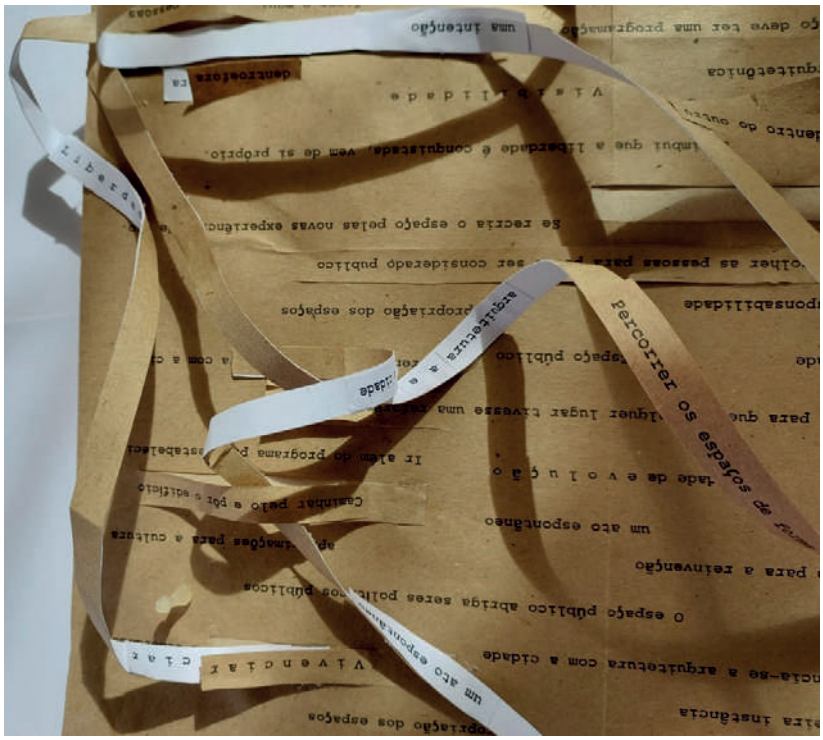


figura 66, 67,68: organogramas.



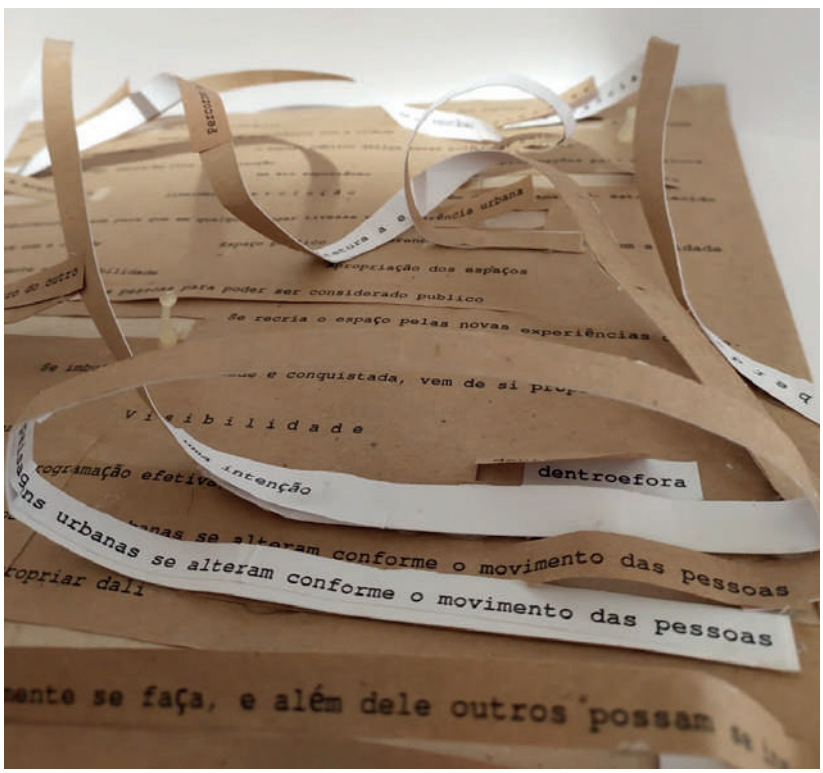
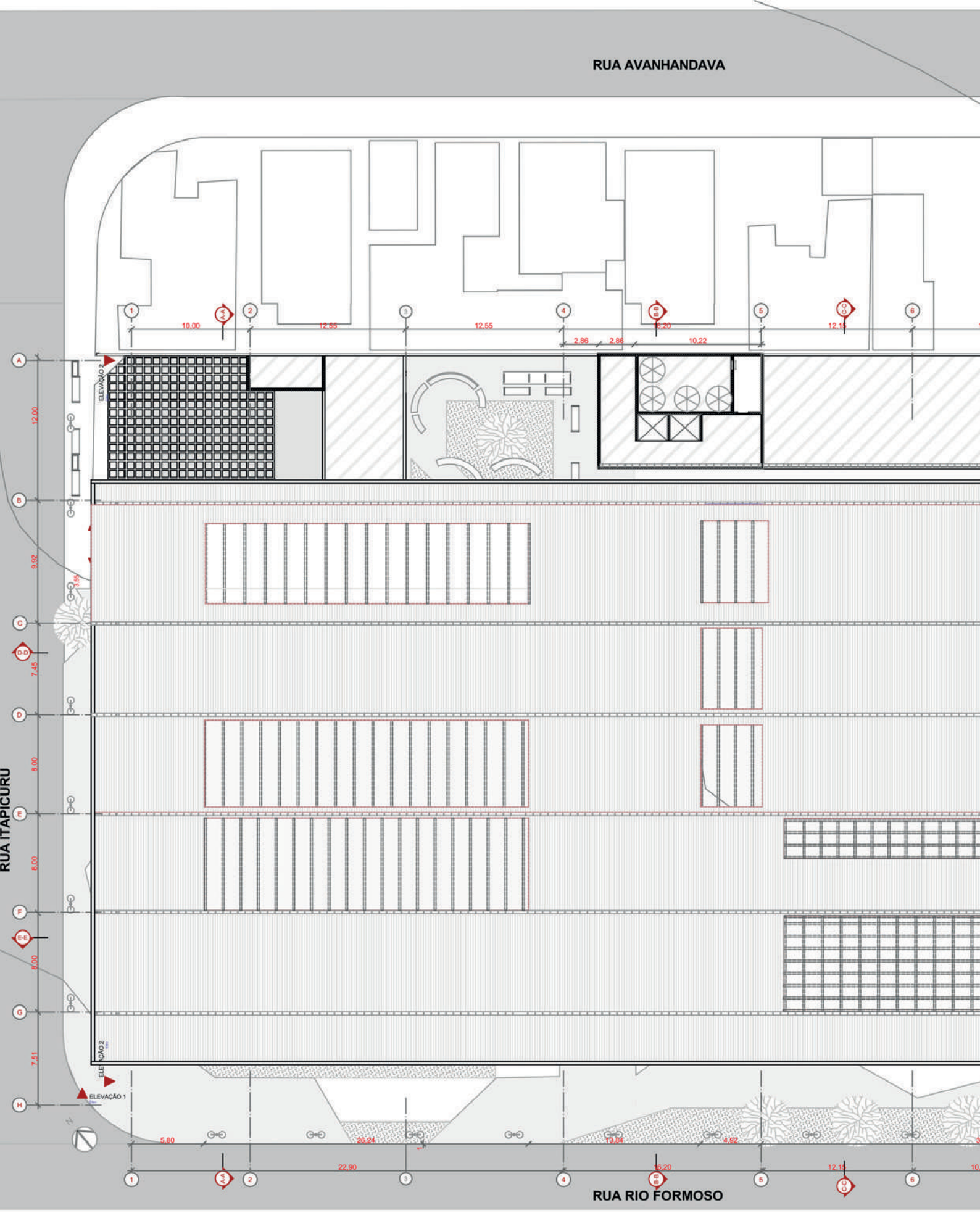
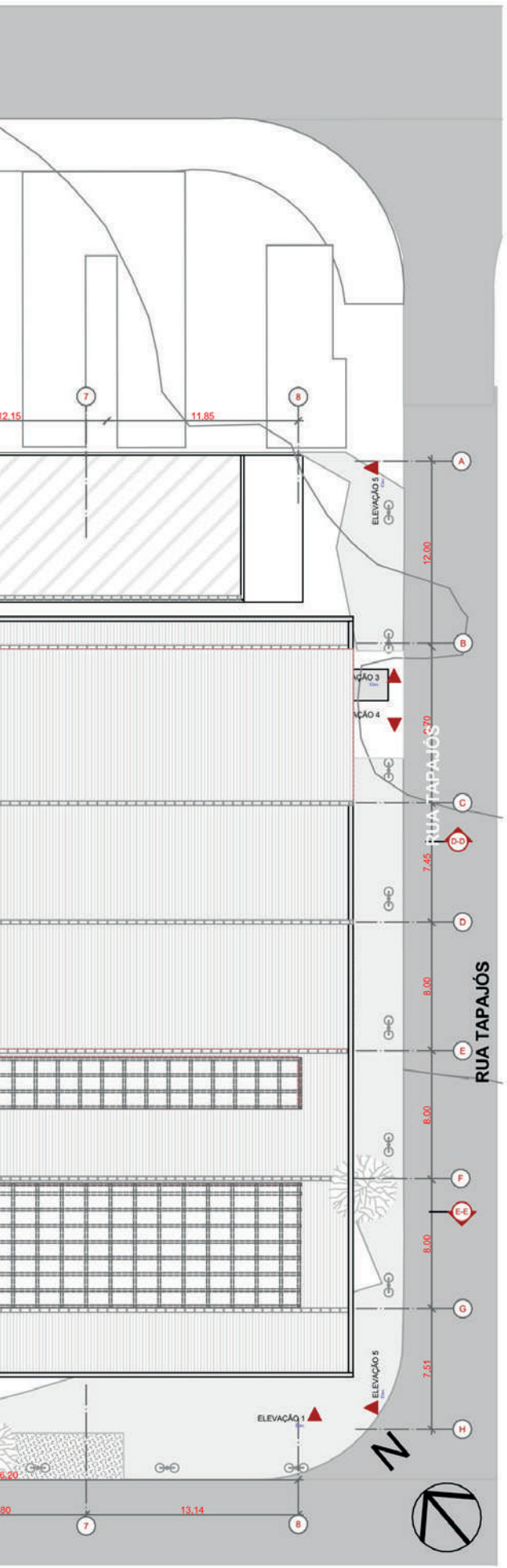


figura 69 e 70: maquete conceitual. percursos e permeabilidade. fluxos.


RUA AVANHANDAVA
RUA ITAPICURU
RUA RIO FORMOSO
ELEVAÇÃO 2
ELEVAÇÃO 1
D-D
E-E
10.00
12.55
12.55
2.86
2.86
10.22
12.15
5.80
26.24
22.90
4.92
12.15



SITUAÇÃO
escala gráfica

IMPLANTAÇÃO
escala 1:400

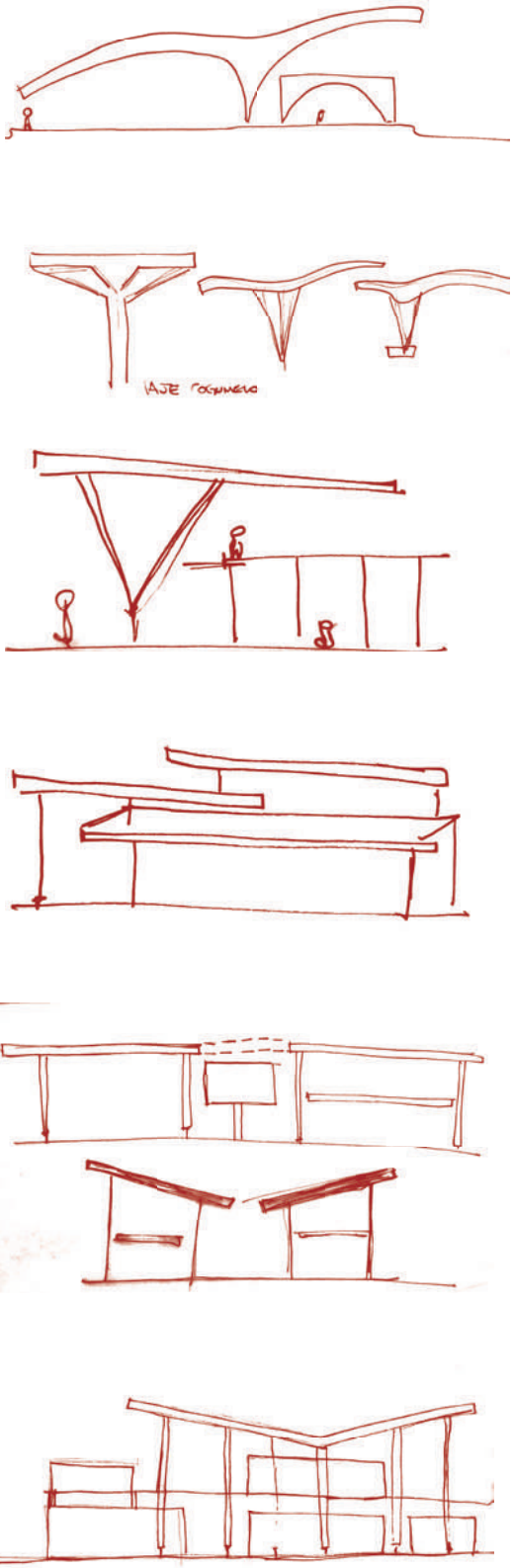
A fim de liberar o campo visual, indo contra os muros e alambrados existentes hoje no terreno, o projeto possui o térreo com espaços livres para caminhar e exercer atividades; não fora pensado em volumes, mas sim lâminas, como uma espécie de "grande marquise" que se estende e conecta todos os espaços, com as atividades do Centro organizadas sob ela e permitindo o térreo livre.

Devido a grande extensão horizontal do terreno, o edifício possui gabarito baixo, e assim, tira partido dessa horizontalidade. Os blocos de atividades do equipamento são distribuídos linearmente, através de "faixas", organizadas sob uma cobertura principal, que garante a unidade ao conjunto. A quadra existente é mantida enquanto recorte no terreno, porém tem seu uso ampliado, tornando-se uma arena de eventos.

O edifício não se constitui como um volume, mas sim com planos horizontais e linhas verticais, liberando o campo visual do observador. Foram feitos vários estudos sobre a forma, sempre pensando em uma estrutura elevada, com o sistema de pilar e viga, aplicando diferentes tipos de tecnologias construtivas e tipologias de cobertura, a fim de verificar qual traria o melhor resultado.

Dentre as possibilidades existentes, adotou-se a tecnologia da madeira laminada colada (MLC), apoiando a cobertura e as lajes steel deck (pré- fabricadas) na estrutura de pilares e vigas de madeira.

A escolha desse sistema é devido a possibilidade da madeira laminada colada vencer grandes vãos com peças estruturais mais leves e esbeltas, quando comparadas com o aço ou concreto, garantindo a permeabilidade e fluidez do espaço. O uso da MLC também demonstra um ótimo desempenho do material em relação à tração, compressão e resistência; é um material sustentável, que gera baixa emissão de carbono na sua produção; o método construtivo é racionalizado e limpo, pois as peças são pré-fabricadas. Além de todos esses fatores construtivos, proporciona um ótimo resultado estético para a arquitetura.



figuras 71 a 78:croquis concepção projetual.

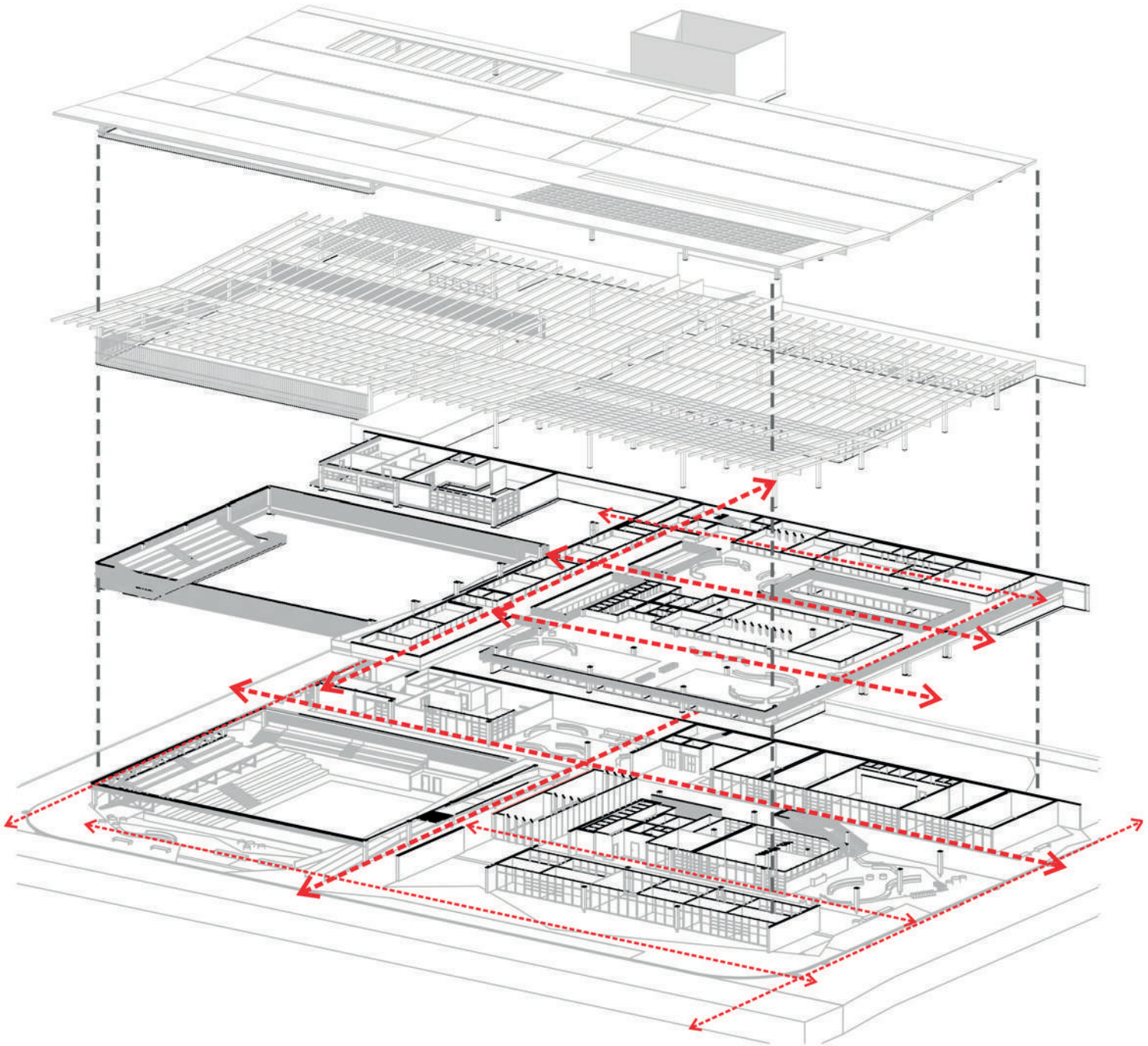


figura 79: diagrama Fluxos por pavimento.

Todos os elementos construtivos do projeto foram pré-dimensionados, adotando os seguintes sistemas estruturais: pilares, vigas de alma cheia e vigas vagão, essa última utilizada para vencer o vão da arena de eventos, o maior do projeto. Em conjunto ao sistema de madeira, foram utilizadas paredes autoportantes em bloco de concreto, formando planos que ora a estrutura de madeira se apoia e transmite seu carregamento , ora se estruturam por completo.

Devido a esbeltez da dos pilares de madeira laminada colada, os mesmos são engastados às vigas através de chapas metálicas, nos quando na malha de 8x12, e no caso da malha de 8x32, além dos engastes nesses encontros há também a aplicação do contraventamento na estrutura.

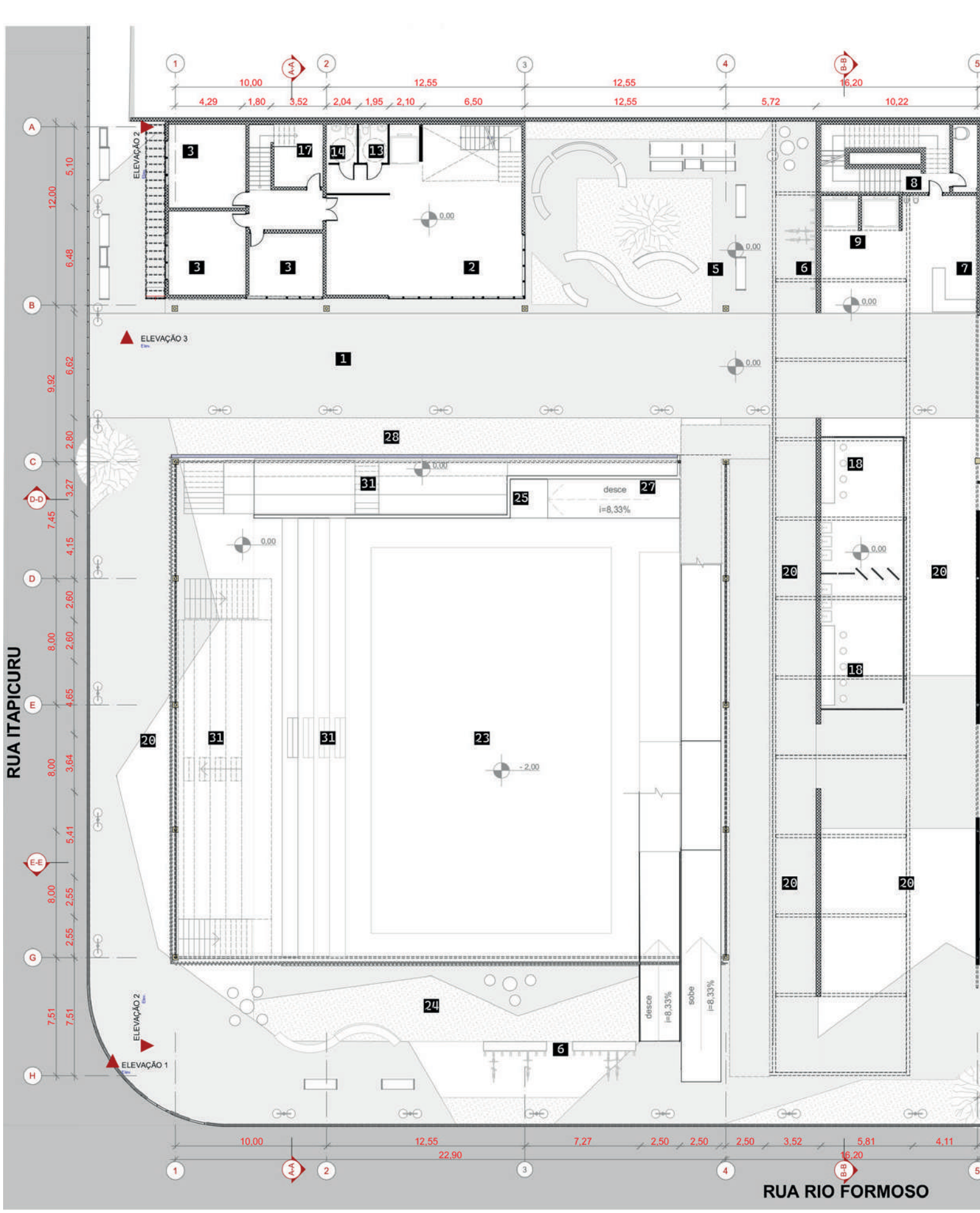
Os blocos de atividades são constituídos em placas de gesso acartonado, no sistema de steel frame com drywall, que permite a flexibilidade dos usos e liberdade de manipulação dos ambientes, podendo expandir ou subdividir as áreas existentes, tornando os espaços adaptáveis a depender do programa proposto.

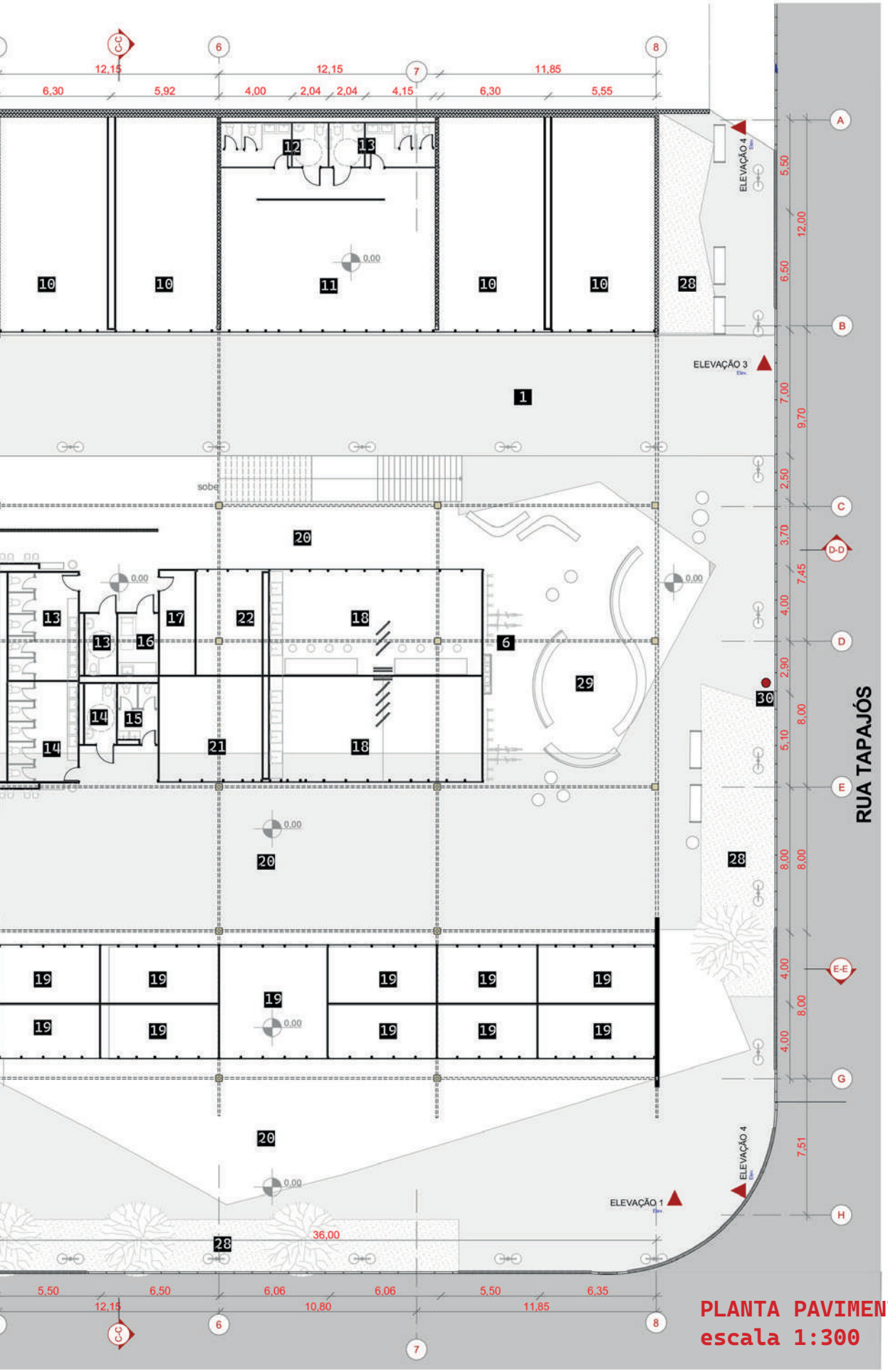
No bloco independente (salões e restaurante) o sistema se dá em bloco de concreto estrutural. No interior dos blocos também utilizou-se de divisórias articuladas, que podem ser manipuladas conforme necessidade e uso do espaço, flexibilizando e não restrigindo-o.





figura 80: perspectiva Rua Itapicuru, indicando o bloco independente e a arena de eventos com fechamento em brises.


RUA ITAPICURU
RUA RIO FORMOSO
ELEVAÇÃO 1
ELEVAÇÃO 2
ELEVAÇÃO 3
desce
i=8,33%
sobe
i=8,33%
- 2,00
0,00

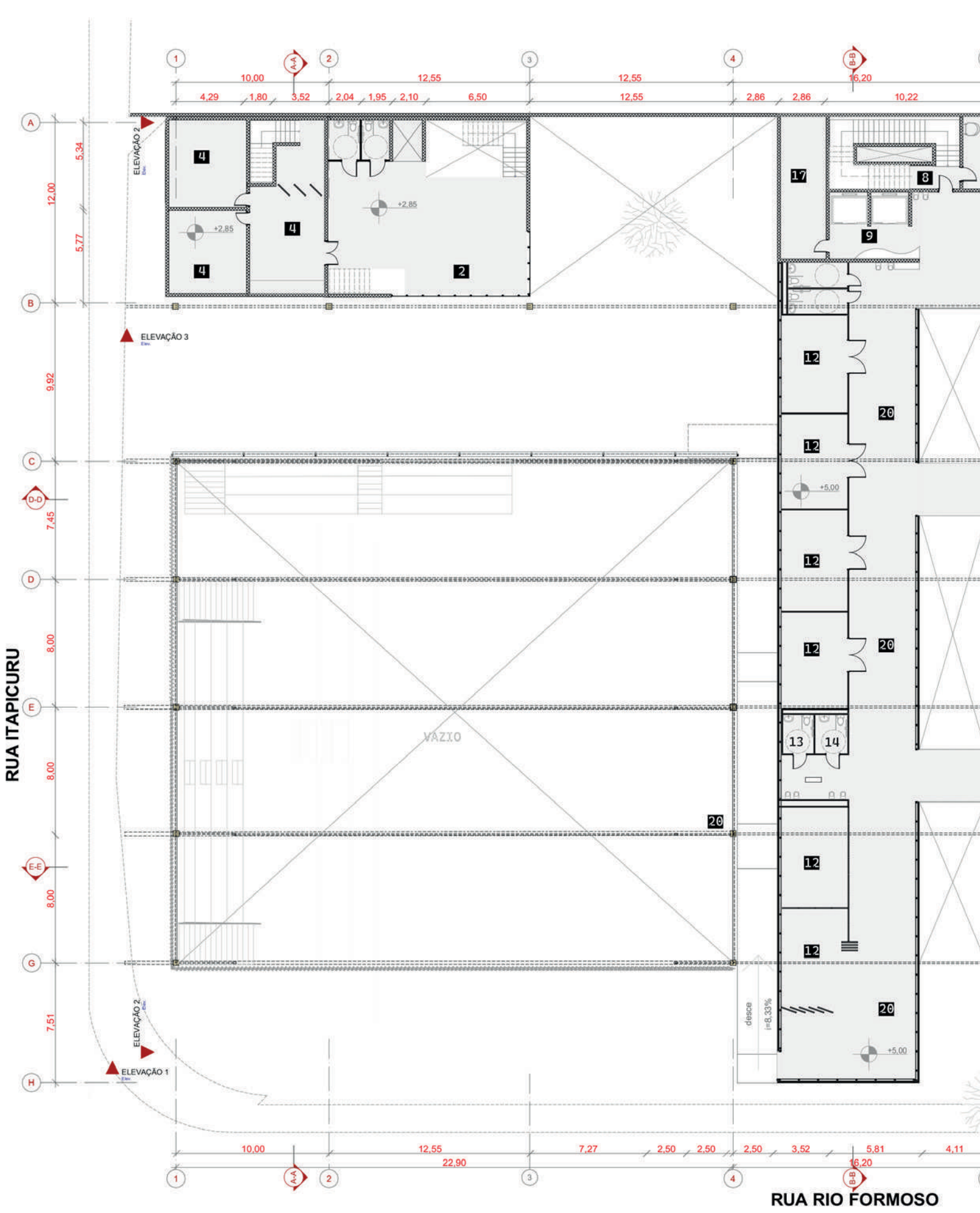


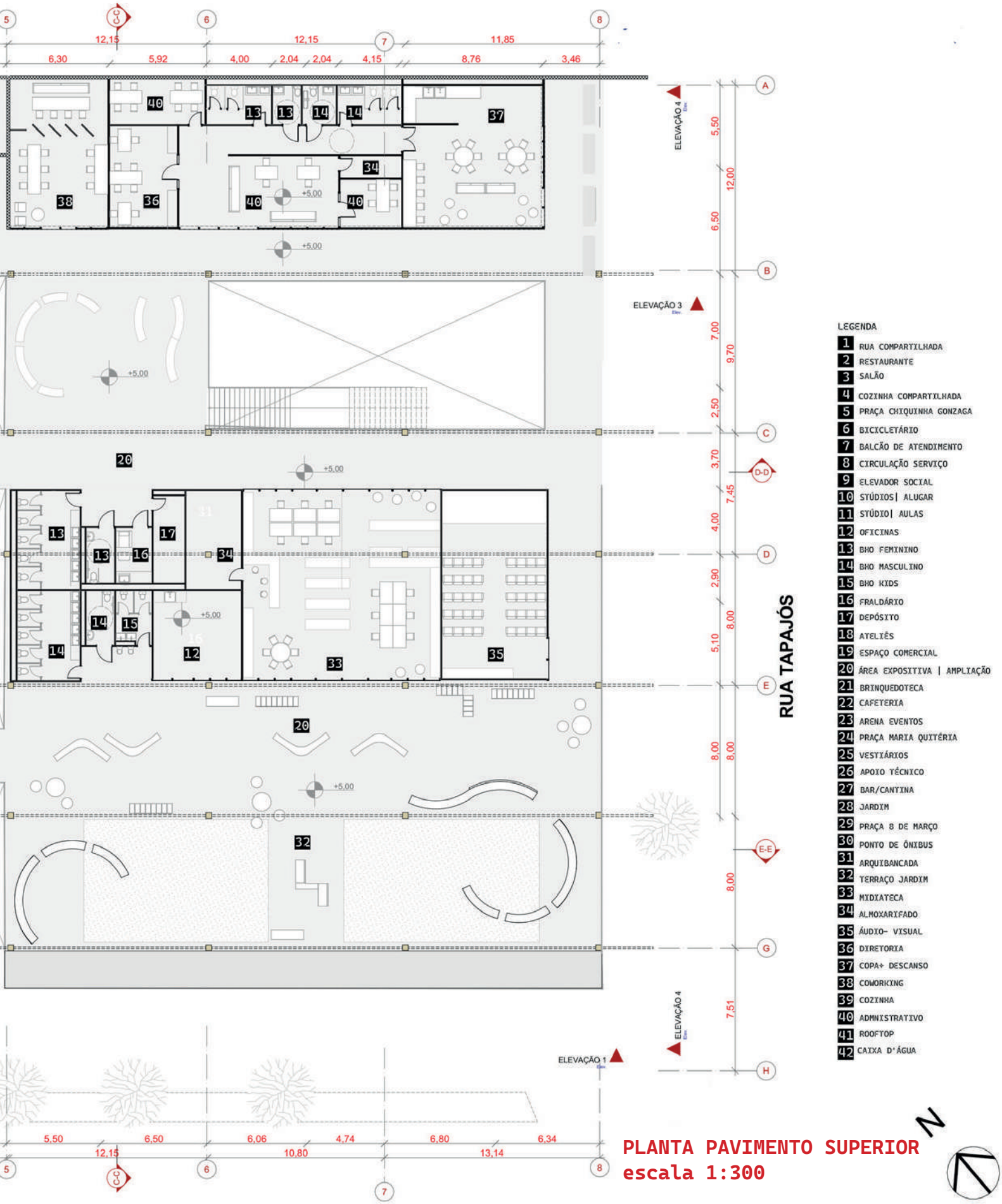
LEGENDA

1 RUA COMPARTILHADA
2 RESTAURANTE
3 SALÃO
4 COZINHA COMPARTILHADA
5 PRAÇA CHIQUINHA GONZAGA
6 BICICLETÁRIO
7 BALCÃO DE ATENDIMENTO
8 CIRCULAÇÃO SERVIÇO
9 ELEVADOR SOCIAL
10 STÚDIOS| ALUGAR
11 STÚDIO| AULAS
12 OFICINAS
13 BHO FEMININO
14 BHO MASCULINO
15 BHO KIDS
16 FRALDÁRIO
17 DEPÓSITO
18 ATELIÊS
19 ESPAÇO COMERCIAL
20 ÁREA EXPOSITIVA | AMPLIAÇÃO
21 BRINQUEDOTECA
22 CAFETERIA
23 ARENA EVENTOS
24 PRAÇA MARIA QUITÉRIA
25 VESTIÁRIOS
26 APOIO TÉCNICO
27 BAR/CANTINA
28 JARDIM
29 PRAÇA 8 DE MARÇO
30 PONTO DE ÔNIBUS
31 ARQUIBANCADA
32 TERRAÇO JARDIM
33 MIDIATECA
34 ALMOXARIFADO
35 ÁUDIO- VISUAL
36 DIRETORIA
37 COPA+ DESCANSO
38 COWORKING
39 COZINHA
40 ADMNISTRATIVO
41 ROOFTOP
42 CAIXA D'ÁGUA

N

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
escala 1:300

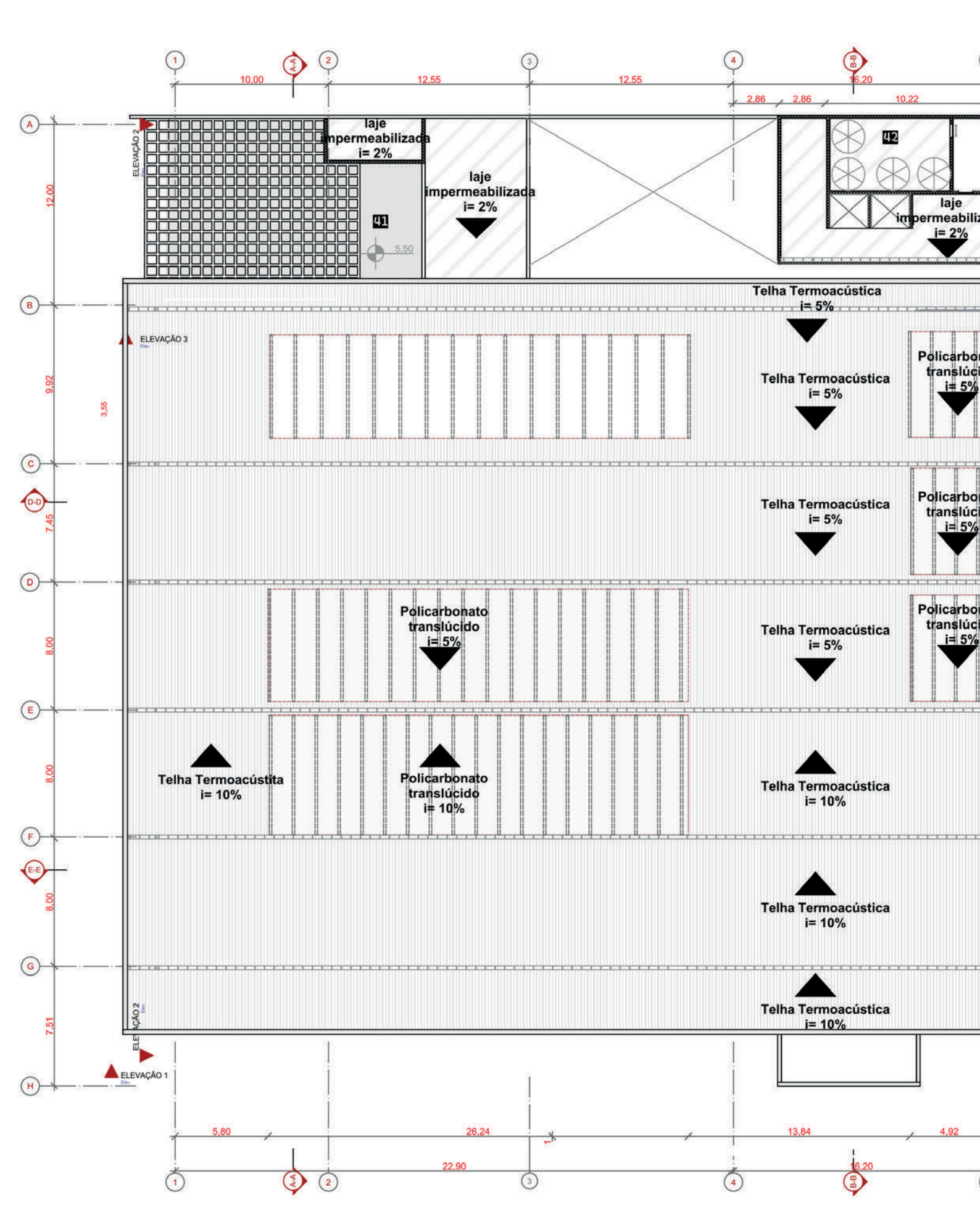

RUA ITAPICURU
RUA RIO FORMOSO
ELEVAÇÃO 1
ELEVAÇÃO 2
ELEVAÇÃO 3
VAZIO
desce
i=8,33%
+2,85
+5,00
10,00
12,55
12,55
16,20
4,29
1,80
3,52
2,04
1,95
2,10
6,50
12,55
2,86
2,86
10,22
22,90
7,27
2,50
2,50
2,50
3,52
5,81
4,11
12,00
5,34
5,77
9,92
7,45
8,00
8,00
8,00
7,51

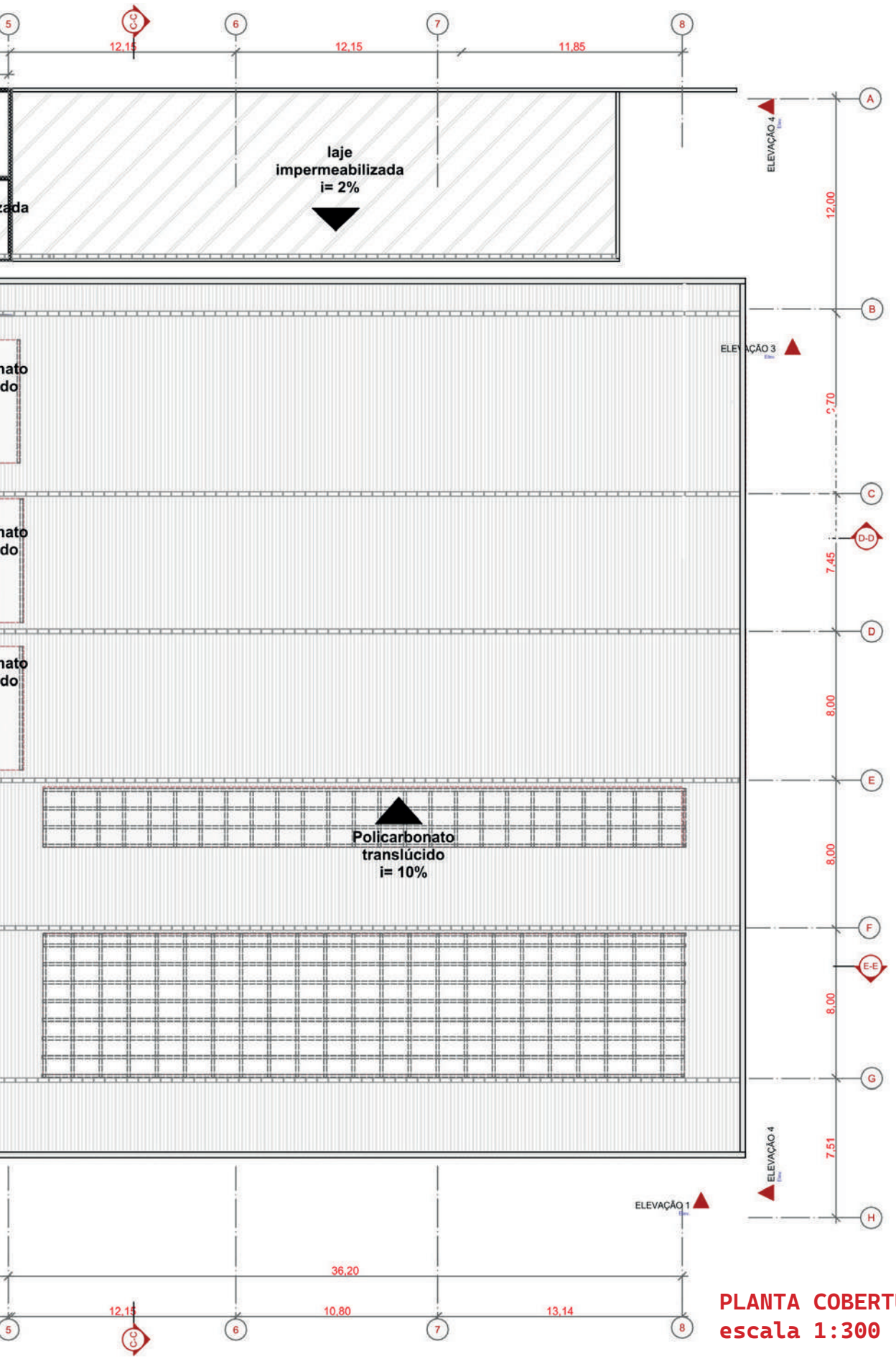


LEGENDA

1 RUA COMPARTILHADA
2 RESTAURANTE
3 SALÃO
4 COZINHA COMPARTILHADA
5 PRAÇA CHIQUINHA GONZAGA
6 BICICLETÁRIO
7 BALCÃO DE ATENDIMENTO
8 CIRCULAÇÃO SERVIÇO
9 ELEVADOR SOCIAL
10 STÚDIOS| ALUGAR
11 STÚDIO| AULAS
12 OFICINAS
13 BHO FEMININO
14 BHO MASCULINO
15 BHO KIDS
16 FRALDÁRIO
17 DEPÓSITO
18 ATELIÊS
19 ESPAÇO COMERCIAL
20 ÁREA EXPOSITIVA | AMPLIAÇÃO
21 BRINQUEDOTECA
22 CAFETERIA
23 ARENA EVENTOS
24 PRAÇA MARIA QUITÉRIA
25 VESTIÁRIOS
26 APOIO TÉCNICO
27 BAR/CANTINA
28 JARDIM
29 PRAÇA 8 DE MARÇO
30 PONTO DE ÔNIBUS
31 ARQUIBANCADA
32 TERRAÇO JARDIM
33 MIDIATECA
34 ALMOXARIFADO
35 ÁUDIO- VISUAL
36 DIRETORIA
37 COPA+ DESCANSO
38 COWORKING
39 COZINHA
40 ADMNISTRATIVO
41 ROOFTOP
42 CAIXA D'ÁGUA

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
escala 1:300


1
A-A
2
3
4
B-B
10,00
12,55
12,55
16,20
2,86
2,86
10,22
A
B
C
D-D
D
E
E-E
F
G
H
12,00
9,92
3,55
7,45
8,00
8,00
8,00
7,51
ELEVAÇÃO 2
ELEVAÇÃO 3
ELEVAÇÃO 1
laje impermeabilizada i= 2%
41
5,50
laje impermeabilizada i= 2%
42
laje impermeabili
i= 2%
Telha Termoacústica i= 5%
Telha Termoacústica i= 5%
Policarbo translúci i= 5%
Telha Termoacústica i= 5%
Policarbo translúci i= 5%
Policarbonato translúcido i= 5%
Telha Termoacústica i= 5%
Policarbo translúci i= 5%
Telha Termoacústita i= 10%
Policarbonato translúcido i= 10%
Telha Termoacústica i= 10%
Telha Termoacústica i= 10%
Telha Termoacústica i= 10%
5,80
26,24
13,84
4,92
22,90
16,20

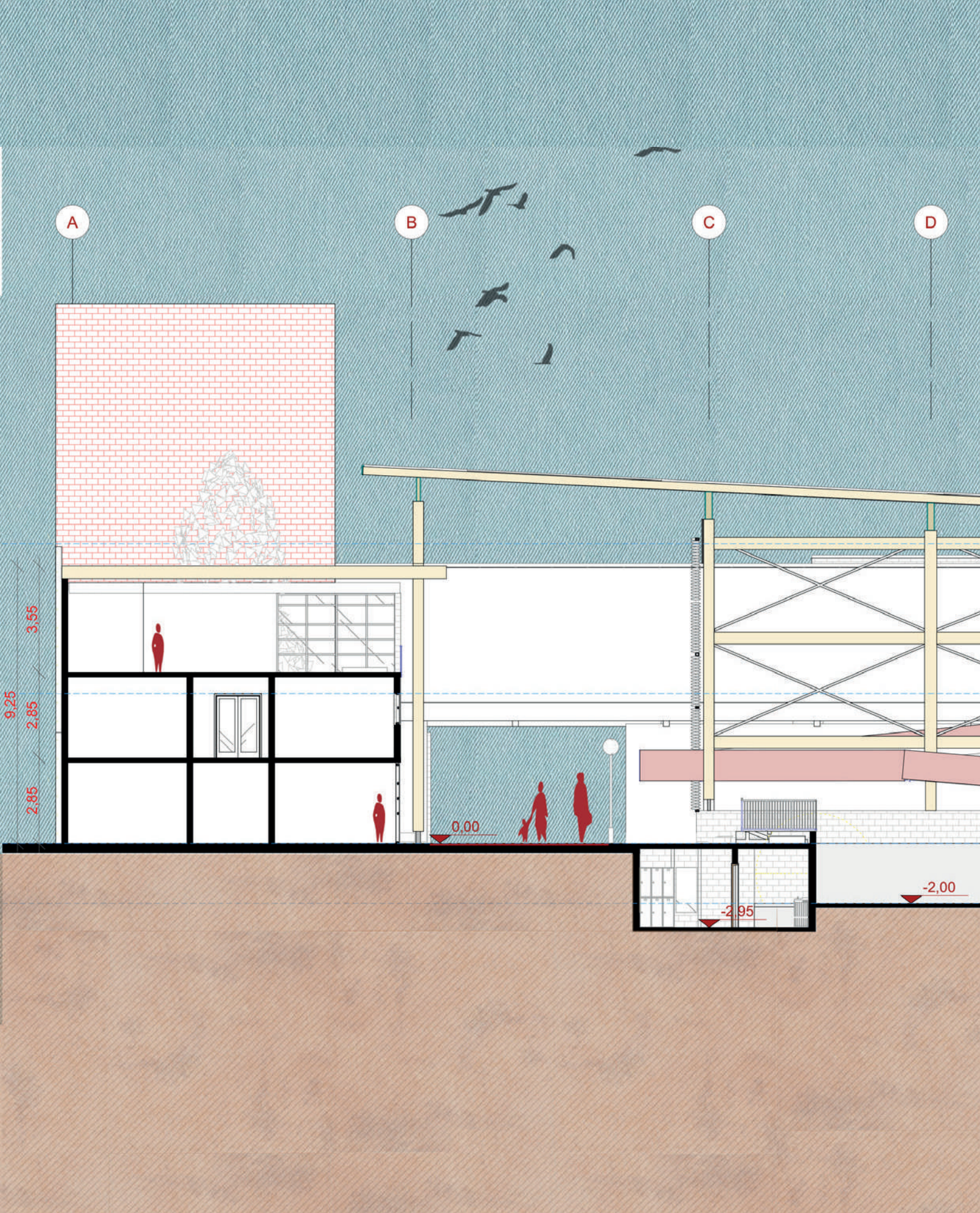


LEGENDA

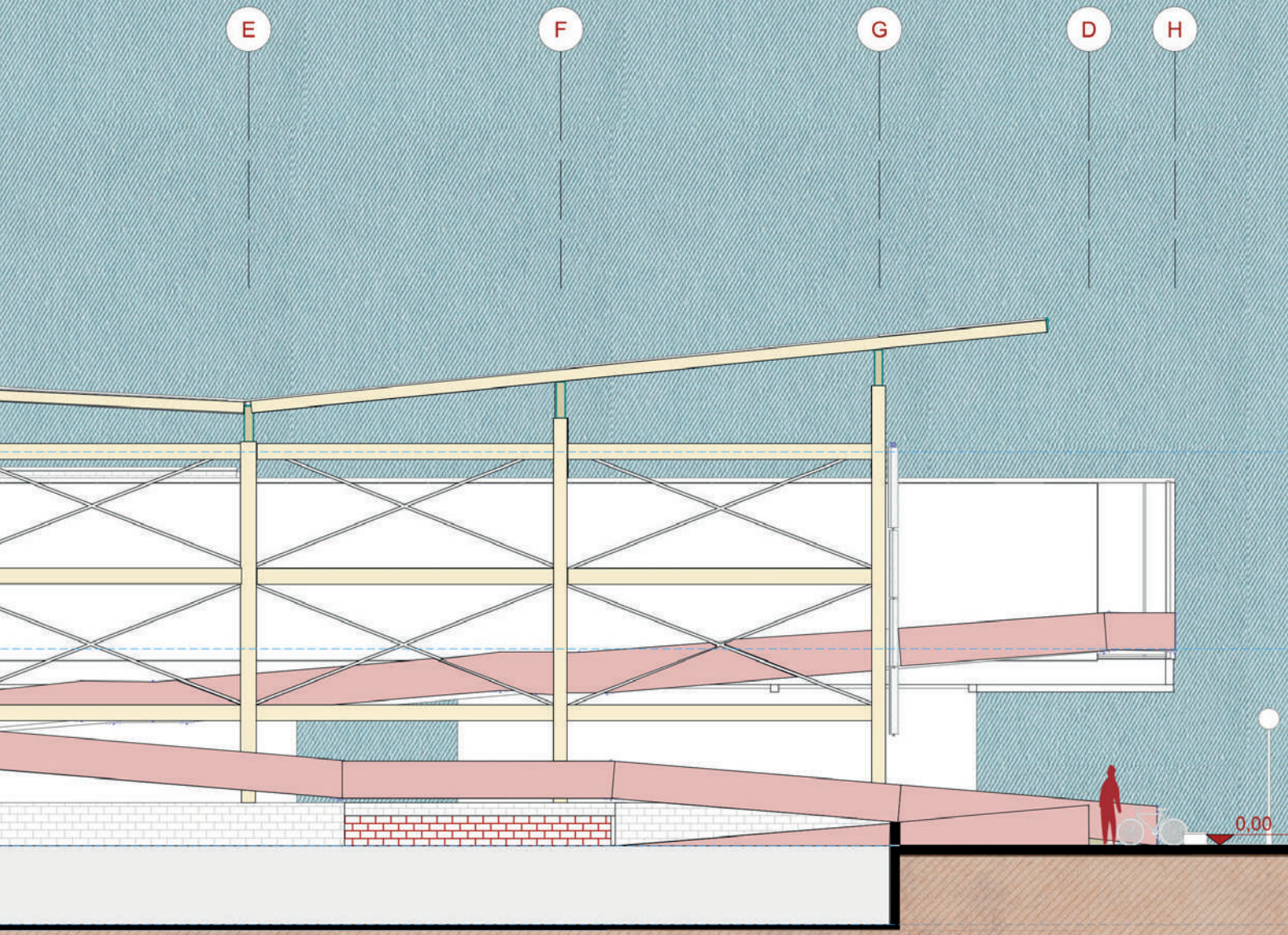
1 RUA COMPARTILHADA
2 RESTAURANTE
3 SALÃO CULINÁRIA
4 COZINHA COMPARTILHADA
5 PRAÇA GAL COSTA
6 BICICLETÁRIO
7 BALCÃO DE ATENDIMENTO
8 CIRCULAÇÃO SERVIÇO
9 ELEVADOR SOCIAL
10 STÚDIOS| ALUGAR
11 STÚDIO| AULAS
12 OFICINAS
13 BHO FEMININO
14 BHO MASCULINO
15 BHO KIDS
16 FRALDÁRIO
17 DEPÓSITO
18 ATELIÊS
19 ESPAÇO COMERCIAL
20 ÁREA EXPOSITIVA | EXPANSIVA
21 BRINQUEDOTECA
22 CAFETERIA
23 ARENA EVENTOS
24 PRAÇA CHIQUINHA GONZAGA
25 VESTIÁRIOS
26 APOIO TÉCNICO
27 BAR/CANTINA
28 JARDIM
29 PRAÇA 8 DE MARÇO
30 PONTO DE ÔNIBUS
31 ARQUIBANCADA
32 TERRAÇO JARDIM
33 MIDIATECA
34 ALMOXARIFADO
35 ÁUDIO- VISUAL
36 COORDENAÇÃO
37 COPA+ DESCANSO
38 COWORKING
39 COZINHA
40 ADMNISTRATIVO
41 ROOFTOP
42 CAIXA D'ÁGUA

N

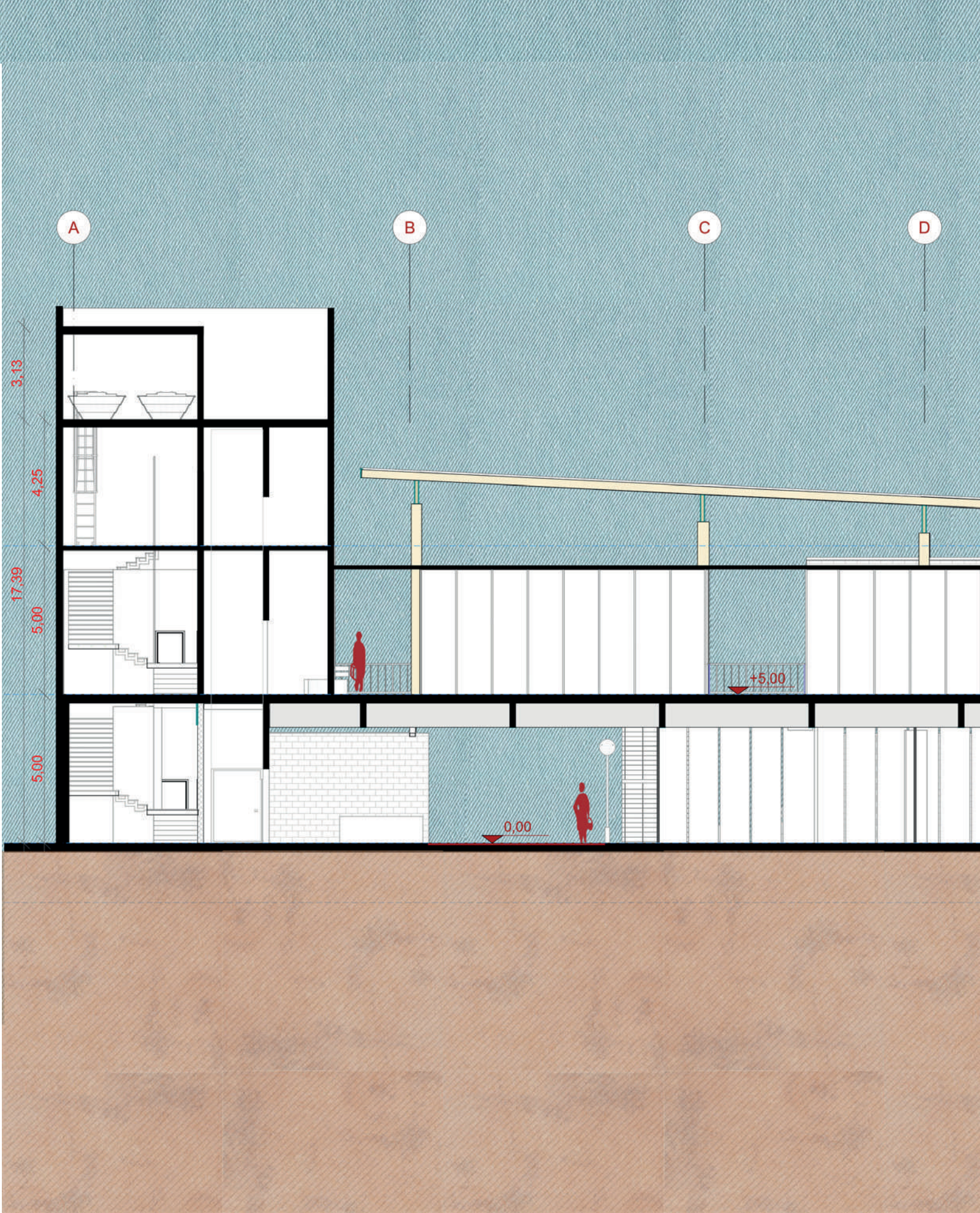
PLANTA COBERTURA
escala 1:300

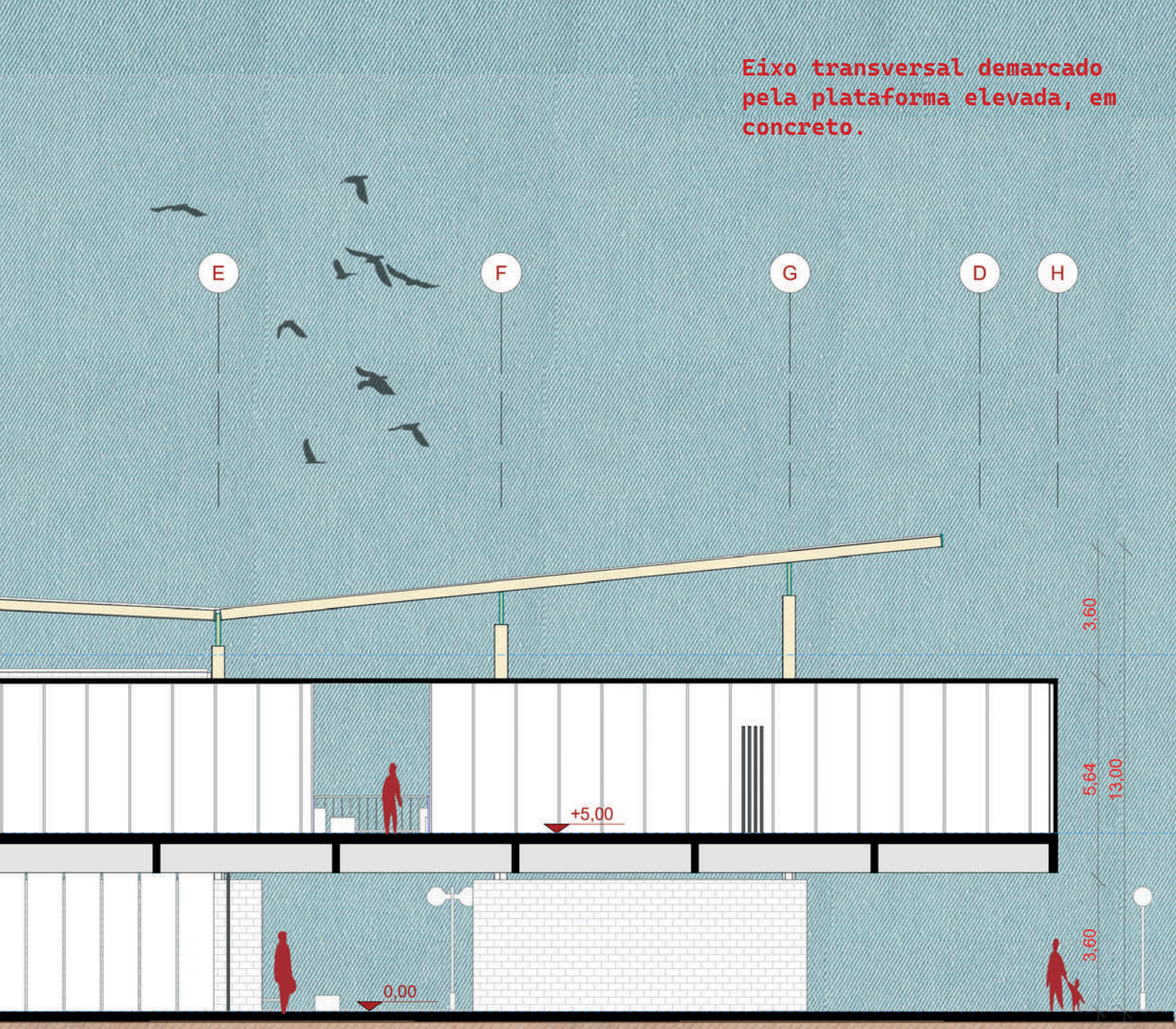

A
B
C
D
9,25
3,55
2,85
2,85
0,00
-2,00
-2,95

No corte AA é possível observar o uso de contraventamentos na composição do travamento nos pilares que sustentam a viga vagão.



CORTE AA
escala 1:150

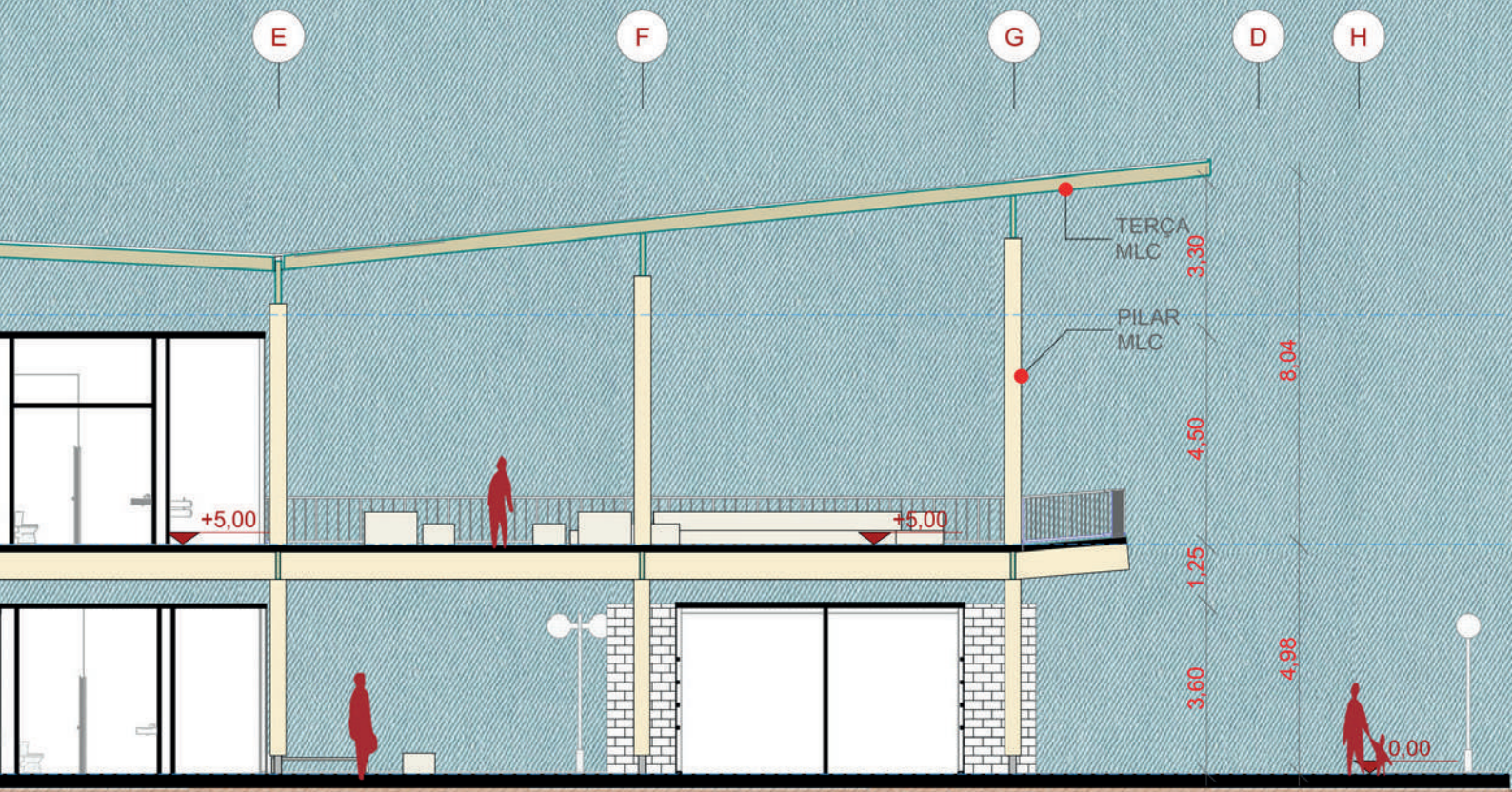

A
B
C
D
3,13
4,25
17,39
5,00
5,00
+5,00
0,00



CORTE BB
escala 1:150


A
B
C
D
+5,00
0,00
8,00
3,00
1,25
3,60

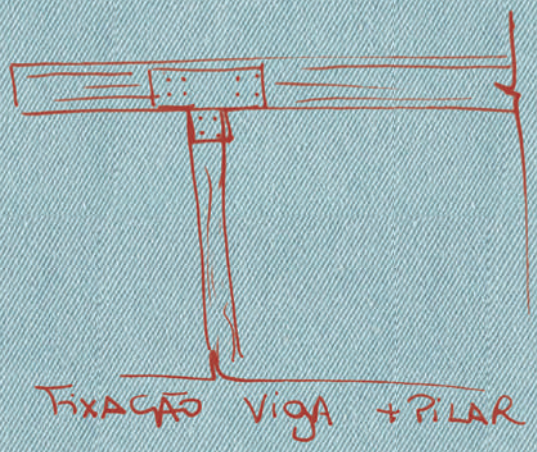
Disposição dos blocos com fechamento em vidro e drywall de maneira linear. Vazios como espaço de apropriação.

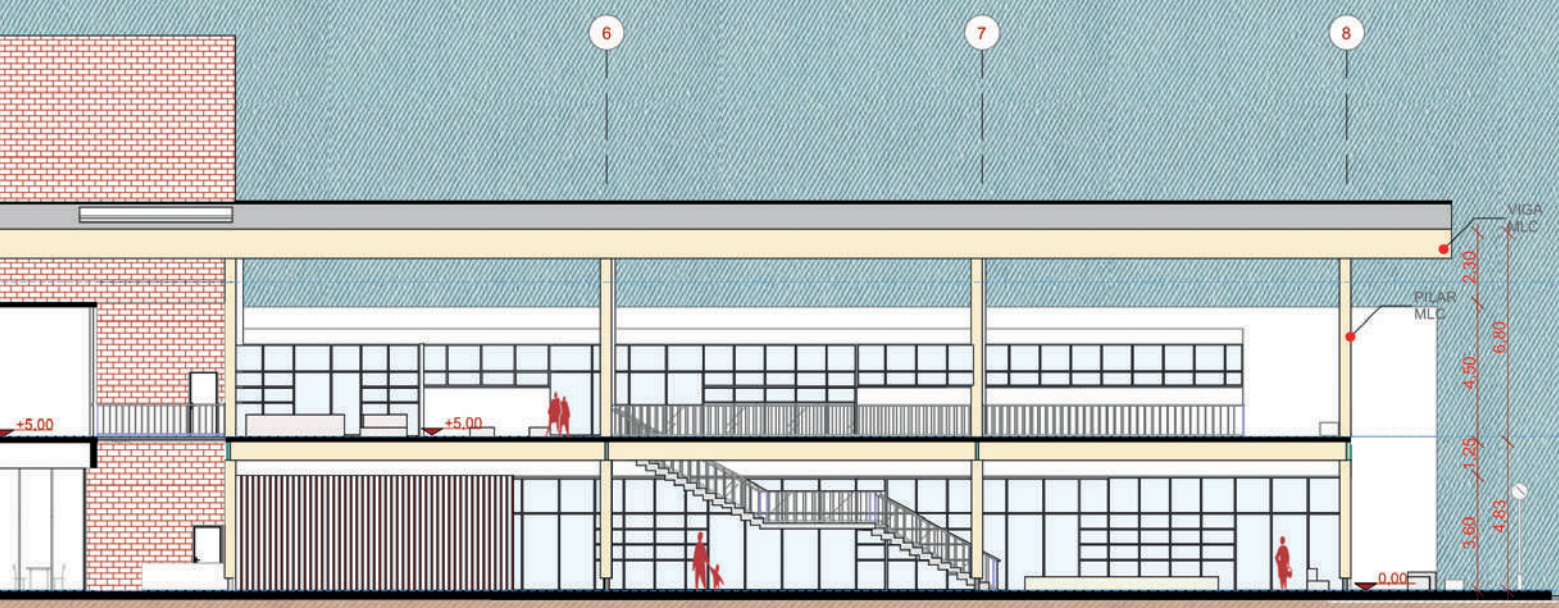


CORTE CC
escala 1:150


1
2
3
4
BRISE HORIZONTAL
BRISE VERTICAL
10.80
2.60
0.00
-2.00

Identificação dos elementos construtivos e recorte da arena de eventos.



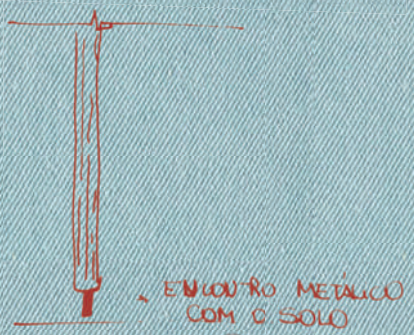


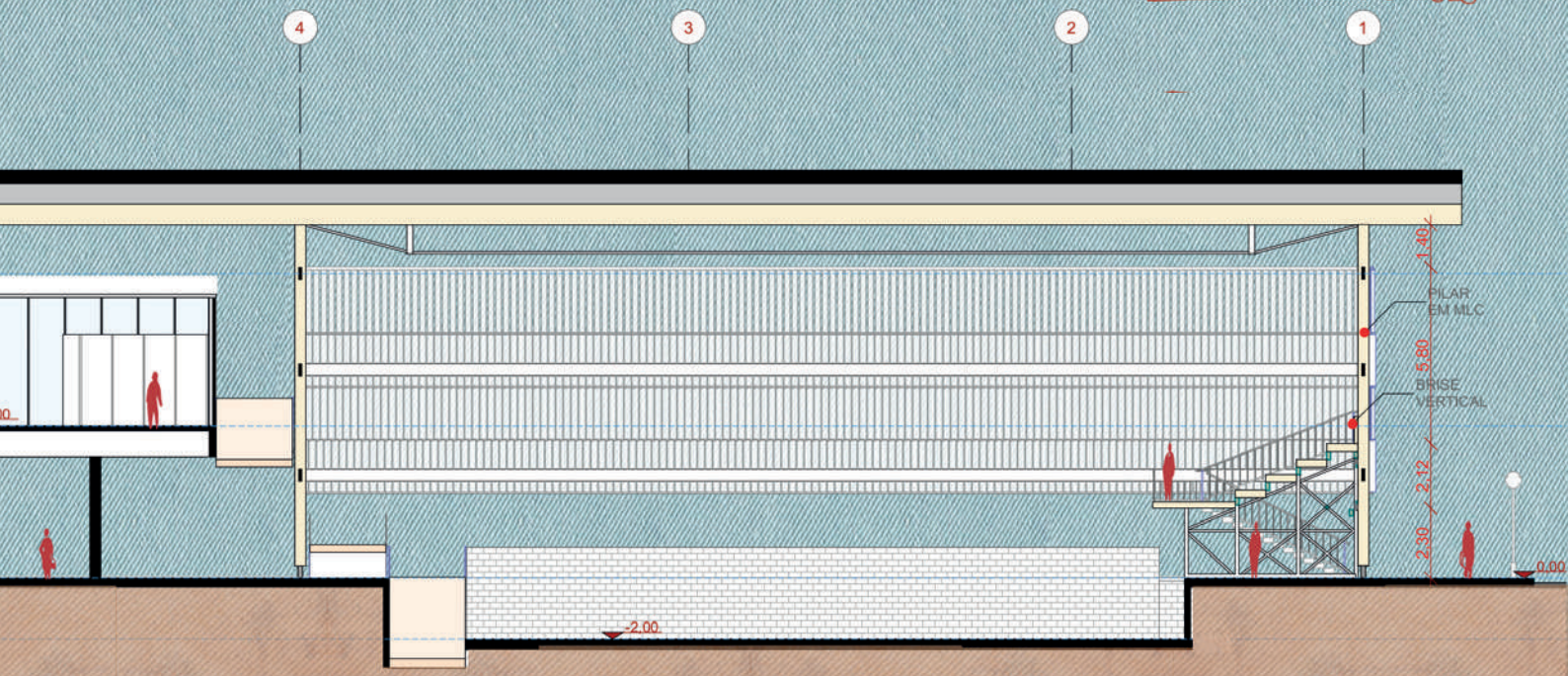
CORTE DD
escala 1:250


8
7
6
5
VIGA
EM MLC
6.80
2.30
4.50
1.25
4.83
3.60
POLICARBONATO
SEMI-OPACO
5.00
0.00

Vigas de alma cheia são dispostas à esquerda e a viga vagão à direita, vencendo o grande vão da arena de eventos.







CORTE EE
escala 1:250

Em relação ao contexto urbano, a arquitetura permitiu que a quadra fosse totalmente aberta, as calçadas foram alargadas e incorporadas ao equipamento, não havendo divisas na paginação entre o que é rua e o que é arquitetura.

Implantou-se iluminação para pedestres e foi incorporado o ponto de ônibus, na Rua Tapajós, deslocando o existente nessa mesma rua para a lateral do equipamento, facilitando o acesso por transporte coletivo e fazendo com que a arquitetura do equipamento também possa atuar como um local de espera.

O equipamento foi projetado para que possua apenas frentes, não há uma elevação de fundo em sua arquitetura. A estratégia foi a criação de blocos anexados no limite do lote que faz divisa com as residências, garantindo o uso de todos os espaços e aproveitamento máximo deste. Também não possui um acesso principal: o edifício possui acessos distribuídos por todos os seus lados.

As elevações voltadas para a Rua Rio Formoso, face sudoeste, e Rua Tapajós, face sudeste, permite que a arquitetura seja livre de fechamentos, havendo apenas o sistemas estrutural de vigas e pilares com guarda-corpo. Os blocos de atividades dispostos nesses sentidos permitem a utilização de esquadrias de vidro em seu fechamento, graças a orientação solar e proteção gerada pela cobertura.

A rua Itapicuru, onde está localizada a arena de eventos, por ser face Noroeste, exige um fechamento em brises na parte superior, devido a insolação, porém, as arquibancadas suspensas garantem o térreo livre, permitindo a visualização do que ocorre em seu interior, para de quem passa pela rua.

A distribuição de mobiliário, bicicletários e bebedouros pelo espaço cria praças, que receberam o nome mulheres importantes para a história do Brasil, a fim de ressaltar seus méritos e conquistas, homenageando assim, Chiquinha Gonzaga, musicista pioneira brasileira, e Maria Quitéria, mulher combatente na guerra de Independência do Brasil (1822); a terceira praça, nomeada " 8 de março", homenageia a todas as mulheres brasileiras, todas suas lutas e conquistas.

Interno ao equipamento há uma rua compartilhada, que busca conectar o urbano ao edifício, podendo ser utilizada por pessoas,bicicletas e automóveis; para realização de intervenções artísticas, feiras, etc. O projeto para o centro de qualificação social e profissional busca como produto final que todo o espaço do equipamento deverá ser considerado como público, feito para todas as pessoas utilizarem.





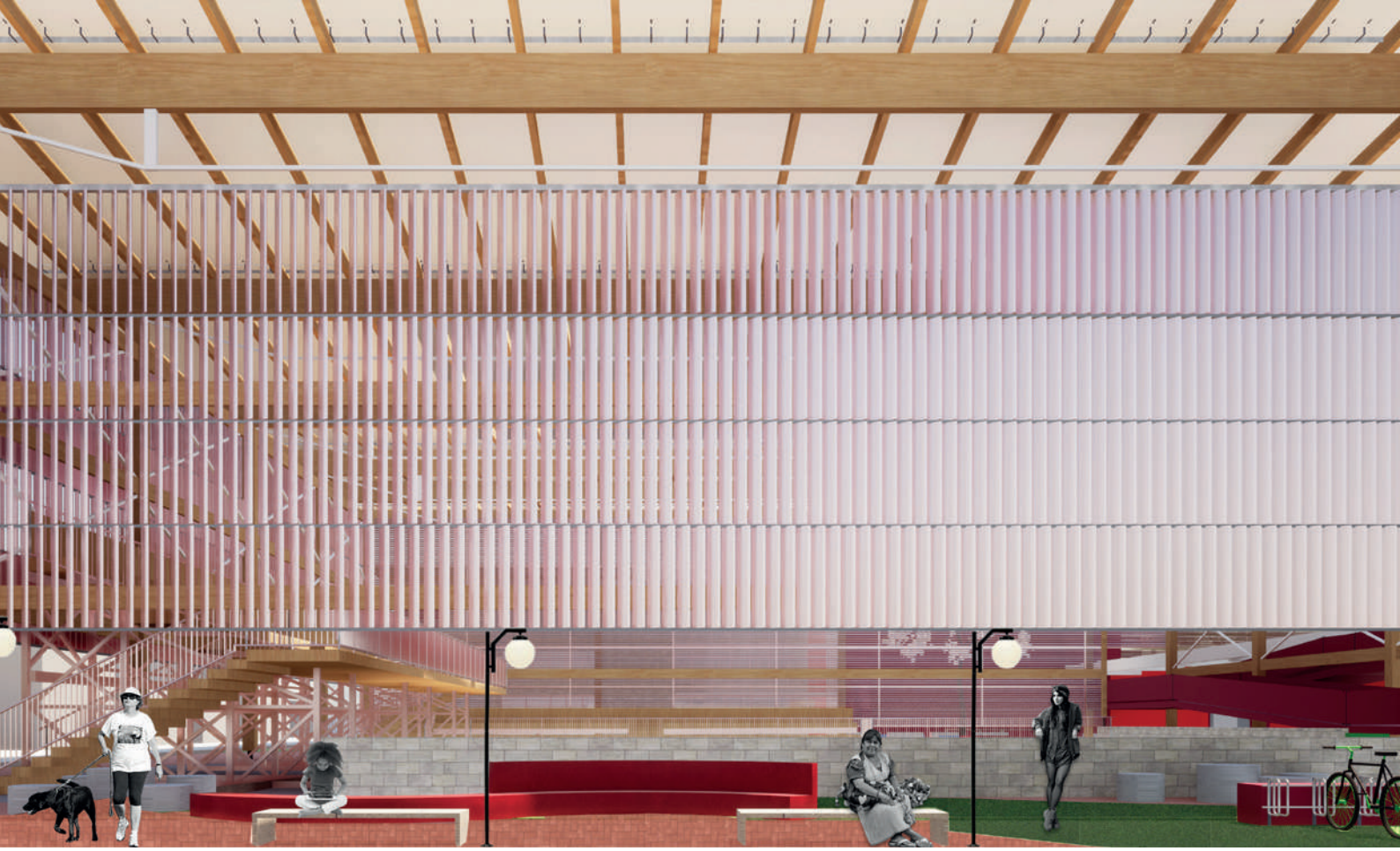
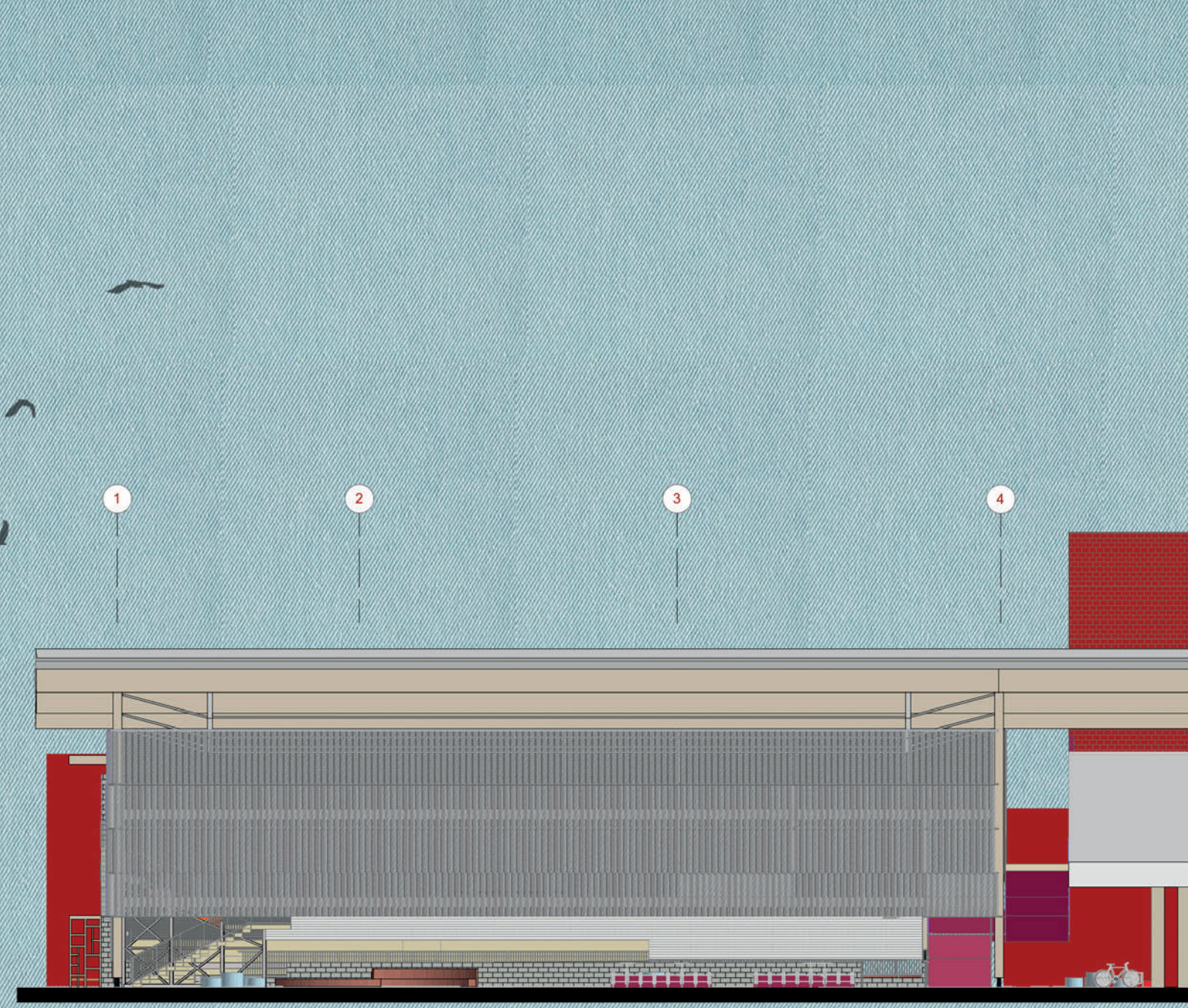
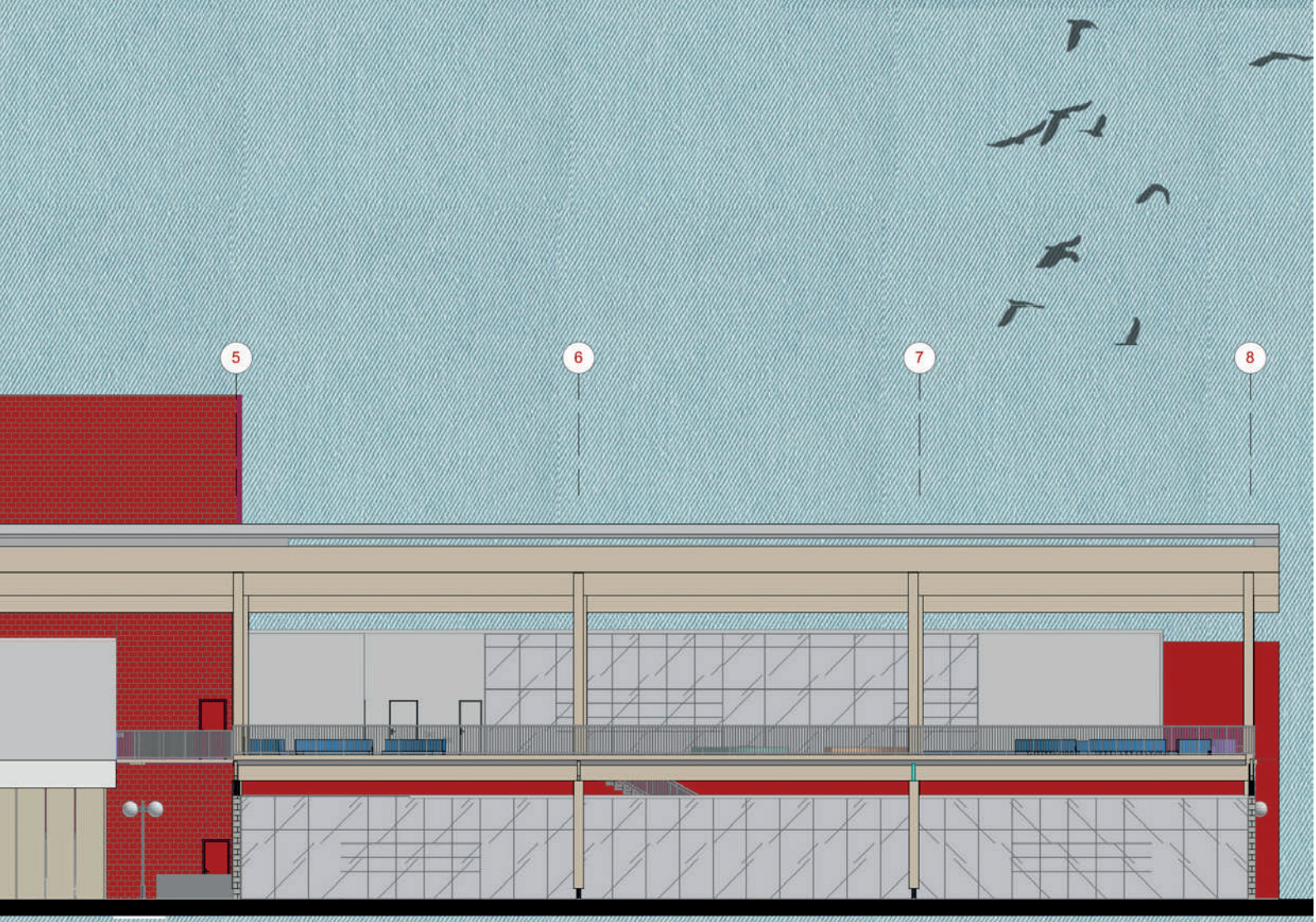


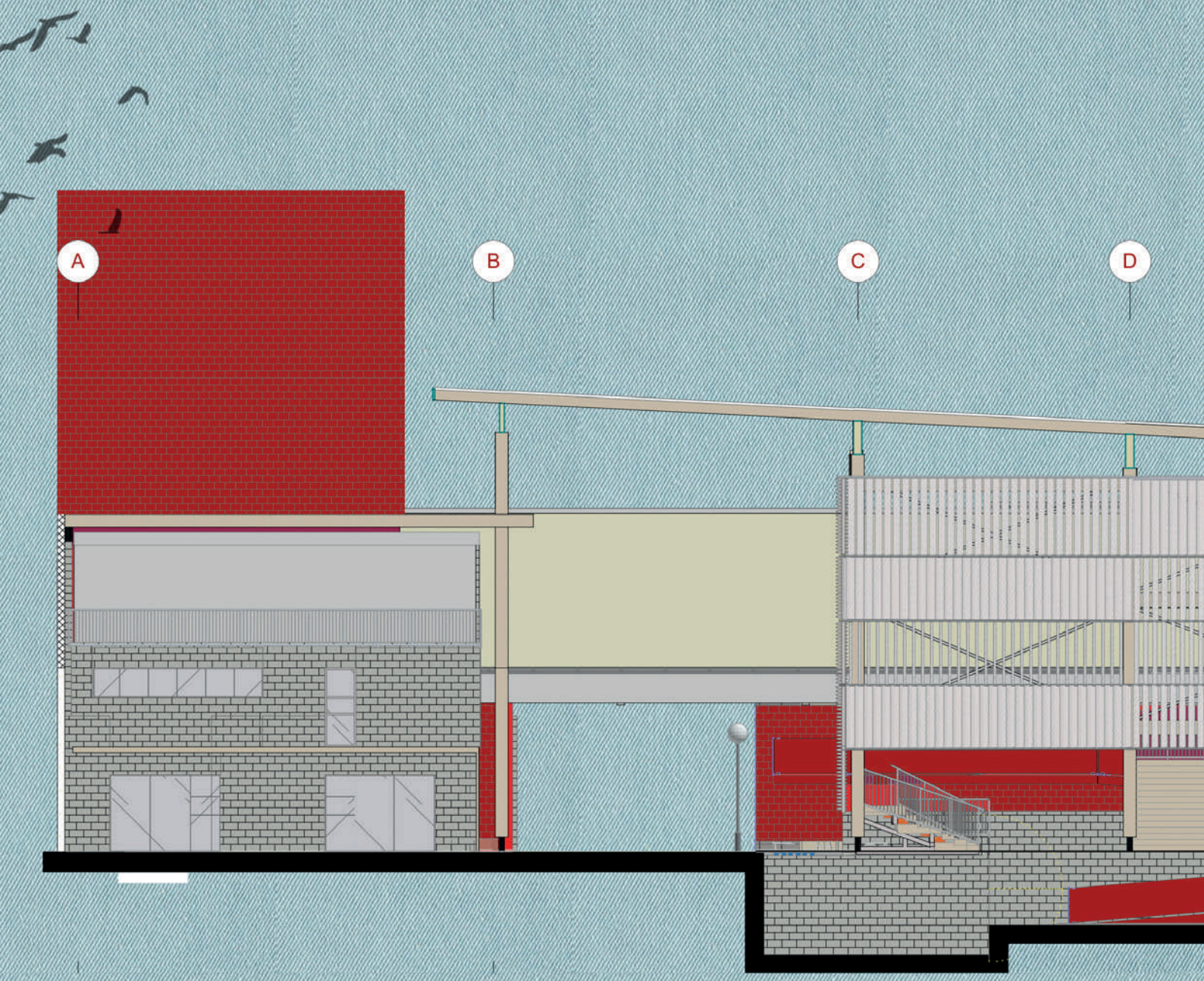


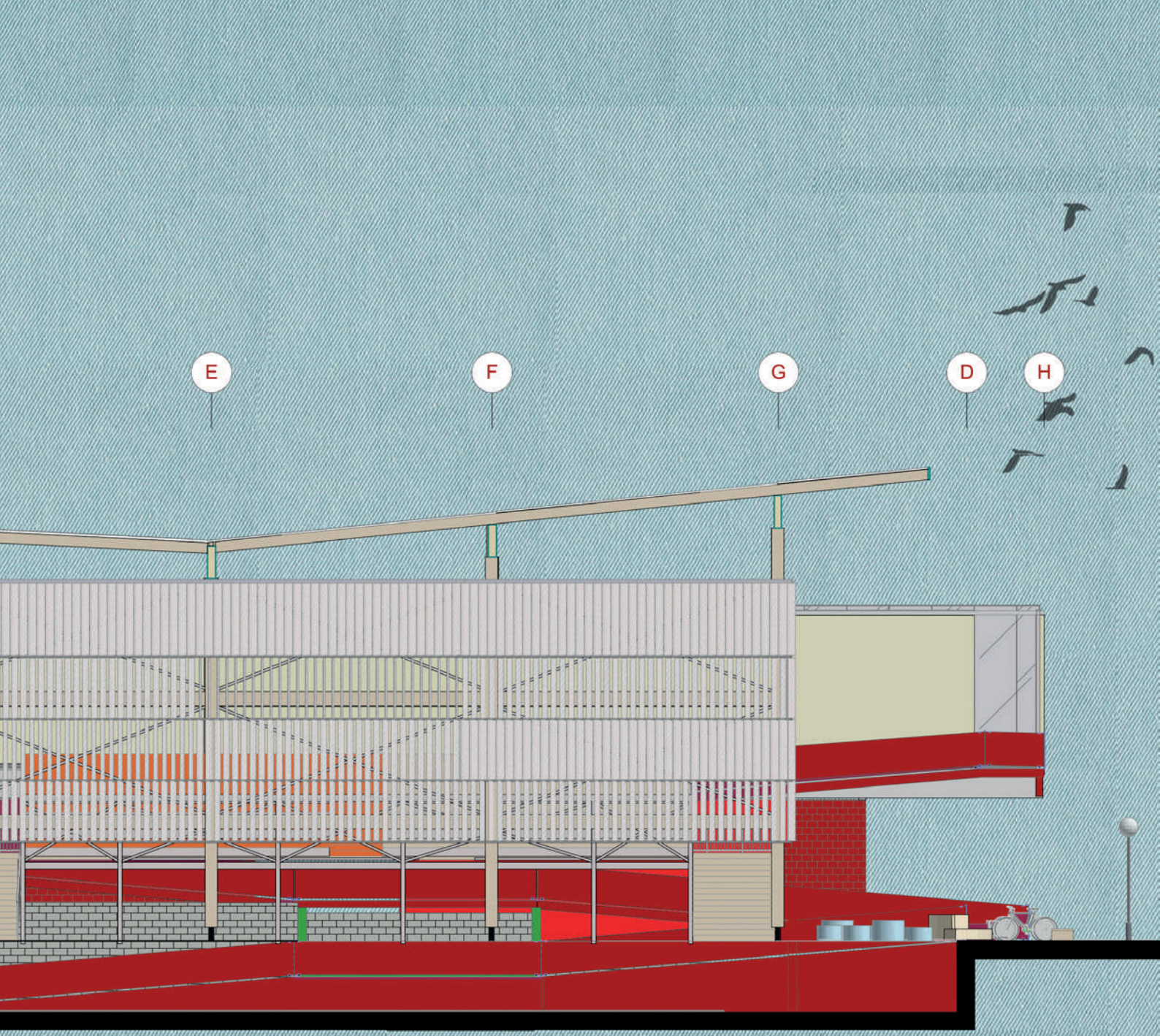
figura 81: perspectiva da praça Maria Quitéria
figura 82: perspectiva da praça Chiquinha Gonzaga.


1
2
3
4

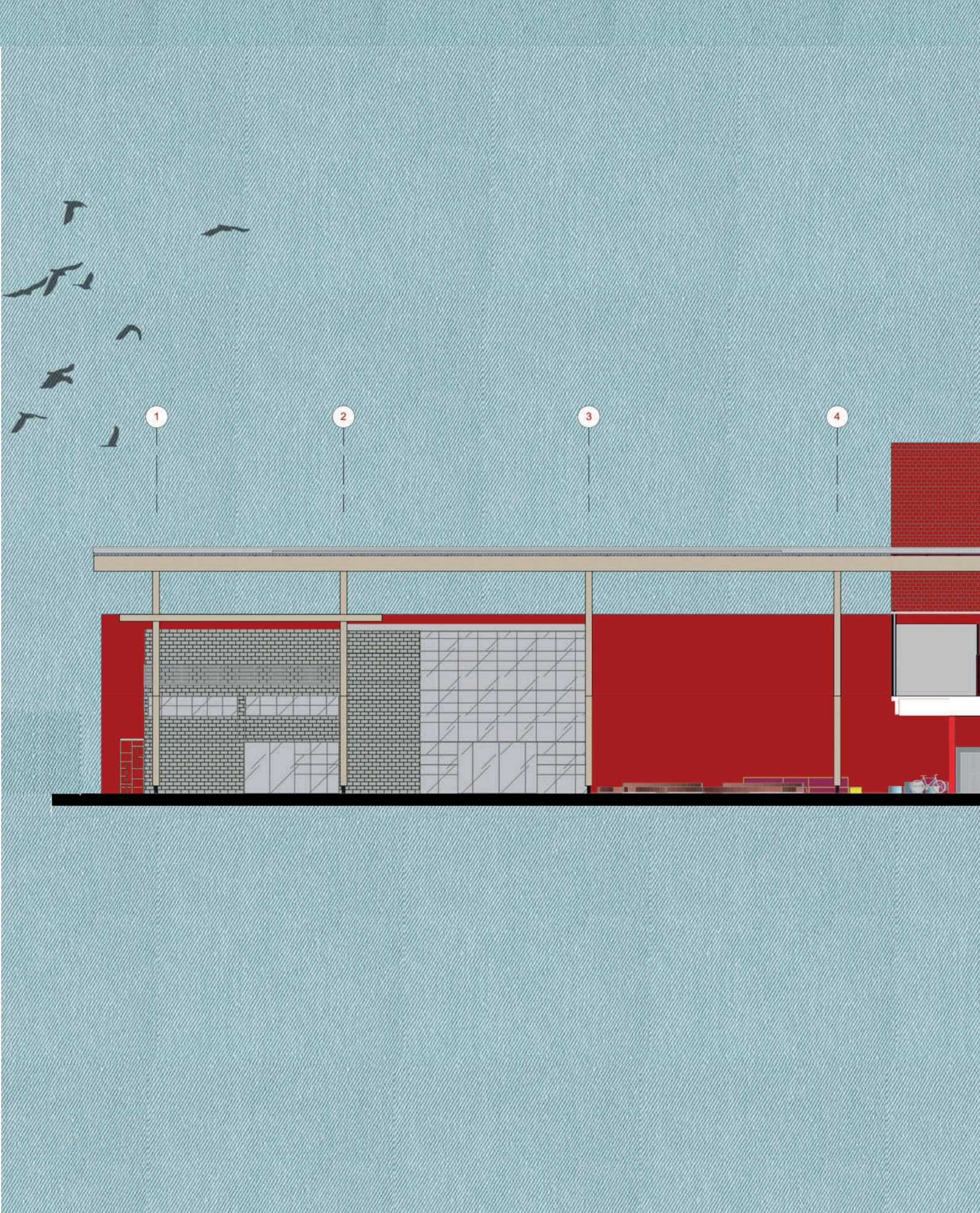


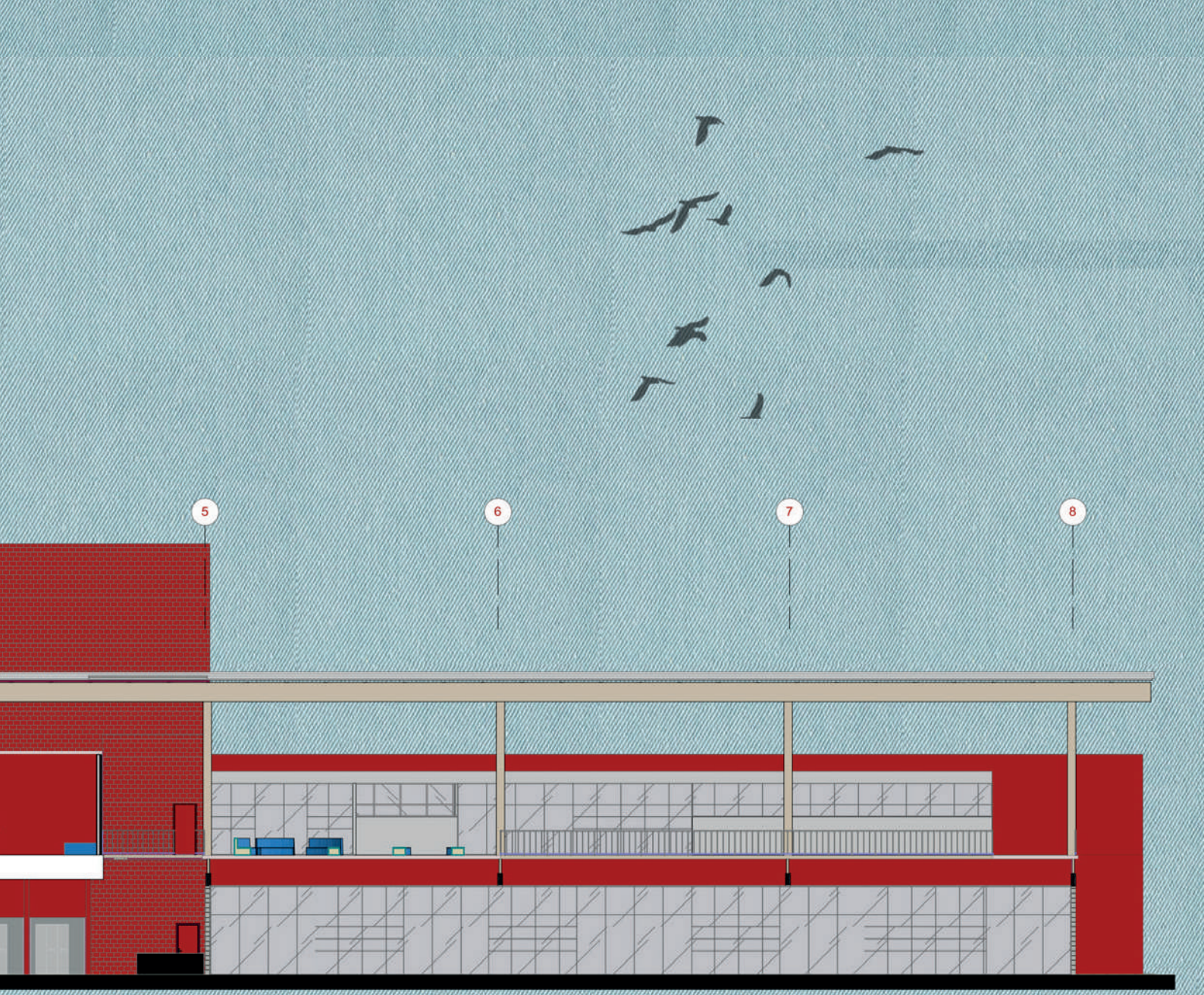
ELEVAÇÃO 1
escala 1:250


A
B
C
D

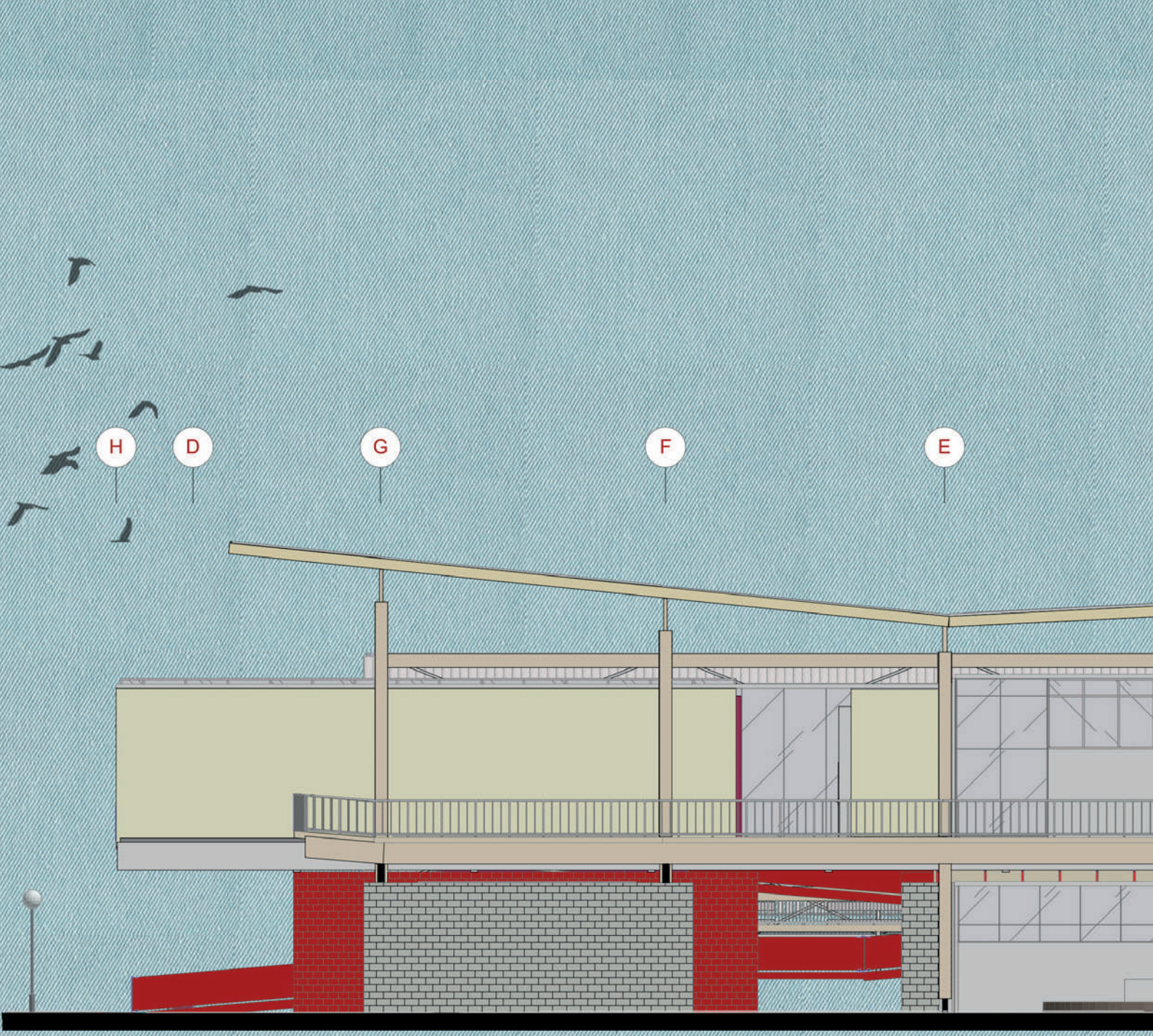


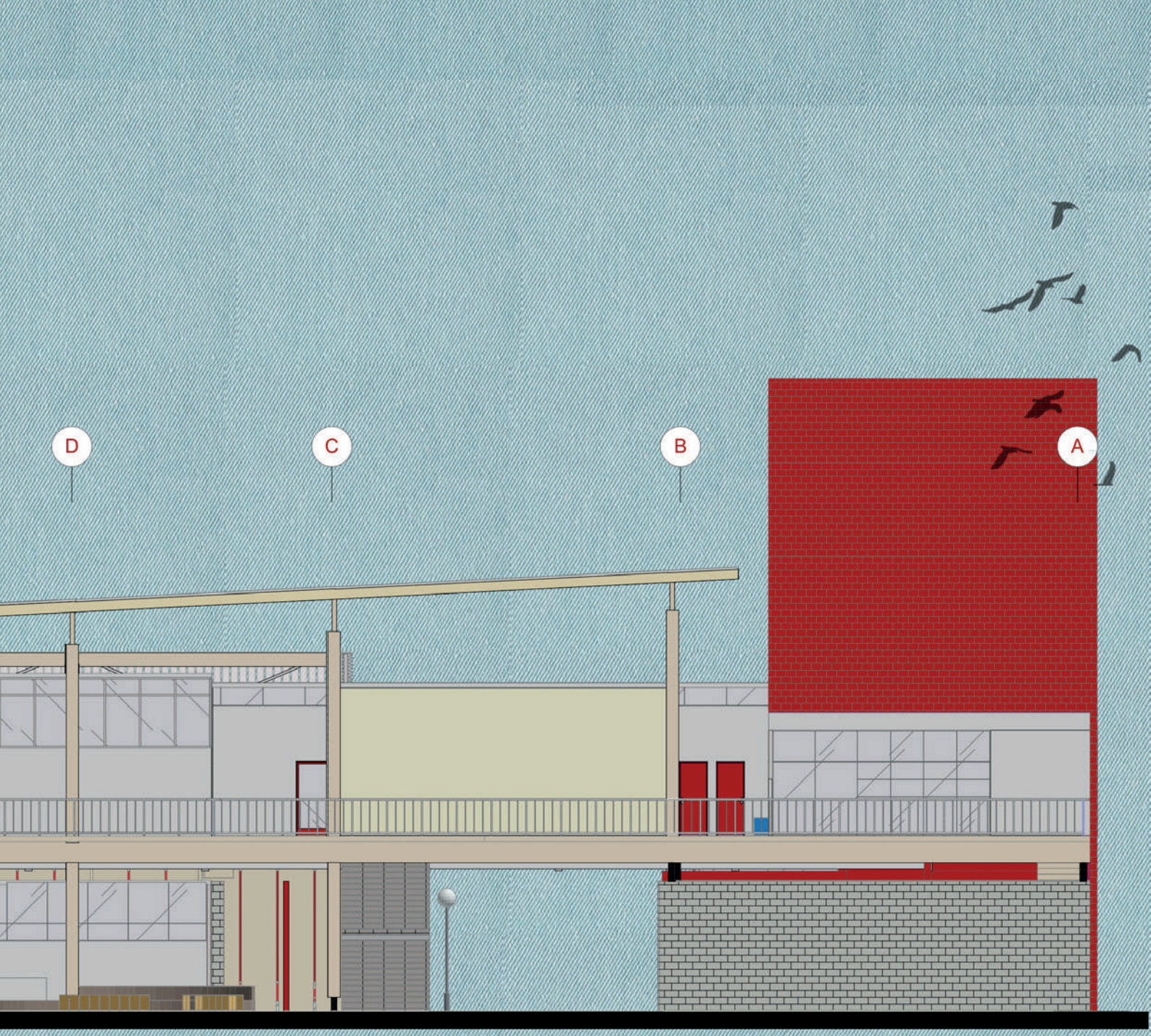
ELEVAÇÃO 2
escala 1:150


1
2
3
4



ELEVAÇÃO 3
escala 1:250


H
D
G
F
E



ELEVAÇÃO 4
escala 1:150

PROGRAMA

A implantação do Centro de Qualificação visa proporcionar fácil acesso aos moradores da região, e incentivar a realização de atividades e cursos promovidos. Para estabelecer o programa, primeiramente foi necessário entender o que o equipamento precisa oferecer, como a organização do corpo, instalações necessárias, espaços de usos livres e restritos.

De acordo com a entrevista realizada com o coordenador do atual Centro de Qualificação, Carlos César G. Sturari, foi mencionado que os espaços que possuem hoje no prédio foram ''improvisados'', tendo que adequar seu programa às instalações já existentes e, por conta disso, há atividades que não podem ser promovidas por não ter espaço adequado.

Além disso, a capacidade de atendimento do equipamento representa apenas um terço do número de inscritos no programa, devido a limitação de vagas em função do espaço disponível.

Sendo assim, o Centro de Qualificação do Ipiranga propõe uma expansão em número e área das atividades oferecidas. Diferente do programa original, o novo equipamento possui espaços flexíveis e polivalentes, a fim de poder se adaptar a novas modalidades de trabalho e diferentes formatos para ocupação de seus espaços com o decorrer do tempo.

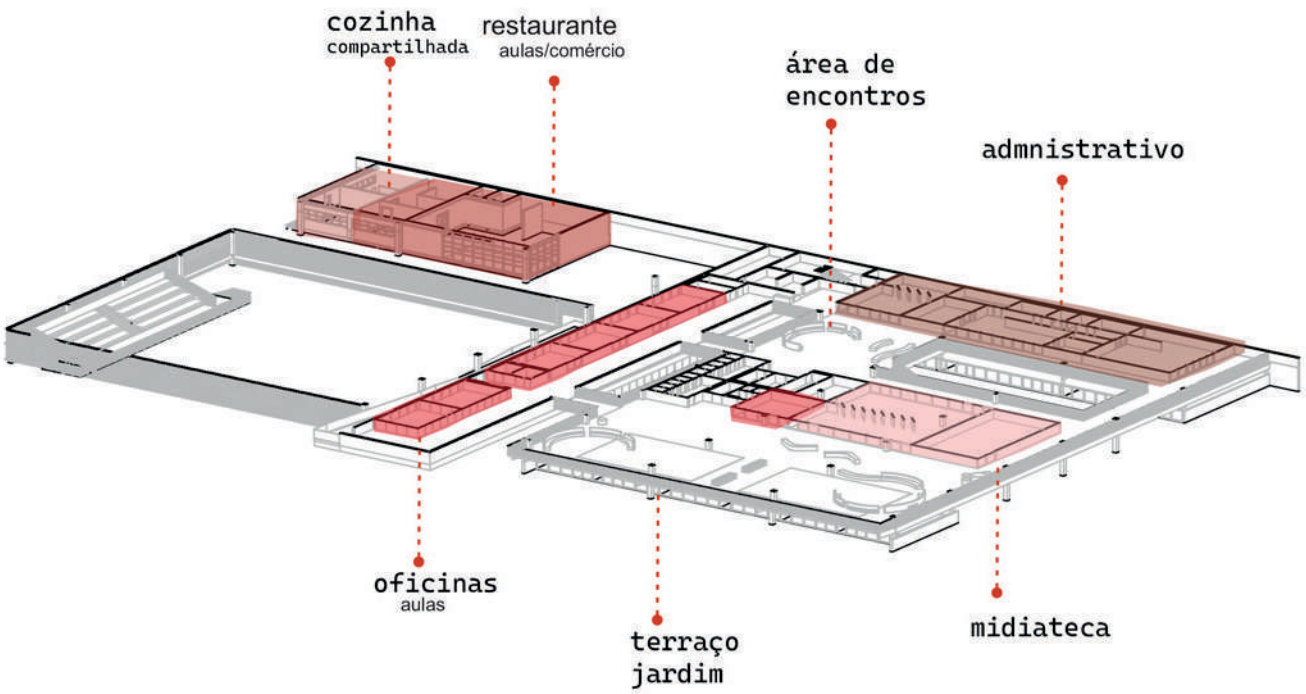
Além de áreas para a realização das aulas, há também a destinação de salas no térreo que podem ser alugadas pelos os alunos. O intuito é que após se formarem eles tenham como facilidade um espaço para começar seu próprio negócio.

Assim, o que antes era distribuído em sete áreas de atuação (gastronomia, corte e costura, artesanato, jardinagem e paisagismo, beleza, hotelaria/prestação de serviço e informática), foi redistribuído em novas quatro classificações: stúdios, salões, oficinas e ateliês, as quais visam programas profissionalizantes. Essa nova redistribuição permite atender ao antigo programa, ao mesmo tempo que permite incorporar novas atividades ao equipamento, não ficando enrijecido em um programa pré-estabelecido.

Para cada classificação foram destinadas áreas construídas no conjunto, em que pelo menos uma será destinada às aulas e as demais para aluguel dos alunos formados, podendo ser utilizada pelo equipamento quando não estiver alugada.

Os stúdios e salões terão seus usos voltados para a parte de prestação de serviços em geral, a diferença são os tipos de instalação de apoio que cada um apresenta. Os salões são conectados à uma área de cozinha e manipulação de alimentos, assim, qualquer atividade que necessite desse tipo de instalação pode se locar nesses salões, sejam padarias, marmitarias, docerias, restaurantes, lanchonetes, bares, etc.

Os stúdios por sua vez não possuem conexão com nenhuma área de suporte específica, tendo pontos de água e elétrica bem distribuídos, a fim de absorver diversas demandas, como exemplo, podem receber usos desde um salão de beleza até espaços de escritório.



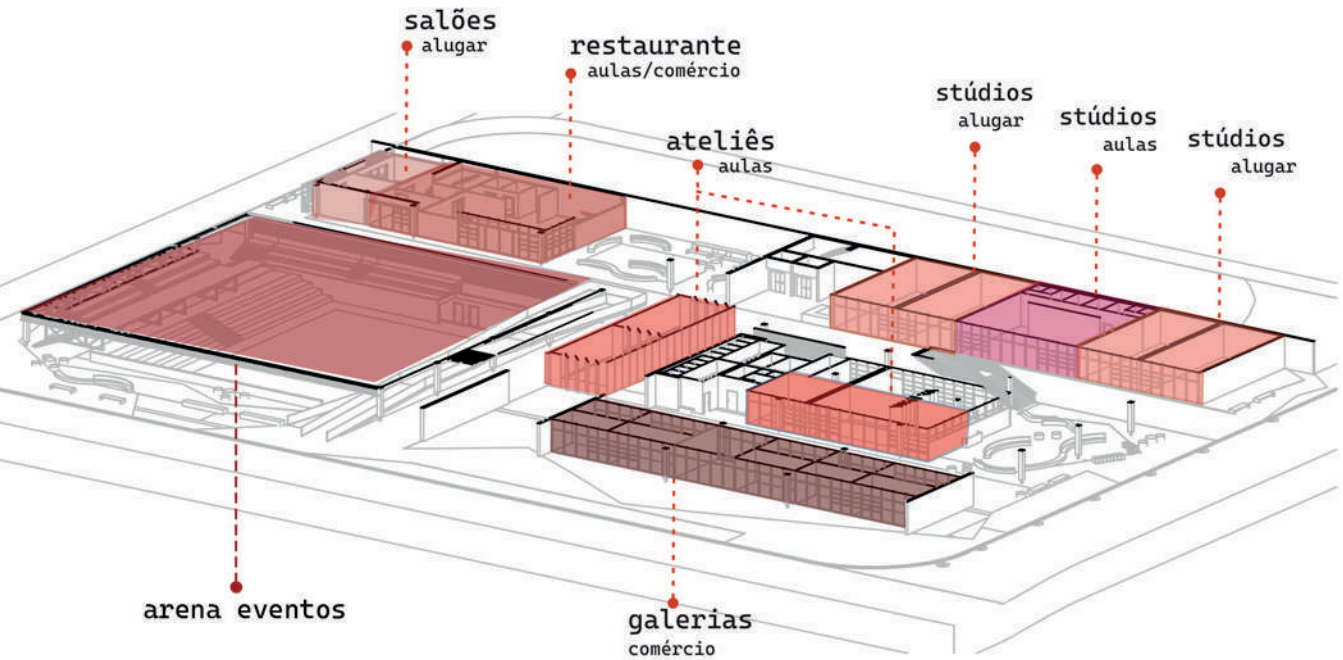


figura 83 e 84: diagrama programa.

O que diferem as oficinas e ateliês também diz respeito às instalações que possuem. Os ateliês foram pensados para práticas manuais, contando com uma distribuição de tanques, pontos de água e tomadas. Já as oficinas foram pensadas em ambientes de trabalho prático, mais teóricos, contando apenas com a infraestrutura seca. Para esses ambientes, pensando nos espaços de trabalho após a formação, foi projetada uma galeria comercial para venda dos produtos elaborados, além de poderem expandir seus usos nos espaços livres do equipamento, promovendo feiras, bazar e exposições.

Além dos usos profissionalizantes, há também aquelas voltadas para atividades de socialização e lazer, como a cafeteria, brinquedoteca, praças, arena de eventos e midiateca.

Sobre os dois últimos, vale ressaltar as seguintes características: a arena de eventos ocupa a área do terreno anteriormente destinada à quadra esportiva. Dessa forma, ela continua podendo ser utilizada como tal, mas possibilitando expandir seu uso para outras atividades, como palestras, encontros da comunidade e eventos.

Já a midiateca busca concentrar a questão informacional em um local, seja pelo meio físico ou digital, oferecendo um acervo bibliográfico, acesso à internet, computadores e mostruários artesanais. Ela se encontra integrada com o terraço jardim, que permite a manifestação de diversas atividades, entre elas, oferece uma área para diálogos, encontros e leitura ao ar livre .

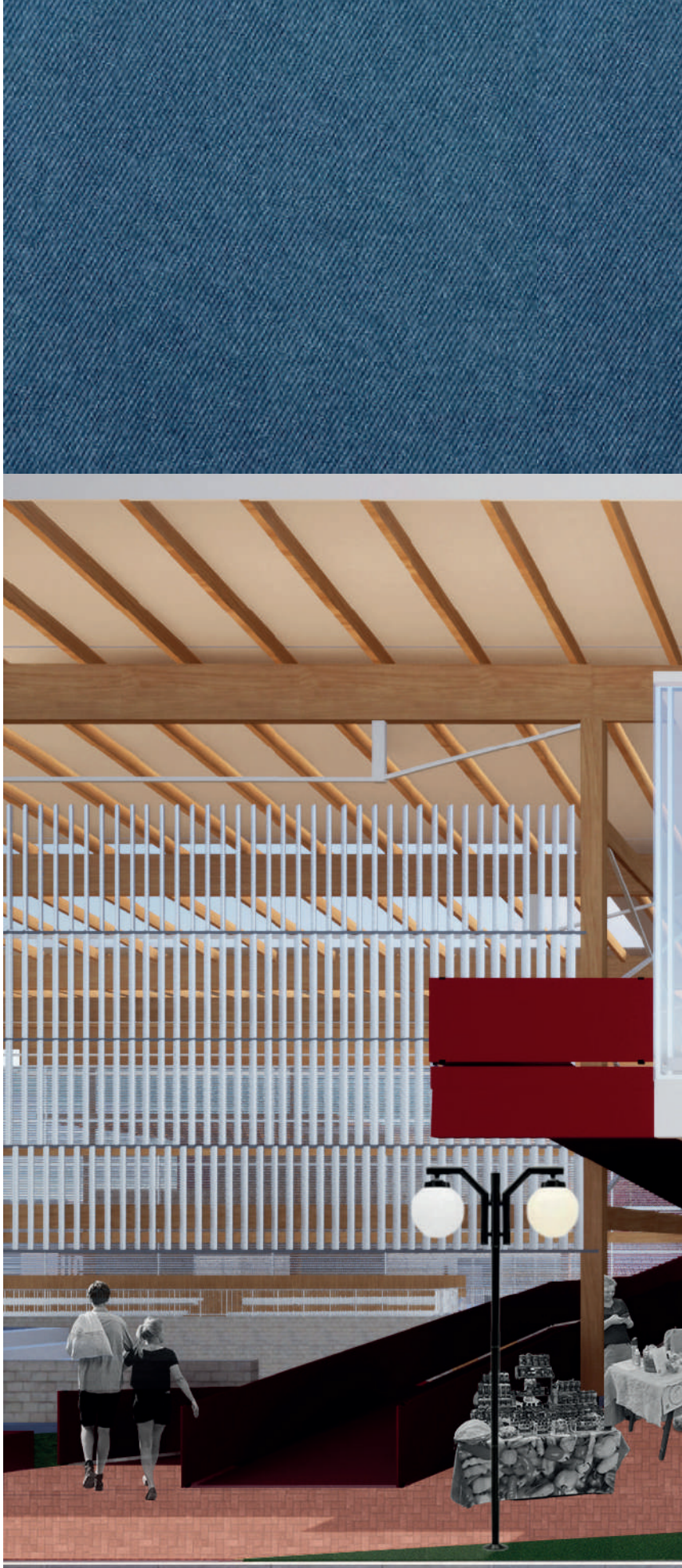


figura 85: possibilidades de uso abaixo da plataforma elevada, como a realização de feiras enquanto ocorre exposições no interior da pltaforma.



Todos os espaços visam a integração com o meio que os circunda, sendo assim, as atividades e aulas realizadas no equipamento não precisam necessariamente ocorrer dentro da sala fechada, podendo ser realizadas também na parte externa, possibilitando a expansão por meio dos painéis divisórios articulados e integração pelos fechamentos em vidro.

Também há áreas fixas e de uso próprio do equipamento, como a área administrativa e coworking e banheiros, que além dos banheiros femininos e masculinos e PNE's, também contam com banheiros "família", para atender aos pais que levam os filhos e fraldários, visando atender o cuidado das mães com seus filhos.

Nas áreas livres do equipamento, foram criadas praças e áreas de encontro , com mobiliário de apoio, que podem ser utilizadas por pessoas que apenas caminham pela rua ou por aquelas que estão realizando alguma atividade no centro. Essas áreas livres permitem diversidade nos usos, indo além de áreas para sentar e conversar, mas também permitem a instalação de food trucks, feiras.



figura 86: usos da arena de eventos para jogos, exposições, apresentações, debates, festas, etc.

figura 87: terraço jardim integrado à midiateca.





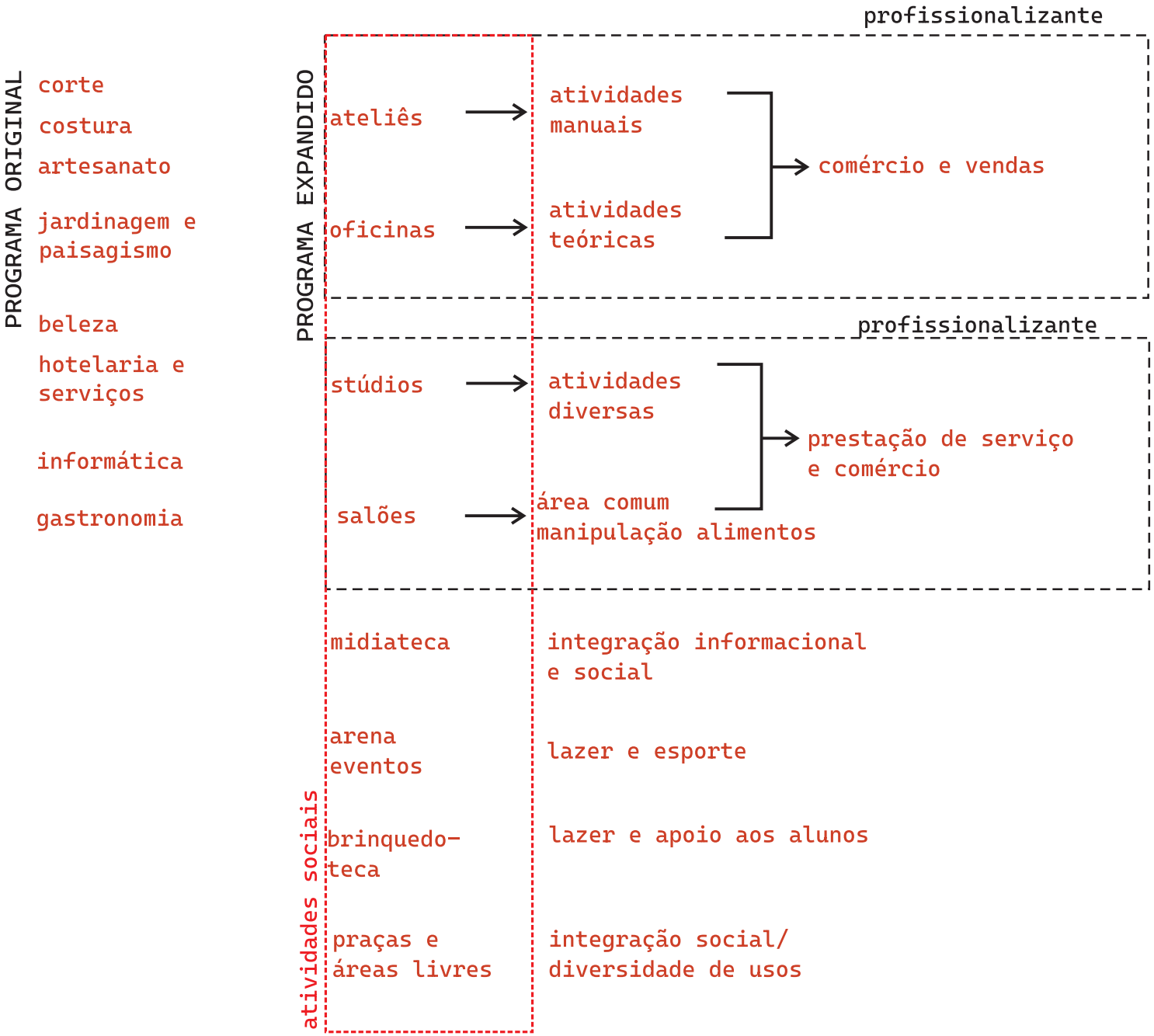
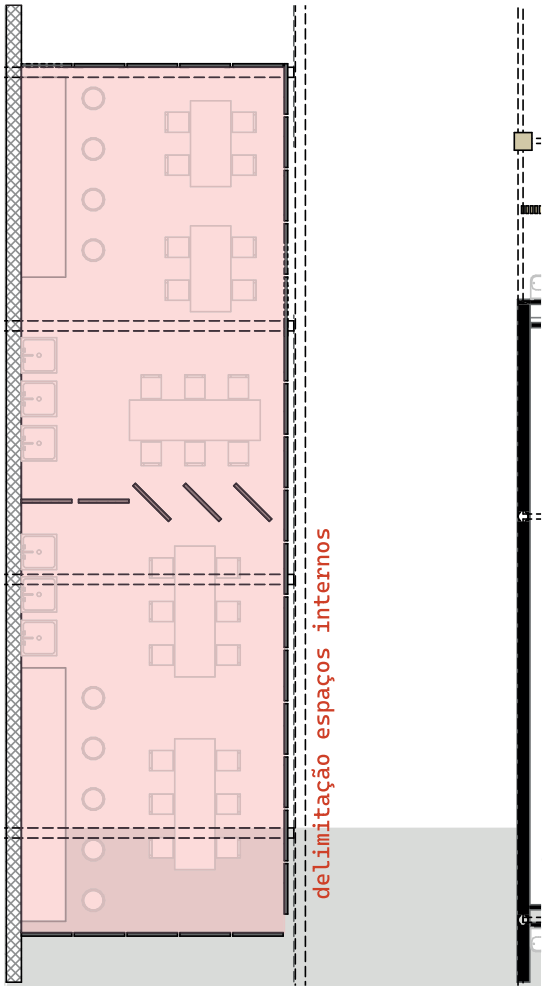


figura 88: reorganização programa.



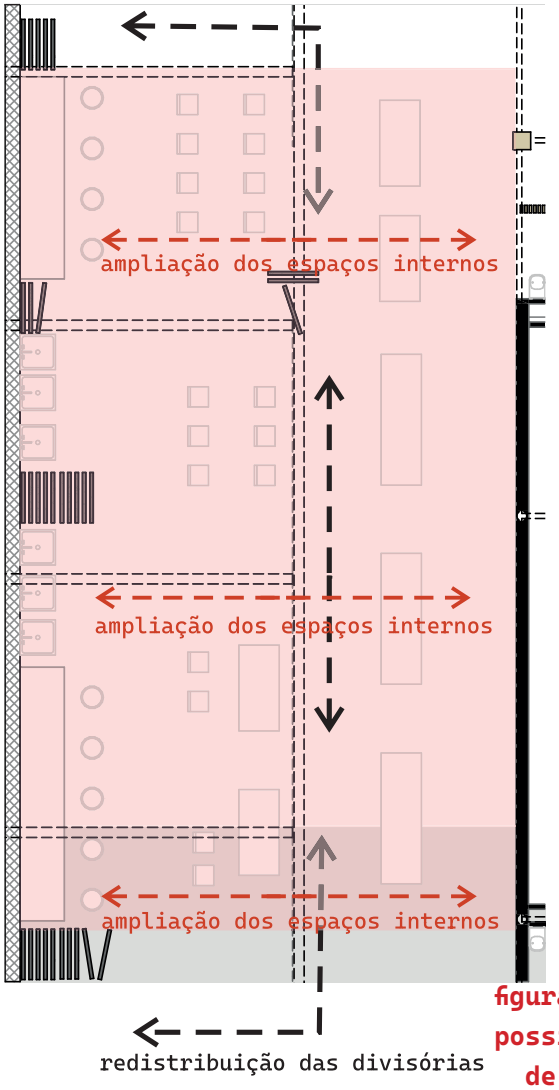
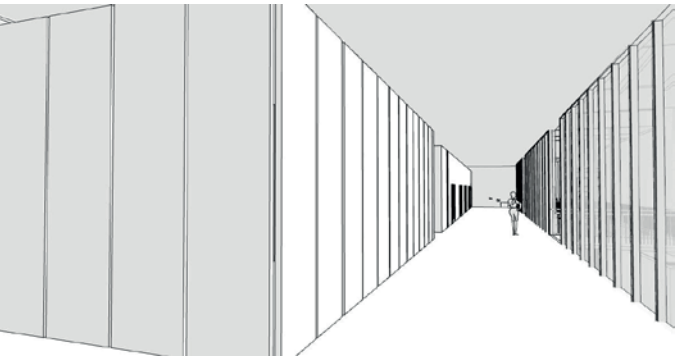


figura 89 a 92: possibilidades de ampliação dos espaços através das divisórias.



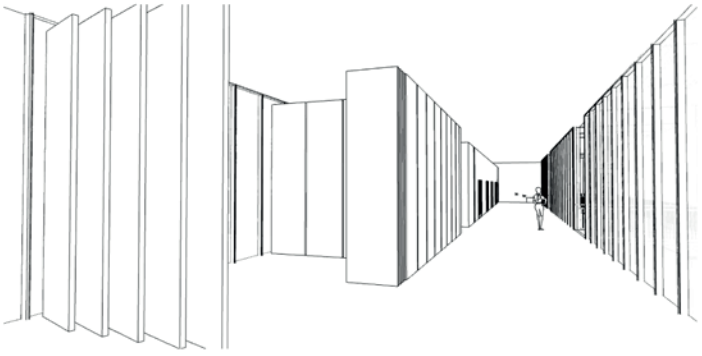






figura 93: perspectiva da rua interna compartilhada e diversidade de usos possíveis.





figura 94: perspectiva interna da plataforma elevada e pontes de conexão.



figura 95: perspectiva interna. colagem de mulheres em roda de debates.





figura 96: vista da R. Tapajós, representando a dinâmica urbana da região.





conclusão

05

CONSIDERAÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da ideia de se fazer uma arquitetura para mulheres, mas não que fosse voltada para remediar violências ou abusos sofridos, mas sim, uma arquitetura que pudesse evitar que esse tipo de situação acontecesse.
De forma que, através de um equipamento de educação, de socialização e conscientização, mulheres sejam capazes de alterar a realidade as quais são submetidas hoje, tendo autonomia perante às suas vidas e famílias.

Esta arquitetura então, pode ser definida pela palavra " Liberdade". Uma arquitetura que seja livre: livre de muros, de fechamentos, livre de usos rígidos, livre de isolamento, livre para se comunicar com o entorno, para convidar as pessoas à percorrê-la. Um espaço que todos sintam a liberdade de escolha sobre o que fazer nele.

Uma arquitetura que acolha aquelas mulheres, possibilitando debates e encontros, adaptando-se aos mais diversos tipos de usuários e usos, permitindo percursos, encontros e trocas de ideias. Um espaço que conscientize e capacite as pessoas, enquanto formação e enquanto indivíduo.

Assim, surgiu o projeto deste equipamento, prezando pela liberdade arquitetônica, urbana e social. Um gesto que visa atender questões específicas de um equipamento, ao mesmo tempo que busca atender a qualquer tipo de situação cotidiana, pensando na escala dos corpos da cidade, suas necessidades e como os espaços públicos que esses corpos percorrem podem ser espaços agradáveis, gentis à todos.

Com o decorrer da realização deste projeto, novas questões foram surgindo e potenciais foram sendo identificados, indo além do que fora estabelecido como objetivo inicial para o mesmo. Pude identificar que, este equipamento, mesmo que inicialmente não tenha sido concebido visando questões de sustentabilidade, a possui como forte característica, visto a tecnologia construtiva adotada, terraço verde, pisos drenantes,e que pode ser aprimorado quanto a esse aspecto, como implantação de sistemas de reúso d'água, placas solares pra geração de energia, etc. Também há seu potencial de expansão horizontal e vertical em área, que pode se tornar necessário com o decorrer do tempo.
O equipamento foi pensado para que fosse capaz de gerar novas qualidades sociais, seja capaz de alterar a qualidade de vida de quem dele utilizar. Através desse projeto, é capaz de se verificar que, uma arquitetura pública, em uma área não tão valorizada da cidade, pode sim ser tão qualificada quanto uma arquitetura de instituições privadas.



final.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Douglas. **Urbanidade e a qualidade da cidade**. 2012. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4221. Acesso em: 22 mar. 2022.

Archello. **Parque Biblioteca Belén.** Disponível em: https://archello.com/project/parque-biblioteca-belen. Acesso em: 07 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 6.766, de 19 de novembro de 1979.** Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências. Brasília: Presidência da República, 1979. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm. Acesso em: 22 mar. 2022.

CAPILLÉ, Cauê. **Arquitetura como dispositivo político: introdução ao projeto de Parques Biblioteca em Medellin**. 2017. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/884133/arquitetura-como-dispositivo-politico-introducao-ao-projeto-de-parques-biblioteca-em-medellin?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 24 mar. 2022.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **História**. Disponível em: http://centrocultural.sp.gov.br/historia/. Acesso em: 24 mar. 2022.

CTE. **Madeira engenheirada:** Você conhece essa tecnologia construtiva? 2020. Disponível em: https://cte.com.br/blog/inovacao-tecnologia/madeira-engenheirada-voce-conhece-essa-nova-tecnologia-construtiva/. Acesso em: 20 mai. 2022.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura.** 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HOLANDA, Frederico de. Urbanidade arquitetônica e social. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL E PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 29., 2010, Rio de Janeiro- RJ**. Simpósio temático: Urbanidades.** *[S.l.]:* Anparq, 2010. p 1-23. Disponível em: https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-307-1-SP.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Percepções sobre segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade .**2021. Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/10/LocomotivaIPG_PesquisaSegurancaMulheresemDeslocamentosFinal-1.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

INSTITUTO SEB. **A Fábrica**. Disponível em: https://www.institutoseb.org.br/fabrica.html. Acesso em: 10 set 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JEHL, Jan. **Cidade para Pessoas.** 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MONTEIRO, M. L. Silva. **Casa de Cultura Ipiranga**. 2021. 70 f. TCC (Graduação) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2021.

NANNI, Natalia. **Livreto Centro Cultural São Paulo.** 2018. Disponível em: https://issuu.com/nataliananni/docs/ccsp. Acesso em: 29 mar. 2022.

NEVES, Fernando Henrique. **Planejamento de equipamentos urbanos comunitários de educação: Algumas reflexões.** 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cm/a/fxqGYSxhBQxpmDDLNPgntXn/abstract/?lang=pt. Acesso em: 22 mar. 2022.

REWOOD. **Carderno de detalhes construtivos.** Disponível em: https://rewood.com.br/materiais. Acesso em: 20 maio 2022.

RIBEIRÃO PRETO. **Lei nº 2.157 de 08 de janeiro de 2007.** Uso e parcelamento do solo**.** Disponível em: https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/legislacao-municipal/pesquisa.xhtml?lei=21377. Acesso em: 22 mar. 2022.

RIBEIRÃO PRETO. **Lei nº1629 de 20 de fevereiro de 2004.** Centro de Qualificação Profissional. Disponível em: https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/legislacao-municipal/pesquisa/lei/7637 . Acesso em: 20 mar. 2022.

SOUZA, Eduardo. **Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural São Paulo**. Archdaily. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/872196/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-sao-paulo-eurico-prado-lopes-e-luiz-telles. 2017. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

SILVA, A. C. B. da. **Campos Elíseos e Ipiranga:** memórias do antigo Barracão. Ribeirão Preto: Editora COC, 2006.

TENORIO, Gabriela. **Edifício gentil: como a arquitetura pode melhorar a nossa cidade.** 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/988709/edificio-gentil-como-a-arquitetura-pode-melhorar-a-nossa-cidade. Acesso em: 30 ago. 2022.

THINK OLGA. **Meu Ponto Seguro.** 2021. Disponível em: https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/11/Pesquisa_MeuPONTOSeguro_ThinkOlga.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

WISNIK, Guilherme. **Arquitetura e Cidade no Brasil. 2022.** Disponível em: www.sescsp.org.br/ead. Acesso em: 21 maio 2022.


DEIXA ELA EM PAZ
DEIXA ELA EM PAZ
DEIXA ELA EM PAZ
NÃO É NOR
TER MEDO DE


CARTAZES
MARIELLE PRESENTE!